



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE ENFERMAGEM

TILSON NUNES MOTA

CONTRIBUIÇÕES DE INTERVENÇÕES EDUCATIVAS NO ENFRENTAMENTO DA
VIOLÊNCIA ESCOLAR HÍBRIDA MEDIADA POR REDES SOCIAIS DIGITAIS

SALVADOR
2023

TILSON NUNES MOTA

**CONTRIBUIÇÕES DE INTERVENÇÕES EDUCATIVAS NO ENFRENTAMENTO DA
VIOLÊNCIA ESCOLAR HÍBRIDA MEDIADA POR REDES SOCIAIS DIGITAIS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia como requisito de aprovação para obtenção do grau de doutor em Enfermagem e Saúde na Área de concentração “Enfermagem, Cuidado e Saúde” na Linha de Pesquisa “O Cuidar em Enfermagem no Processo de Desenvolvimento Humano”.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ridalva Dias Félix Martins

SALVADOR
2023

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

M917 Mota, Tilson Nunes

Contribuições de intervenções educativas no enfrentamento da
violência escolar híbrida mediada por redes sociais digitais/Tilson
Nunes Mota. – Salvador, 2023.

138 f.: il.

Orientadora: Profª. Drª. Ridalva Dias Félix Martins.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Escola de
Enfermagem/Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde,
2023.

Inclui referências, apêndices e anexo.

1. Violência escolar. 2. Educação em saúde. 3. Tecnologia.
4. Inovação. 5. Redes sociais digitais. 6. Enfermagem. I. Martins,
Ridalva Dias Félix. II. Universidade Federal da Bahia. III. Título.

CDU 616-083:343.2

TILSON NUNES MOTA

**CONTRIBUIÇÕES DE INTERVENÇÕES EDUCATIVAS NO ENFRENTAMENTO DA
VIOLÊNCIA ESCOLAR HÍBRIDA MEDIADA POR REDES SOCIAIS DIGITAIS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia como requisito de aprovação para obtenção do grau de doutor em Enfermagem e Saúde na Área de concentração “Enfermagem, Cuidado e Saúde” na Linha de Pesquisa “O Cuidar em Enfermagem no Processo de Desenvolvimento Humano”.

Aprovado em 13 de fevereiro de 2023

BANCA EXAMINADORA

Ridalva Dias Félix Martins *Ridalva Dias Martins*

Doutora em Biotecnologia em Saúde e Medicina Investigativa pela Fundação Oswaldo Cruz (Brasil)

Universidade Federal da Bahia

Vânia Marli Backes *Vanilene Backes*

Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Catarina (Brasil)

Universidade Federal de Santa Catarina

Sinara de Lima Souza *Sinara de Lima Souza*

Doutora em Enfermagem pela Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto (Brasil)

Universidade Estadual de Feira de Santana

Climene Laura de Camargo *Ch Camargo*

Doutora em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo (Brasil)

Universidade Federal da Bahia

Anderson Reis de Souza *Anderson Reis de Souza*

Doutor em Enfermagem e Saúde pela Universidade Federal da Bahia (Brasil)

Universidade Federal da Bahia

Jaime Caravaca _____

Doutor em Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Catarina (Brasil)

Universidade de Costa Rica

Maria Cecília Leite de Moraes _____

Doutora em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo (Brasil)

Pesquisadora Colaboradora da Universidade Federal da Bahia, Brasil

Às pessoas e aos adolescentes que acreditam e
almejam um mundo sem violência.

AGRADECIMENTOS

Aos orixás e exus pelo que me tornei, e pela força para vencer esta jornada;

A minha orientadora **Ridalva Martins**, pela confiança, oportunidade e ensinamentos durante esses anos;

Ao professor **Anderson Reis**, amigo, estimulador, sua presença e apoio fizeram uma catálise em mim. Faltam palavras para agradecê-lo, obrigado!

À professora **Vânia Backes**, sua presença forte, sublime me ensinaram o que devemos ser. Gratidão por ser tão abundante, você transborda!

À **Climene Camargo**, meu verdadeiro carinho, respeito e reverência. Foram muitos ensinamentos e torço para que outros ainda venham neste caminho. Você é iluminada!

Aos professores **Jaime Alonso Caravaca Morera**, **Maria Cecilia Leite de Moraes e Sinara Souza**, para mim foi muito importante as participações na banca, suas preciosas contribuições ao trabalho enriqueceram esse relatório;

A tia **Edna Ferreira**, seu zelo comigo mesmo de longe é um sopro diário de esperança, fé, amor e prosperidade;

Ao meu amigo **Wilson Novaes** são tantos anos de caminhada, o que dizer para agradecer o que fez e faz por mim. Não há como calcular como você é importante para mim nessa jornada.

Aos meus pais, **Neuza Nunes e Adauto Mota** por não medirem esforços para que eu tivesse um bom acesso à educação. Amo-os muito;

Meu amigo **Thales Henrique Albieri** nossos diálogos estabeleceram a nossa amizade, por isso você se constituiu um irmão para mim, obrigado por estar perto;

A **Mateus Cruz**, companheiro, que cuida de mim e faz os dias mais felizes. Sim, você faz diferença em minha vida! Obrigado, por nos momentos de desânimo você chegar, reverter e estar junto nessa caminhada;

AGRADECIMENTOS

À **CAPES** pela concessão de bolsa de estudos o que viabilizou a realização desta pesquisa.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001.

RESUMO

NUNES-MOTA, Tilson. **Contribuições de intervenções educativas no enfrentamento da violência escolar híbrida mediada por redes sociais digitais**. Orientadora: Ridalva Dias Félix Martins. 2022. 138f. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.

O enfrentamento das expressões da violência escolar constitui-se um desafio histórico para educadores, profissionais da saúde e enfermagem, pesquisadores e agências internacionais. Desse modo, as pesquisas além da realização de investigações, têm se dedicado ao desenvolvimento de intervenções de enfrentamento das múltiplas formas de violência escolar. Este estudo teve como objetivo geral: analisar as contribuições de intervenções educativas analógicas e na ambiência virtual, mediadas pelas redes sociais digitais, no desenvolvimento de estratégias de enfrentamento da violência escolar. Trata-se de um estudo de intervenção, qualitativo, analítico, realizado em um colégio da rede estadual de ensino localizada em Salvador, Bahia, Brasil. A coleta de dados ocorreu entre os meses de março a novembro de 2019, no qual realizou-se seis (6) intervenções analógicas (oficinas em sala de aula) e múltiplas na ambiência virtual (redes sociais *Whatsaap*® e *Instagram*®) com 648 estudantes do turno vespertino, o conjunto de intervenções foi intitulado Edu-TEC:Violência-&-Saúde. Para a organização dos resultados foi utilizado a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo. Esta pesquisa teve aprovação do comitê de ética em pesquisa sob parecer 3.168.239. Os discursos coletivos revelam que, para os estudantes, ocorrência da violência é real, múltipla e que a escola é um ambiente inseguro e desconfortável. Ao tempo que reconhecem que a violência se dá também na virtualidade e ultrapassa o ambiente físico da escola, ou seja, há uma percepção de que tudo é uma coisa só e a violência está em ambos os espaços, assim, a violência é híbrida. Despontam ainda as contribuições das intervenções educativas, mediadas por redes sociais digitais, no enfrentamento da violência escolar uma vez que os estudantes apontam que as intervenções podem ser capazes de suscitar mudanças de atitude, mas a responsabilidade tem que ser de cada indivíduo. O estudo evidencia que o Edu-TEC:Violência-&-Saúde constituiu-se uma tecnologia educativa potente e eficaz, pois estrutura-se a partir de uma pesquisa-intervenção que utiliza a hibridização entre a ambiência analógica (espaço físico da escola) e ambiência virtual utilizando as potencialidades das redes sociais *Whatsaap*® e *Instagram*® como meio para o enfrentamento da violência no contexto escolar.

Palavras-chave: Violência escolar; educação em saúde; tecnologia; inovação; redes sociais digitais; Enfermagem

ABSTRACT

NUNES-MOTA, Tilson. **Contributions of educational interventions in coping with school violence mediated by digital social networks**. Advisor: Ridalva Dias Félix Martins. 2022. 138f. Thesis (Doctorate in Nursing) – School of Nursing, Federal University of Bahia, Salvador, 2022.

Dealing with expressions of school violence is a historic challenge for educators, researchers and international agencies. In this way, research, in addition to carrying out investigations, has been dedicated to the development of interventions to face the multiple forms of school violence. The general objective of this study was: to analyze the contributions of analogical and virtual educational interventions, mediated by digital social networks, in the development of strategies for coping with school violence. This is an intervention, qualitative, analytical study, carried out in a large public school in Salvador, Bahia, Brazil. During the data collection period, (6) analogical interventions (classroom workshops) and multiple interventions were carried out in the virtual environment (Whatsaap® and Instagram® social networks) with 648 students from the afternoon shift, which we named Edu-TEC:Violência -&-Health. To organize the results, the Collective Subject Discourse technique was used. This research was approved by the research ethics committee under opinion 3,168,239. The collective discourses reveal that, for students, the occurrence of violence is real, multiple and that the school is an unsafe and uncomfortable environment. At the same time, they recognize that violence also occurs in virtuality and goes beyond the physical environment of the school, that is, there is a perception that everything is one thing and violence is in both spaces, thus, violence is hybrid. The contributions of educational interventions, mediated by digital social networks, also emerge in the fight against school violence, since students point out that interventions may be able to bring about changes in attitude, but each individual must be responsible. The study shows Edu-TEC:Violência-&-Saúde constituted a powerful and effective educational technology, as it is structured from a research-intervention that uses the hybridization between the analogue ambience (physical space of the school) and virtual ambience using the potential of Whatsaap® and Instagram® social networks as a means of coping with violence in the school context.

Keywords: School violence; Health education; technology; innovation; digital social networks

RESUMEN

NUNES-MOTA, Tilson. **Aportes de las intervenciones educativas en el afrontamiento de la violencia escolar mediada por las redes sociales digitales**. Conseiller: Ridalva Dias Félix Martins. 2022. 138f. Tesis (Doctorado en Enfermería) – Escuela de Enfermería, Universidad Federal de Bahía, Salvador, 2022.

Abordar las expresiones de violencia escolar es un desafío histórico para educadores, investigadores y organismos internacionales. De esta manera, la investigación, además de realizar investigaciones, se ha dedicado al desarrollo de intervenciones para enfrentar las múltiples formas de violencia escolar. El objetivo general de este estudio fue: analizar las contribuciones de las intervenciones educativas analógicas y virtuales, mediadas por redes sociales digitales, en el desarrollo de estrategias de enfrentamiento a la violencia escolar. Se trata de un estudio de intervención, cualitativo, analítico, realizado en una gran escuela pública de Salvador, Bahía, Brasil. Durante el período de recolección de datos, se realizaron (6) intervenciones analógicas (talleres presenciales) y múltiples intervenciones en el ambiente virtual (redes sociales Whatsapp® e Instagram®) con 648 estudiantes del turno vespertino, que denominamos Edu-TEC: Violência -&-Saúde. Para organizar los resultados se utilizó la técnica del Discurso del Sujeto Colectivo. Esta investigación fue aprobada por el comité de ética de la investigación bajo el parecer 3 168 239. Los discursos colectivos revelan que, para los estudiantes, la ocurrencia de la violencia es real, múltiple y que la escuela es un ambiente inseguro e incómodo. Al mismo tiempo, reconocen que la violencia también ocurre en la virtualidad y va más allá del ámbito físico de la escuela, es decir, existe la percepción de que todo es una sola cosa y la violencia está en ambos espacios, por lo tanto, la violencia es híbrida. Los aportes de las intervenciones educativas, mediadas por las redes sociales digitales, también emergen en la lucha contra la violencia escolar, ya que los estudiantes señalan que las intervenciones pueden lograr cambios de actitud, pero cada individuo debe ser responsable. El estudio muestra que Edu-TEC: Violência-&-Saúde constituyó una tecnología educativa poderosa y eficaz, ya que se estructura a partir de una investigación-intervención que utiliza la hibridación entre el ambiente analógico (espacio físico de la escuela) y el ambiente virtual utilizando el potencial de las redes sociales Whatsapp® e Instagram® como medios de afrontamiento de la violencia en el contexto escolar

Palabras llave: Violencia escolar; Educación para la salud; tecnología; innovación; redes sociales digitales

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Logomarca da ACCS: Redes Colaborativas e Tecnologias Digitais no enfrentamento da violência. Salvador, Bahia, Brasil, 2022.....	38
Figura 2 - Fachada do Colégio lócus do estudo. Salvador, Bahia, Brasil, 2022.	41
Figura 3 – Oficina 2 no lócus do estudo. Salvador, Bahia, Brasil, 2023.....	44
Figura 4 – Oficina 3 no lócus do estudo. Salvador, Bahia, Brasil, 2023.....	45
Figura 5 – Oficina 4 no lócus do estudo, com a distribuição dos grupos para elaboração do seminário, Salvador, Bahia, Brasil, 2023.	46
Figura 6 – Oficina 5 no lócus do estudo. Salvador, Bahia, Brasil, 2023.....	47
Figura 7 Publicação com o Avatar do projeto. Salvador, Bahia, Brasil,2023.....	56
Figura 8 – Card conceitual com orientações para o fortalecimento da saúde mental de estudantes. Salvador, Bahia, Brasil, 2023.	57
Figura 9 - Card conceitual sobre a violência escolar. Salvador, Bahia, Brasil, 2023.....	58
Figura 10 - Card conceitual sobre a violência contra a mulher. Salvador, Bahia, Brasil, 2023.	60
Figura 11 : Card conceitual sobre o tema da LGBTfobia. Salvador, Bahia, Brasil, 2023.	62
Figura 12 - Card conceitual sobre o tema da intolerância religiosa. Salvador, Bahia, Brasil, 2023.....	64
Figura 13 - Modelo explicativo do DSC, Salvador, Bahia, Brasil, 2022	66
Figura 14 – Diagrama metodológico da tese, Salvador, Bahia, Brasil, 2022.....	68
Figura 15 - Equipe de recursos humanos utilizada durante a pesquisa- intervenção. Salvador, Bahia, Brasil, 2022.	73
Figura 16 - Treinamento da equipe de recursos humanos na temática sobre violência nas redes sociais e linchamento virtual. Salvador, Bahia, Brasil, 2022.	73
Figura 17 - Treinamento da equipe de recursos humanos na temática sobre as expressões da violência. Salvador, Bahia, Brasil, 2022	74
Figura 18 - Treinamento da equipe de recursos humanos na temática sobre as expressões da violência racial. Salvador, Bahia, Brasil, 2022.....	74
Figura 19 - Aplicação de formulário de coleta de dados. Salvador, Bahia, Brasil, 2022.....	75
Figura 20 - Publicações em perfil anônimo na rede social Instagram® com propagação de violência sobre a escola. Salvador, Bahia, Brasil, 2022.....	89
Figura 21 – Diagrama das contribuições da pesquisa intervenção. Salvador, Bahia, Brasil, 2023.	98

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Detalhamento metodológico das intervenções em ambiência virtual mediada pela rede social digital WhatsApp®. Salvador, Bahia, Brasil, 2022	48
Quadro 2 – Detalhamento metodológico das intervenções em ambiência virtual mediada pela rede social digital WhatsApp®. Salvador, Bahia, Brasil, 2022.	48
Quadro 3 – Detalhamento metodológico das intervenções em ambiência virtual mediada pela rede social digital WhatsApp®. Salvador, Bahia, Brasil, 2022.	49
Quadro 4 – Detalhamento metodológico das intervenções em ambiência virtual mediada pela rede social digital WhatsApp®. Salvador, Bahia, Brasil, 2022.	49
Quadro 5 – Detalhamento metodológico das intervenções em ambiência virtual mediada pela rede social digital WhatsApp®. Salvador, Bahia, Brasil, 2022.	51
Quadro 6 – Detalhamento metodológico das intervenções em ambiência virtual mediada pela rede social digital WhatsApp®. Salvador, Bahia, Brasil, 2022.	52
Quadro 7 – Detalhamento metodológico das intervenções em ambiência virtual mediada pela rede social digital WhatsApp®. Salvador, Bahia, Brasil, 2022.	53
Quadro 8 – Detalhamento metodológico das intervenções em ambiência virtual mediada pela rede social digital WhatsApp®. Salvador, Bahia, Brasil, 2022.	54
Quadro 9 - Detalhamento metodológico das intervenções em ambiência virtual mediada pela rede social digital Instagram®. Salvador, Bahia, Brasil, 2022.....	55
Quadro 10 - Detalhamento metodológico das intervenções em ambiência virtual mediada pela rede social digital Instagram®. Salvador, Bahia, Brasil, 2022.....	56
Quadro 11 - Detalhamento metodológico das intervenções em ambiência virtual mediada pela rede social digital Instagram®. Salvador, Bahia, Brasil, 2022.....	57
Quadro 12 - Detalhamento metodológico das intervenções em ambiência virtual mediada pela rede social digital Instagram®. Salvador, Bahia, Brasil, 2022.....	58
Quadro 13 - Detalhamento metodológico das intervenções em ambiência virtual mediada pela rede social digital Instagram®. Salvador, Bahia, Brasil, 2022.....	59
Quadro 14 - Detalhamento metodológico das intervenções em ambiência virtual mediada pela rede social digital Instagram®. Salvador, Bahia, Brasil, 2022.....	60
Quadro 15 - Detalhamento metodológico das intervenções em ambiência virtual mediada pela rede social digital Instagram®. Salvador, Bahia, Brasil, 2022.....	61
Quadro 16 - Detalhamento metodológico das intervenções em ambiência virtual mediada pela rede social digital Instagram®. Salvador, Bahia, Brasil, 2022.....	63

Quadro 17 - Detalhamento metodológico das intervenções em ambiência virtual mediada pela rede social digital Instagram®. Salvador, Bahia, Brasil, 2022.....	63
Quadro 18 - Detalhamento metodológico das intervenções em ambiência virtual mediada pela rede social digital Instagram®. Salvador, Bahia, Brasil, 2022.....	64
Quadro 19 - Detalhamento metodológico da intervenções em ambiência virtual mediada pela rede social digital Instagram®. Salvador, Bahia, Brasil, 2022.....	64

LISTA DE ABREVIATURAS

ACCS	Ação Curricular em Comunidade e Sociedade
CRESCER	Grupo de Estudos da Saúde da Criança e do Adolescente
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EEUFBA	Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia
EJA	Educação de jovens e adultos
ENFC-97	Enfermagem no cuidado à saúde da criança e do adolescente
ESF	Estratégia de Saúde da Família
FACED	Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia
GEC	Grupo de Educação, Comunicação e Tecnologias
LGBTT	Lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais
PeNSE	Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar
PROEXT	Pró-reitora de Extensão
PSE	Programa Saúde na Escola
TALE	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 REFERENCIAL TEÓRICO: UMA APROXIMAÇÃO COM AS TEMÁTICAS CENTRAIS	23
2.1 VIOLÊNCIA ESCOLAR: ASPECTOS CONCEITUAIS E EPIDEMIOLÓGICOS	23
2.2 TECNOLOGIAS DIGITAIS E REDES SOCIAIS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	31
3. METODOLOGIA	37
3.1 PRÉ-METODOLOGIA: O ESTABELECIMENTO DE UMA REDE COLABORATIVA PARA O USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS COMO ESTRATÉGIA PARA O ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA ESCOLAR CONTRA ADOLESCENTES	37
3.2 PERCURSOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA INTERVENÇÃO, QUALITATIVA E ANALÍTICA - A CONSTRUÇÃO DO Edu-TEC: Violência-&-Saúde	39
3.3 LÓCUS DO ESTUDO	40
3.4 PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	42
3.5 COLETA DE DADOS	42
3.5.1 Questionário aplicado	43
3.5.2 Intervenções educativas na ambiência escolar	43
3.5.3 Intervenções educativas na ambiência virtual mediada pela rede social WhatsApp®	47
3.5.4 Intervenções educativas na ambiência virtual mediada pela rede social Instagram®	54
3.6 ANÁLISE DOS DADOS	65
3.6.1 Análise dos dados sociodemográficos	65
3.6.2 Discurso do Sujeito Coletivo	65
3.7 ASPECTOS ÉTICOS	66
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	69
4.1 DESENVOLVIMENTO DAS INTERVENÇÕES EDUCATIVAS MEDIADAS POR REDES SOCIAIS NO ENFRENTAMENTO DAS VIOLÊNCIAS VIVENCIADAS POR ADOLESCENTES NO AMBIENTE ESCOLAR.....	71
4.2 ENTRE O ANALÓGICO E O VIRTUAL: AS EXPRESSÕES HÍBRIDAS DA VIOLÊNCIA VIVENCIADAS POR ADOLESCENTES NO AMBIENTE ESCOLAR.....	77
4.2.1 Discurso-síntese 01: evidenciando a ocorrência da violência no ambiente escolar .	77
4.2.1.1 <i>Ideia Central 1A: A evidência de que ocorrência da violência é real e que a escola é um ambiente inseguro e desconfortável</i>	77
4.2.1.2 <i>Ideia Central 1B: A compreensão de que a violência no ambiente escolar é múltipla</i> .	79
4.2.1.3 <i>Ideia Central 1C: A percepção de que violência no ambiente escolar é estruturante.</i>	80

4.2.1.4 Ancoragem 1.....	82
4.2.2 Discursos-síntese 02: evidenciando a ocorrência da violência na ambiência virtual	83
4.2.2.1 <i>Ideia Central 2A: A noção de que a violência se dá também na virtualidade e ultrapassa o ambiente físico da escola.....</i>	83
4.2.2.2 Ancoragem 2.....	84
4.2.3 Discursos-síntese 03: evidenciando o caráter híbrido da violência escolar	85
4.2.3.1 <i>Ideia Central 3A: A percepção de que tudo é uma coisa só: a violência está em ambos os espaços, ela é híbrida</i>	85
4.2.3.2 <i>Ideia Central 3B: O reconhecimento de quando a violência híbrida se torna mais aparente</i>	86
4.2.3.3 <i>Ideia Central 3C: O reconhecimento dos estudantes de quando a violência escolar é híbrida e se torna frequente nas redes sociais</i>	88
4.2.3.4 Ancoragem 3.....	91
4.3 CONTRIBUIÇÕES DAS INTERVENÇÕES EDUCATIVAS, ANALÓGICAS E MEDIADAS POR REDES SOCIAIS DIGITAIS NO ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA ESCOLAR	93
4.3.1 Discurso síntese 4: elucidando contribuições das intervenções educativas no ambiente analógico	93
4.3.1.1 <i>Ideia Central 4A: As contribuições de atividades diversificadas no cotidiano escolar com a participação dos professores</i>	93
4.3.1.2 <i>Ideia Central 4B: As intervenções analógicas podem ser capazes de suscitar mudanças de atitude, mas a responsabilidade é individualizada</i>	95
4.3.1.3 <i>Ideia Central 4C: Contribuições do processo educativo na ambiência virtual para a organização de conceitos</i>	96
4.3.1.4 Ancoragem 4.....	97
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
REFERÊNCIAS	102
APÊNDICE A – Instrumento de coleta de dados.....	113
APÊNDICE B - TCLE destinado aos adolescentes de 18 anos ou mais.....	126
APÊNDICE C – TCLE destinado a\o responsável pelo adolescente participante.....	128
APÊNDICE D - TALE destinado ao responsáveis dos(as) adolescentes menores de 18 anos.	130
ANEXO A - Parecer de aprovação do comitê de ética em pesquisa	132

1 INTRODUÇÃO

O enfrentamento das expressões da violência escolar constitui-se um desafio histórico para educadores, profissionais da saúde e enfermagem, pesquisadores e agências internacionais. Organizações de todas as ordens têm se dedicado não apenas ao estudo da temática, como também ao enfrentamento das suas múltiplas formas. A escola é considerada uma instituição privilegiada para a formação de adolescentes que vivenciam nesta etapa de crescimento e desenvolvimento diversas mudanças físicas, cognitivas e sociais.

A própria noção de adolescência, haja vista sua historicidade, permite perceber a existência de um processo histórico da definição do conceito. Isso significa dizer que o entendimento coletivo acerca da adolescência tem uma perspectiva temporal, na medida em que a sociedade elaborou paulatinamente essa categoria para se referir a uma época específica do desenvolvimento humano, inclusive fomentando a criação de estatutos e legislações específicas. O fato é que os adolescentes brasileiros deveriam frequentar as escolas, via de regra, todos os dias, de modo que o ambiente escolar se tornasse o principal lugar de sociabilidade, formação de laços e interação social. Entretanto, o cenário de exclusão escolar Brasileiro revela que adolescentes de 15 a 17 anos são a faixa etária que mais está fora da escola (UNICEF, 2021).

Nesse sentido, pensar sobre a incidência da violência em ambiente escolar é importante não apenas para conhecer as causas do fenômeno, mas sobretudo para elaborar estratégias para sua prevenção. Ademais, os princípios que regem a sociedade brasileira, expressos na Constituição Federal de 1988, incluem a criação de um Brasil livre, justo e solidário, sem preconceitos e desigualdades de qualquer tipo (BRASIL, 1988). Entretanto, longe de se referir a uma realidade, o excerto do texto constitucional estabelece que tipo de país se quer construir. Refletir sobre as responsabilidades da comunidade escolar na construção desse projeto é imprescindível para se elaborar formas de contribuir com esse processo coletivo, e sempre inacabado.

Paulo Freire (2001) defende que aprender e ensinar são partes fundamentais da existência humana, em seus aspectos históricos e sociais. Assim, a educação faz parte de tudo o que nos atravessa na experiência vivida, posto que a espécie humana tem como principais características a construção e transmissão de conhecimento. Para Freire (2001), é próprio do ser humano educar e ser educado, sendo esses processos permanentes e contínuos. Podemos acrescentar ao pensamento de Freire a ideia de que a escola é, por excelência, o espaço institucional por meio do qual o Estado atua na formação de valores. Entende-se nesse sentido

que o ambiente escolar e os processos de ensino-aprendizagem são ferramentas importantes para a construção dos valores constitucionais expressos na Carta Magna.

A existência e a permanência de casos de violência nos ambientes escolares implicam entender a urgência na elaboração de estratégias para amenizar as tensões que culminam em episódios de violência. Isso porque múltiplos fatores incidem sobre as relações sociais e se conjugam na realidade vivida. Além disso, a emergência das tecnologias digitais na sociedade contemporânea fornece um novo escopo de relações que conecta e une os mundos virtual e real, derrubando qualquer separação hermética entre eles. Por meio da internet e do acesso às informações possibilitadas pelo uso das tecnologias digitais, estudantes, professores e gestores podem encontrar importantes ferramentas e meios para identificar, prevenir e até mesmo interromper a perpetuação dessas expressões da violência escolar.

No entanto, em muitos casos, a escola possui seus próprios mecanismos de exclusão e seleção social, o que pode ser um fator associado ao desencadeamento de comportamentos violentos dentro ou fora da instituição. A escola não se configura como uma bolha à parte da sociedade, tampouco está resguardada das dinâmicas do mundo social, a exemplo da ambiência virtual, de modo que está atravessada por mecanismos remodelados de exclusão e reprodução de desigualdades.

No âmbito escolar, a violência pode ser definida como resultado de uma multiplicidade de forças sociais. Com lógica própria, ela assume determinados contornos em consequência de práticas inerentes às instituições escolares e ao sistema de ensino, bem como às relações vivenciadas pelos estudantes, professores e profissionais da escola (ABRAMOVAY, 2002; MOURA; LOVISOLO, 2017). Apesar desse agravo ser mais antigo do que se repercute no cotidiano escolar, os estudos ainda necessitam avançar na reflexão desse conceito e no comportamento epidemiológico das suas manifestações.

Durante muito tempo, considerou-se a violência escolar como sinônimo da palavra inglesa *bullying*, a qual é derivada do termo *bully*, cuja tradução livre significa “tirano” ou “valentão” (OLWEUS, 2010). Contudo, estudos mais recentes e a legislação brasileira ampliaram o seu sentido para uma forma perversa de relação interpessoal que ocorre no seio de um grupo por meio de agressões intencionais que não se restringem apenas ao ambiente escolar (FRICK, 2016; BRASIL, 2015).

Estudos apontam que as manifestações violentas dos(as) adolescentes escolares ocorrem através da destruição do patrimônio, seja ele público ou privado; xingamentos; racismo; homofobia, lesbofobia, transfobia; furtos; agressões físicas entre si ou direcionadas aos professores e servidores da instituição (ESPELAGE *et al.*, 2013; WOLKE; LEREYA, 2015;

MELLA, 2017). Contudo, diante das múltiplas expressões da violência escolar, ainda são necessários registros que viabilizem o monitoramento adequado de sua ocorrência.

Segundo estimativas divulgadas pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF, 2018), em algum lugar do mundo, um em cada três estudantes entre 13 e 15 anos sofre algum tipo de ofensa ou se envolve em brigas corporais. Entretanto, as informações só correspondem a essas duas expressões da violência que pode acontecer no espaço escolar. Além dessas manifestações, os adolescentes escolares lidam diariamente com o risco de vivenciar agressões sexuais, bem como violências baseadas na orientação sexual e na identidade/expressão de gênero.

Em partes do Camboja, Indonésia, Nepal e Vietnã, os adolescentes escolares avaliaram suas escolas como locais inseguros, pois consideraram que, por muitas vezes, foram expostos a situações de assédio por parte de colegas e professores, devido ao uso de linguagem degradante e punição física (GERSHOFF, 2017). A Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) do Brasil, utilizando um plano amostral de 102.301 estudantes, evidenciou que 9,5% não se sentiam seguros no ambiente escolar (BRASIL, 2016b). Para Reis, Malta e Furtado (2018), ao monitorar o risco de violência entre os adolescentes escolares, verificou-se um aumento significativo no envolvimento deles com agressões físicas, especialmente quando associadas ao uso de armas de fogo dentro da escola.

No mesmo sentido, pesquisa realizada com 279 adolescentes escolares de Salvador (MOTA *et al.*, 2018) identificou um alto risco de *bullying* físico (45,6%) entre esse grupo populacional, em sua maioria do sexo masculino (59,6%) e autodeclarado da raça negra (77,9%). Contrariando as evidências de risco da violência escolar supracitadas, estudo realizado em Campina Grande-PB (com 678 estudantes evidenciou prevalência de atos concretizados de *bullying* psicológico (23,3%), seguido do *bullying* físico (15%) e *bullying* virtual (5,5%) (MARCOLINO *et al.*, 2018).

Diante da situação epidemiológica e das repercussões na saúde mental causadas pela violência na escola, cabe destacar as intervenções políticas que visam intervir nesse cenário. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em vigor desde a década de 1990, se constitui juridicamente como uma das estratégias do Estado para que nenhuma criança ou adolescente seja vítima de violência (BRASIL, 1990). Destacar a importância do ECA é fundamental para dissipar a reprodução do senso comum que imputa a essa conquista de direitos a responsabilidade pela indisciplina dos estudantes e, por consequência, pela violência escolar.

Ainda sobre as intervenções jurídicas, cabe destacar a Lei n. 11.525, em vigor desde 2007, que foi acrescentada à Lei de Diretrizes Básicas da Educação (BRASIL, 2007b), trazendo

no currículo do ensino fundamental, obrigatoriamente, conteúdo que trate dos direitos das crianças e dos adolescentes, bem como orientando pela produção e distribuição de material didático nesse sentido. Tal ordenamento é muito importante, tendo em vista que o ECA considera tanto a criança quanto o adolescente como cidadãos em condição excepcional de desenvolvimento, ao mesmo tempo em que reitera a importância da sua participação e ampliação do exercício da cidadania. Conhecer seus direitos e deveres é também uma forma de instrumentalizar os discentes de seus direitos e assim combater violências.

Diante da complexidade da violência escolar e suas repercussões na saúde de adolescentes, em 2007, foi criado o Programa Saúde na Escola (PSE) com o objetivo de implementar atividades educativas com vistas à promoção da saúde, da cultura de paz e prevenção de agravos (BRASIL, 2007a). Tendo em vista que as ações do PSE são obrigatoriamente desenvolvidas em articulação com a Estratégia de Saúde da Família (ESF), a qual preconiza o estabelecimento do vínculo entre a equipe multiprofissional e a comunidade, destaca-se a atuação das(os) enfermeiras(os) no reconhecimento e intervenção nos casos de violência escolar (MACHADO *et al.*, 2015).

Do mesmo modo que são múltiplas as formas de violência, também podem ser plurais e variadas as estratégias de enfrentamento que, por sua vez, requerem articulação e esforços coletivos para sua elaboração e implementação. As linhas de frente dessa batalha são as mais variadas possíveis, no sentido de que profissionais de todas as áreas e a comunidade escolar em sua diversidade caleidoscópica têm responsabilidades coletivas e individuais nesse processo.

Para a realização desta tese, optei pela utilização de meios analógicos, compreendidos como aqueles nos quais acontece a materialidade das relações sociais face a face, quais sejam a própria escola e a sala de aula, por exemplo e que não necessitam necessariamente de equipamentos eletrônicos para o acesso. Além disso, foram utilizados meios virtuais, entendendo-os como fundamentais na experiência dos estudantes, sendo aqueles ambientados no mundo virtual. Pensando assim, foram realizadas oficinas na sala de aula e na ambiência virtual neste caso utilizando as redes sociais digitais *whatsapp*® e *instagram*®, que atuaram como meios para identificar, discutir, integrar e intervir com fins a minar as estruturas que produzem a violência escolar. Considero fundamental a perspectiva de que as violências também ocorrem no ambiente digital, a exemplo do linchamento virtual, que apareceu sobremaneira nos resultados dessa pesquisa, o qual caracteriza-se por publicações disparadas contra um sujeito, a fim de compor uma espécie de julgamento público, frequentemente seguido de condenação (BRASILEIRO; AZEVEDO, 2020).

Tais meios, analógico e digital, se inter cruzam, ou seja, são híbridos na produção de episódios, casos e relações escolares violentas.

Ademais, a ambiência virtual das redes sociais digitais influencia de maneira significativa nos comportamentos e hábitos dos indivíduos. Pelos quais há o rompimento entre as barreiras entre a vida pública e privada, transitam entre o anonimato e a fama, através da produção e do consumo de conteúdo, ou seja, assim configuram-se as novas formas de interação desses corpos e da hibridização da vida onde as relações e expressões da violência também são híbridas.

Nesse âmbito, com o auge da internet, adolescentes utilizam as redes sociais digitais, através dos computadores e dispositivos móveis (*tablets e smartphome*), principalmente para fins de comunicação e trocas de informações. Da mesma maneira, ocorre com os adolescentes no espaço escolar, onde vivenciam todas essas trocas de informações e desenvolvem formas híbridas de interações. Portanto, as potencialidades oferecidas pelas redes sociais digitais podem auxiliar no enfrentamento dos casos de expressões da violência escolar, bem como, em suas relações interpessoais o que possibilitará uma vida mais livre da violência.

Assim, para intervir na realidade das expressões da violência que acomete os adolescentes em ambiente escolar, foi viável estabelecer uma parceria entre a Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (EEUFBA), através do Grupo de Estudos da Saúde da Criança e do Adolescente (Crescer), com a Faculdade de Educação (FACED), através do Grupo de Educação, Comunicação e Tecnologias (GEC). Por meio dessa parceria, elaboramos uma proposta de Ação Curricular em Comunidade e Sociedade (ACCS) intitulada “Redes colaborativas e tecnologias digitais no enfrentamento às expressões da violência estrutural”, a qual foi aprovada e financiada pelo Edital ACCS 2019.1 & ACCS FORPOP 2019.1.

Vale salientar, que as vivências no Crescer possibilitaram a problematização das etapas do projeto de pesquisa que originou esta tese. Além disso, durante o curso de doutoramento e em parceria com o referido grupo de pesquisa organizamos um livro, sobre a temática da violência, intitulado: Saúde da Criança e do Adolescente Enfoques sobre hospitalização e violência (CAMARGO *et al.*, 2020). A obra tem um olhar autêntico sobre a violência contra a criança e ao adolescente, envolvendo formas particulares de perpetração, a exemplo, a violência por meio das redes sociais digitais.

Apesar da importância da temática, percebo uma polifonia nas produções sobre redes sociais digitais, violência e violência escolar no Brasil. Durante o curso de doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde (PGENF) da Universidade Federal da

Bahia (UFBA), o projeto que originou o estudo desta tese surgiu da relação de amizade entre um doutorando da EEUFBA e um doutorando da FACED (*in memoriam*) os quais unificaram seus aportes teóricos para desenvolver uma proposta de intervenção que utilizasse as redes sociais digitais, em uma perspectiva de rede colaborativa, como meio para enfrentamento da violência escolar. Ademais, pensamos no potencial de inovação tecnológica desta proposta para efetividade de intervenções mediadas por redes sociais digitais.

Com base no exposto, o presente estudo apresenta como **objeto** intervenções educativas analógicas e na ambiência virtual, mediadas pelas redes sociais digitais, podem ser utilizadas no enfrentamento da violência escolar híbrida e como **questão de pesquisa**: como as Intervenções educativas analógicas e na ambiência virtual, mediadas pelas redes sociais digitais, contribuem para o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento da violência escolar híbrida?

Para tanto, delineamos como **objetivo geral**: Analisar as contribuições de intervenções educativas analógicas e na ambiência virtual, mediadas pelas redes sociais digitais, no desenvolvimento de estratégias de enfrentamento da violência escolar híbrida.

Os objetivos específicos são:

Descrever vivências de violência escolar sofrida por adolescentes;

Desenvolver intervenções educativas analógicas e na ambiência virtual mediada por redes sociais digitais no enfrentamento da violência escolar;

Acompanhar o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento da violência escolar mediadas por redes sociais digitais propostas por adolescentes;

Apreender contribuições das intervenções educativas no desenvolvimento das estratégias de enfrentamento à violência escolar mediadas por redes sociais digitais.

Acredita-se que a relevância desta pesquisa consiste no potencial de inovação tecnológica, através do uso das tecnologias digitais e da internet, para o desenvolvimento de ações de enfrentamento das expressões da violência escolar, pois, através de ações de educação, apoio e orientações poder-se-á empoderá-las(os) na prevenção, combate e controle da violência.

Ancorados nos argumentos apresentados, defende-se a **tese** de que: intervenções educativas, analógicas e na ambiência virtual, mediada por redes sociais digitais, são capazes de enfrentar as expressões de violência no ambiente escolar, uma vez que o fenômeno da violência se manifesta de maneira híbrida na experiência de adolescentes escolares.

2 REFERENCIAL TEÓRICO: UMA APROXIMAÇÃO COM AS TEMÁTICAS CENTRAIS

2.1 VIOLÊNCIA ESCOLAR: ASPECTOS CONCEITUAIS E EPIDEMIOLÓGICOS

Neste capítulo, busco realizar uma revisão do conceito de violência escolar, procurando caminhos e apontamentos teóricos que forneçam um aporte não apenas para compreender o fenômeno, como também para nortear caminhos para o desenvolvimento de intervenções educativas com adolescentes, que sejam mediadas pelas redes sociais digitais. Com base nas leituras realizadas, chego à conclusão inicial de que conceituar a ‘violência escolar’ não é uma tarefa fácil.

Os (as) autores(as) levantados e lidos destacam, em seus trabalhos, o caráter multicausal do fenômeno. Isso significa que a violência escolar, na verdade, é um processo complexo e plural nas suas formas de expressão. Tal constatação admite perceber, ademais, que não há um consenso na produção científica acerca do significado do conceito. Pesquisadores(as) da área avançam na construção desse debate, propondo teorias, definições, dificuldades e apontam as possíveis intervenções.

Abramovay e Rua (2002) chamam atenção para o fato de que a instituição escolar vem experimentando mudanças cotidianas, de modo que fatores externos a ela, como a desigualdade e a exclusão social, refletem na sua transformação como espaço não mais seguro. Na verdade, as autoras constataam que o próprio discurso que sustentava o ambiente escolar vem sendo minado. A escola é questionada por não preparar os estudantes para o mercado, por supostamente doutriná-los ideologicamente, pela perda de sua qualidade e por não corresponder às expectativas de parcelas da sociedade.

Também os professores são afetados por essas questões. Ristum (2010) entende que as condições de trabalho dos profissionais brasileiros da educação são verdadeiras violências contra a escola. Tanto os docentes como os discentes são os pilares fundamentais da instituição, de modo que as condições estruturais insuficientes, sucateadas e insustentáveis são violências cometidas contra o ambiente escolar.

O resultado desses processos é a incidência de violência escolar, ainda que os números relativos a esse problema sejam inferiores quando comparados aos dados sobre outros espaços. Nesse sentido, Ristum (2010) e Abramovay e Rua (2002) entendem a violência, de um lado, como as intervenções físicas de um indivíduo ou grupo contra outros indivíduos ou grupos, e de outro, todas as formas de violência, a exemplo da verbal, institucional e simbólica.

A questão das múltiplas formas da violência revela a necessidade de um aprofundamento empírico, bem como evidencia as dificuldades para uma definição inicialmente da violência e, por fim, o estabelecimento de pistas para o conceito da violência escolar. De acordo com Minayo e Souza (2003, p. 26), isso “provém do fato de ser um fenômeno da ordem do vivido (no qual se inclui também quem tenta teorizar sobre ela) e cujas manifestações provocam uma forte carga emocional em quem a sofre e em quem a presencia”. Além disso, os autores consideram a violência como um fenômeno complexo, polissêmico, controverso que precisa de uma observação sócio-histórica e subjetiva para o seu entendimento (MINAYO; SOUZA, 2003).

Em se tratando da violência escolar, Stelko-Pereira e Williams (2010) destacam a necessidade da sistematização do conceito, pois, por meio deste, será possível construir instrumentos precisos de avaliação da violência escolar, bem como permitirá estabelecer melhores estratégias de diálogo entre pesquisadores e entre pesquisadores e a sociedade (STELKO-PEREIRA; WILLIAMS, 2010, p. 46-47).

Assim, por se tratar de um tema de interesse coletivo e buscando exatamente oferecer parâmetros de vigência internacional para discutir a questão, os instrumentos das organizações internacionais estabelecem uma conceituação. Na tentativa de unificar um conceito, a Organização Mundial de Saúde (OMS) definiu a violência como o “uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si ou contra outra pessoa, um grupo ou uma comunidade, que resulte em lesões físicas, psicológicas, deficiência de desenvolvimento, privação e morte” (KRUG; 2002, p.5).

Embora a definição mundial coloque a violência como possível de ser percebida, há expressões que se manifestam na invisibilidade, portanto, tal noção é incapaz de abarcar toda a amplitude do fenômeno. É necessário, pois, levar em consideração aspectos da violência escolar que estão para além do visível. A definição da OMS a considera como uma coisa explícita e, portanto, percebida por quem dela é o objeto. Entretanto, existem outros aspectos da violência escolar que podem passar despercebidos se se levar em consideração apenas esse tipo de interpretação.

Fornecendo uma sistematização das publicações no Brasil sobre essa questão, Magalhães e Santos (2016) chamam a atenção para o fato de que o uso da força por si só não é suficiente para dar conta da complexidade do tema, sendo necessário ampliar o olhar para perceber as violências que estão para além da agressão física. Assim, muitos pesquisadores recuperam os escritos do sociólogo Pierre Bourdieu (1930-2002) para considerar os elementos

do campo simbólico presentes no fenômeno da violência escolar. Conforme apontado por Stelko-Pereira e Williams (2010, p. 48),

a violência escolar, por inserir-se no fenômeno da violência mais geral, também incorpora em seu conceito essa violência sutil, estrutural, que diminui as possibilidades de o indivíduo de classe popular ascender socialmente e transformar sua realidade.

Nesse sentido, não é possível considerar a violência escolar como algo estático que se esgota no campo do visível, do individual, pois emerge de práticas complexas, e o ato violento pode se insinuar despercebidamente como uma ação naturalizada, incrustada na ordem cotidiana (RISTUM, 2017; MARCOLINO, 2018; ODALIA, 2004). Portanto, as suas dimensões e significados estão em constantes adaptações, em virtude do momento histórico e do comportamento desse fenômeno com o sistema simbólico associado às determinações culturais. De acordo com Magalhães e Santos (2016), apesar da violência escolar ser relevante no Brasil, foi somente após a redemocratização do país que o debate sobre esse problema recebeu a atenção do Estado como um problema social e configurou-se como um objeto de estudo legítimo no meio público e acadêmico.

Charlot (2002) e Debarbieux (2001; 2002) são autores de referência na área da educação e na conceituação da violência escolar. O primeiro produz uma distinção relevante para as expressões ‘violência na escola’, ‘violência à escola’ e ‘violência da escola’. A primeira é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem ter relações com as dinâmicas da instituição, a exemplo de um grupo de ‘criminosos’ que adentra a escola para resolver ‘rixas’ com grupos rivais. A segunda, refere-se aos atos perpetrados por estudantes contra a instituição escolar, tais como: incêndios, depredação do patrimônio, roubos, furtos, agressões físicas ou verbais dirigidas aos professores e/ou trabalhadores. E a última consiste nas práticas institucionais e nas de violência simbólica, que prejudicam a todos os membros da escola, como o despreparo dos profissionais, o sistema de avaliação e atribuição de notas, palavrões e xingamentos proferidos pelos adultos, os preconceitos e estereótipos, o abuso de poder, entre outros.

Investigações de cunho conceitual como as de Debarbieux (2001; 2002) são categóricas ao afirmar que a definição de violência escolar deve levar em consideração a voz e a experiência das vítimas, para além de uma delimitação ligada à tipificação penal. Isso porque a violência opera nos níveis físico, mental, psicológico e simbólico, de modo que perpassa inerentemente a experiência e a subjetividade do vivido. Debarbieux (2002) destaca que a maior violência que um pesquisador pode cometer é negar às vítimas o seu estatuto de vítima, deslegitimando a violência por elas sofrida.

O autor, ao analisar nos estudos franceses a trajetória da violência escolar como um objeto de estudo, afirma que antes de defini-la, é necessário mostrar como ela é socialmente construída e quais fatos sociais heterogêneos a influenciam. Ademais, discute a tentativa de um agrupamento, de acordo com categorias sociais e ordens institucionais, dos fatos que são qualificados como violência escolar pelos próprios atores sociais que a sofrem, a executam ou que dela são testemunhas. Para essa tentativa de agrupamento e qualificação da violência escolar, Debarbieux (2002) considera ser limitado estabelecer esses limites entre o que for passível de punição penal, como as agressões sexuais, os roubos e o porte de armas, e os outros atos de transgressão dentro do espaço escola, como a agressão verbal expressa através do não cumprimento das regras instituídas, a falta de respeito aos professores e colegas, entre outros. Assim, não podemos considerar a violência escolar apenas como “violência extrema que muitas vezes [*sic*] mascara uma violência rotineira [...] e que forma a base da destruição de muitas vidas” (DEBARBIEUX, 2002, p. 79).

Tendo em vista a dificuldade em se conceituar a violência escolar, Stelko-Pereira e Williams (2010) concluíram que, diante da complexidade, ainda não há o estabelecimento de um consenso capaz de incluir todas as suas manifestações e responder as inquietações das diversas áreas de conhecimento que a investigam. Portanto, em concordância com as autoras, compreendo a violência escolar como um agravo abrangente que envolve situações agressivas entre: os próprios estudantes; estudantes e funcionários; pais de estudantes e funcionários; e indivíduos não relacionados à escola, mas que nela ingressam a fim de cometer atos violentos.

Em relação as modalidades da violência escolar Stelko-Pereira e Williams (2010) a classificam em física; psicológica ou relacional; sexual e de destruição material do patrimônio. Além disso, a violência escolar pode ocorrer nas dependências da instituição ou durante o deslocamento do estudante entre a sua residência e a escola, ou vice-versa, nos eventos escolares para ou da escola, nos eventos escolares e em ambiências virtuais. Desse modo, concluo que a violência escolar e/ou demais expressões de violências sociais são híbridas. Isso porque, diante da cultura da mobilidade, a vida no espaço analógico se reproduz nas ambiências virtuais, ou seja, nas redes sociais digitais e nos demais espaços da rede mundial de computadores.

O último relatório do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), publicado em 2018, aponta a violência escolar como um problema global que acomete anualmente cerca de 150 milhões de estudantes (UNICEF, 2018). Ademais, constata que, devido à ausência de leis de proteção, aproximadamente 720 milhões de estudantes vivem em países onde os castigos corporais são permitidos dentro da escola (PINHEIRO, 2017). Uma análise dos países do

sudeste asiático (Indonésia, Malásia, Cingapura, Filipinas) evidenciou que a prevalência da violência escolar varia entre 7% e 59%, sendo as taxas mais altas nas Filipinas e em Singapura (SITTICHAJ; SMITH, 2018).

De acordo com a pesquisa de comportamentos de risco entre os jovens, produzida pelo Centro de Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos, constatou-se que anualmente 24% dos estudantes americanos estão envolvidos em uma ou mais situações de violência física (brigas, empurrões, tapas, chutes) na propriedade escolar. Esse estudo também evidenciou que cerca de 7% dos estudantes não frequentam a escola pelo menos um dia durante o mês por se sentirem inseguros durante o trajeto ou na própria escola (KANN, 2019).

Outro inquérito epidemiológico, publicado pelo Departamento de Educação e Departamento de Justiça dos Estados Unidos, realizado com diretores e estudantes das escolas secundárias norte-americanas, entre 2006 e 2018, demonstrou que houve um aumento na sensação de insegurança de 63% para 72%. Com relação à ocorrência da violência escolar, verificou-se um acréscimo de 19% na prevalência da agressão física e de 6% no porte de arma branca (facas, canivetes, estiletes) por estudantes. No entanto, o estudo não foi capaz de mensurar os percentuais de estudantes que tiveram o aprendizado comprometido em virtude das situações de violência vivenciadas (MUSU-GILLETTE *et al.*, 2018).

Estudo realizado com 360 estudantes entre 11 e 16 anos, de escolas públicas do norte de Portugal, identificou que aproximadamente metade dos adolescentes foi vítima de comportamentos agressivos e intimidatórios na escola. Esse trabalho também evidencia que, independente da faixa etária e do sexo, o tipo de violência mais prevalente foi a exclusão (33,8%), seguida da violência verbal (26%), das ameaças (18,9%) e da violência física (18,3%) (COSTA *et al.*, 2013).

Na América Latina, mais especificamente no Chile, uma investigação realizada com uma amostra representativa de 228.883 estudantes, do último ano do ensino médio, identificou que 9% dos alunos relataram ter sido vítima de violência escolar. Dentre os comportamentos violentos mais recorrentes, foram observados: as agressões verbais (10%), as agressões sociais (9%), as agressões físicas (5%) e o *cyberbullying* (5%) (ESPEJO, 2018). Assim, é importante perceber que o comportamento epidemiológico da violência nas escolas chilenas apresenta um perfil semelhante ao identificado em escolas portuguesas.

Independente das semelhanças epidemiológicas nas formas de expressão da violência observadas entre as escolas chilenas e portuguesas, Ramos e Gómez (2018) destacam que ainda são incipientes os estudos na América Latina. Desse modo, professores, pais, gerentes e agências governamentais têm se preocupado em entender o que acontece nas escolas latinas,

uma vez que os meios de comunicação distorcem a ocorrência dos eventos e criam alarmes de casos que não são passíveis de generalização (RAMOS; GÓMEZ, 2018). Andrades-Moya (2020), ao tratar do problema da convivência escolar, associando-a como prevenção à violência escolar, destaca que é necessário enfatizar a importância de pleitear propostas que melhorem as relações interpessoais na instituição.

Acompanhando o cenário dos países latinos, o Brasil apresenta um comportamento epidemiológico crescente para a violência escolar, sendo esta considerada um problema de saúde pública, que desafia as esferas governamentais e pesquisadores brasileiros. O primeiro estudo realizado incluiu apenas 13 estados brasileiros, mais especificamente suas capitais (Manaus, Belém, Fortaleza, Recife, Maceió, Salvador, Goiânia, Cuiabá, Vitória, Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre e Florianópolis), com um plano amostral composto por 33.655 estudantes, 3.099 professores e 10.255 pais e/ou responsáveis de escolas públicas e privadas (ABRAMOVAY; RUA, 2002). No contexto geral desse inquérito epidemiológico, as expressões de violência mais prevalentes nas escolas foram: a violência física; os roubos e furtos no ambiente escolar (entre os estudantes e entre os professores); e o porte de arma na escola (ABRAMOVAY; RUA, 2002).

Sobre o cenário de violência nas escolas brasileiras, a primeira edição da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) verificou, em uma amostra de 60.973 escolares do 9º ano do ensino fundamental, um percentual de 30,8% de envolvimento em situações de *bullying* (MALTA *et al.*, 2010). Na segunda edição da mesma pesquisa, realizada em 2012, evidenciou-se que, entre os 109.104 estudantes entrevistados, 27,5% não são bem tratados pelos colegas, 7,2% são intimidados por estes e 20,8% praticam o *bullying* (MALTA *et al.*, 2014). Em sua terceira edição, desenvolvida nos 26 estados brasileiros e Distrito Federal, constatou-se que, de um total de 102.301 adolescentes escolares, 19,8% cometeram agressões entre os colegas (BRASIL, 2016b). Cabe salientar que todos os inquéritos supracitados utilizaram a expressão *bullying* como um sinônimo para violência na escola.

Desse modo, Mello *et al.* (2018), ao comparar a tendência da violência escolar nas capitais brasileiras, considerando as três edições da PeNSE, observou uma elevação na frequência de vitimização de 5,4% em 2009 para 7,2% em 2012 e 7,4% em 2015, ou seja, um crescimento de 37% no período. Quanto à prevalência por localização geográfica, o mesmo estudo identifica as cidades de Porto Velho, Manaus, Macapá, Palmas, São Paulo e Cuiabá, como as capitais que apresentaram aumento progressivo do problema no período.

Segundo as estimativas da PeNSE, dos 6.374 estudantes do 9º ano do ensino fundamental entrevistados em Salvador (Bahia), 22% informaram que tiveram as aulas

suspensas ou interrompidas por motivo de insegurança, em termos de violência, pelo menos uma vez no ano anterior à realização da pesquisa (BRASIL, 2016b). Além disso, aproximadamente 62,9% dos entrevistados relataram que a sua escola está localizada em áreas de risco de assaltos, furtos e homicídios. Apesar dessa sensação de insegurança, a frequência da violência escolar na capital baiana é considerada baixa (4,3%) quando comparada às outras capitais do nordeste, a exemplo de São Luís (6,5%), Fortaleza (5%), Maceió (4,8%), Teresina (4,7%) e Aracaju (5,9%) (BRASIL, 2016b).

Já a pesquisa PeNSE de 2019 destacou que um em cada cinco adolescentes escolares brasileiros já sofreu violência sexual, tendo sido tocado, manipulado ou beijado contra sua vontade. Além disso, 26,5% das meninas e 19,5% dos meninos informaram já ter sofrido *bullying* e 13,2% deles afirmaram que foram ofendidos em rede social (BRASIL, 2019). Tais dados se coadunam a outras questões, contribuindo para que, no resultado da mesma pesquisa, fosse descoberto que 21,4% dos estudantes achavam que a vida não valia a pena.

Com base nesses achados, pode-se conjecturar que a violência escolar compromete o corpo e o psicológico de quem a vivencia. Por isso, a UNICEF (2018) afirma que esse agravo traz sérias consequências para a saúde como a sensação de fadiga, insônia, desconcentração, podendo levar a depressão, problemas psicossomáticos, a perda de confiança ou desconfiança dos outros, ansiedade social, suicídio e até mesmo homicídio. Um episódio de violência, física ou simbólica, pode impactar enormemente no equilíbrio psicológico e na saúde mental de um estudante, de modo a comprometer o seu sucesso escolar, mas também a sua autoestima, sua sensação de pertença, sua identidade e sua saúde.

Os efeitos das violências esporádicas ou sistemáticas contra adolescentes na escola podem ser observados durante toda a sua vida escolar, mas não apenas nesse momento. Mourão e Noronha (2017) chamam atenção para o fato de que o sistema escolar não é o primeiro lugar que aparece nas denúncias de violência levadas ao público pela mídia. Entretanto, é lá onde ocorrem episódios esporádicos cujos efeitos permanecem, por vezes, subjacentes na psique dos adolescentes, causando traumas e inseguranças que os acompanharão pela vida.

Embora ainda não conheçamos a magnitude da violência escolar diante das suas múltiplas expressões, seus efeitos para a saúde dos(as) estudantes já vêm sendo temática de preocupação na literatura científica. Nesse sentido, estudos descrevem repercussões imediatas, tais como os problemas físicos diretamente associados à agressão – lesões corporais agudas, escoriações, fraturas, queimaduras etc. Outros efeitos são tardios, expressando-se no adoecimento físico ou psicológico, geralmente associado à somatização de toda e qualquer forma de expressão da violência, como a cefaleia, dor epigástrica, desordens alimentares,

cansaço, transtorno do sono, depressão, tentativa de suicídio e suicídio (BRASIL, 2010; UNICEF, 2018; SHETGIRI, 2013; FRICK, 2016).

Diante da complexidade da violência escolar e suas repercussões na saúde de adolescentes, em 2007, foi criado o Programa Saúde na Escola (PSE) com o objetivo de implementar atividades educativas com vistas à promoção da saúde, da cultura de paz e prevenção de agravos (BRASIL, 2007a). Tendo em vista que as ações do PSE são obrigatoriamente desenvolvidas em articulação com a Estratégia de Saúde da Família (ESF), a qual preconiza o estabelecimento do vínculo entre a equipe multiprofissional e a comunidade, destaca-se a atuação das(os) enfermeira(os) no reconhecimento e intervenção nos casos de violência escolar (MACHADO, 2015).

Como já mencionado, as repercussões da vivência da violência escolar não se limitam à esfera da saúde. Esse agravo repercute no modo de pensar e de agir do estudante, bem como na sua capacidade de enfrentar situações de dificuldades ou estresse pelo resto de suas vidas. Nesse sentido, entendemos que levantar a discussão sobre a atuação da enfermagem na prevenção à violência, em termos da educação em saúde e dentro do espaço escolar, além de ser o cumprimento de uma política pública, ela é fundamental. Para tanto, segundo Anunciação e Souza (2019), faz-se necessário o estabelecimento de uma rede de proteção e atenção aos adolescentes em situação de violência escolar, constituída por diversos atores e organismos, governamentais e não-governamentais que funcionem articulados e sejam realmente eficazes, a fim de assegurar a redução da violência.

Assunção *et al.* (2020), em estudo sobre as estratégias desses profissionais, realizado em um campus do Instituto Federal de Pernambuco (IFPE), destacaram que a escola precisa ser um espaço promotor e comprometido com a saúde coletiva dos estudantes, o que perpassa o combate à violência. A sistematização realizada pelos autores ressaltou que temas como violência e sexualidade aparecem sobremaneira na produção acadêmica, de modo que são necessárias reelaborações do papel dos enfermeiros no enfrentamento dessas questões em ambiente escolar. Alencastro *et al.* (2020), ao analisarem os efeitos de uma intervenção baseada no Teatro do Oprimido na redução da violência escolar, observaram a permanência dos participantes durante as intervenções. Nesse sentido, destacam que o problema não se encerra no campo da educação, mas perpassa pela área da saúde. Isso porque, para os autores, cabe também aos enfermeiros investir na promoção de uma cultura da não violência dentro do ambiente escolar, contribuindo assim para reduzir a ocorrência da violência escolar.

Beserra *et al.* (2020), ao levantar dados sobre este problema, destacam a imprescindibilidade do papel do enfermeiro, na medida em que este atua no protagonismo da

promoção da saúde coletiva em ambiente escolar. A formação permanente e o preparo para lidar com situações violentas são fundamentais nesse processo. O estudo destacou que 22,5% a 24,03% dos estudantes entre 10 e 19 anos já consideraram o ato do suicídio como uma possibilidade, o que ressalta a importância de esforços coletivos para a superação do problema e pressupõe não apenas a necessária articulação entre a comunidade escolar, mas a tomada de responsabilidade de todos os atores envolvidos.

2.2 TECNOLOGIAS DIGITAIS E REDES SOCIAIS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Em tempos de interconexão, comunidades virtuais e inteligência coletiva, Levy (2008) postula a partir dos princípios da cibercultura que estamos todos inter-relacionados em rede e isso norteiam o crescimento do ciberespaço, promovendo a criação de comunidades interligadas e, desse modo, reunindo indivíduos anônimos, ou não, em torno de interesses em comum. E tendo como pressuposto a conexão interligada entre todos que as comunidades virtuais podem unir, pois são espaços onde as informações encontram agentes e receptores. O fato é que as possibilidades abertas pelas tecnologias digitais carregam consigo a potencialidade de produzir valores e pensamentos, em uma lógica que não obedece a uma ordem teleológica da evolução para o bem ou para o mal, mas que considera as especificidades do processo, inclusive dos processos de interação no contexto educacional.

A despeito de investigar as interações entre a cibercultura e os contextos educacionais, Nunes (2018) aponta para a existência de uma experiência de tempo que se acelera e anuncia uma visão otimista da expansão dos meios digitais. Para ela, o computador se tornou o arauto dos novos tempos, salvador tecnológico, inclusive no sentido de ilustrar os graus de desenvolvimento e importância dos lugares com e sem ele. Os computadores seriam assim a “representação de um futuro imaginário cujo processo de industrialização não poderia ficar à margem. De igual modo, a estrutura social da economia tomou outro ritmo para acompanhar e dar sustentação a essa mudança paradigmática” (NUNES, 2018, p. 111).

Interessa-nos especificamente a ideia de que a internet e o advento das tecnologias digitais propiciaram a um número cada vez maior de usuários a possibilidade de construir uma vida virtual, (re)elaborada e (re)elaboradora de uma cultura própria num ciberespaço compartilhado, a fim de se expressar, mobilizar, confraternizar. As interações realizadas no espaço virtual, todavia, constituem o espelho do mundo cotidiano, até porque não há dois mundos, e sim uma realidade considerada analógica e outra na ambiência virtual. Portanto, “a sociedade virtual está presente no território virtual em sua complexidade, pluralidade e

diversidade a qual se agregam seus valores e objetivos no mundo globalizado da atualidade” (SILVA; FERNANDES, 2022, p. 219). Nesse sentido, qualquer separação entre os dois mundos (real e virtual), além de um equívoco analítico, é uma prática contraproducente.

Tendo em vista, portanto, a existência de uma cibercultura produzida no ciberespaço e profundamente ligada a vida social, capaz inclusive de ensejar a produção de valores e modos de pensamento, buscaremos agora elaborar reflexões sobre a cibercultura, as tecnologias digitais e a educação. Partimos do pressuposto de que o principal objetivo da educação brasileira é a formação de cidadãos aptos a executar o projeto de nação livre, justa e solidária expresso na Constituição Federal de 1988. Nesse sentido, questionamo-nos: quais as possibilidades de atuação das tecnologias digitais na educação? Como as transformações nas relações sociais advindas da mudança paradigmática das tecnologias têm afetado escolas, salas de aula, professores e estudantes? Antes de partimos para essa discussão de fato, algumas informações estatísticas sobre a capilaridade das mídias e tecnologias digitais carecem de elucidação.

Dados da Fundação Getúlio Vargas (*apud* MEIRELLES, 2022) apontam que, em junho de 2022, havia 447 milhões de dispositivos digitais (*tablets, smartphones, notebooks* e computadores) só no Brasil, uma estatística que indica quase dois aparelhos por habitante, sendo o *smartphone* o meio de maior acesso. Essa informação demonstra a capilaridade dos dispositivos entre a população brasileira. Em contrapartida, os dados colhidos pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) para o ano de 2019¹ apontaram que 82,7% dos domicílios brasileiros possuíam acesso à internet naquele ano (*apud* USO..., 2019), o que demonstra a discrepância entre o acesso à rede mundial de computadores e o quantitativo de dispositivos. Além disso, a pesquisa (BRASIL, 2019) inferiu que a principal função da internet para esses usuários era enviar e receber mensagens de voz e texto. Dessa forma, podemos perceber a operacionalidade das mídias sociais na comunicação entre pessoas, uma vez que elas assumiram protagonismo nas nossas vidas nos últimos anos. Portanto, o resgate desses dados nos rememora a atuação da escola na profusão de tecnologias e nos faz (re)pensar as estratégias de ensino aprendizagem, bem como as concepções pedagógicas doravante utilizadas.

A cibercultura transforma e é transformada pela docência, no sentido de que a expansão das tecnologias digitais tem modificado o processo de ensino-aprendizagem nos ambientes escolares. Não estamos falando apenas da dificuldade, a priori, de o docente ter de disputar a

¹ Os dados foram sistematizados em artigo do site do IGBEeduca. Para saber mais, ver: USO de internet, televisão e celular no Brasil. **IBGEeduca**, [s. l.], 2019. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/20787-uso-de-internet-televisao-e-celular-no-brasil.html>. Acesso em: 20 abr. 2020.

atenção dos estudantes com os smartphones, por exemplo. Trata-se aqui de pensar refletir que, conforme apontado por Antonio Virginio Neto *et al.* (2022, p. 3), quando pensadas em contexto educacional, as tecnologias digitais são capazes de “reelaborar e impactar as práticas educacionais, a percepção e produção do conhecimento que, por sua vez, abre o caminho para a constituição de sujeitos ativos e autorais nos percursos de aprendizagem”. Isso significa que essas tecnologias produzem transformações no tempo de produção do conhecimento e no tecido da comunicação, colocando em perspectiva a interlocução entre a formação, o papel formativo do professor, a escola, o estudante e suas redes de contatos.

Ao examinar as implicações para a educação das relações entre os jovens e os celulares, Mirabelli, Ferreira e Matos (2015, p. 281) destacaram que “estar conectado o tempo todo faz parte, portanto, dos desejos e dos modos de se entender como sujeitos no mundo”. Em outras palavras, parte da relação de identidade, e de ser no mundo dos jovens, hoje em dia está ligada a possibilidade de se comunicar a qualquer momento. Tal fenômeno permite a emergência de uma mistura e hibridização de tempos: lazer, trabalho e estudo são atravessados pela presença do ciberespaço, transitando pela vida do indivíduo. Os autores sinalizam para uma vivência de multiterritorialidade experimentada pelos estudantes após a entrada das tecnologias digitais de conexão contínua. O mesmo espaço da sala de aula contém inúmeros micro espaços virtuais coexistindo ali; são os grupos de *WhatsApp*® de turma, de trabalhos, de círculos de amizades, ou até mesmo as páginas oficiais do *Instagram*®, por exemplo.

É interessante considerar como, na hierarquia da sala de aula, comumente tem-se a proibição do smartphone como regra fundamental, de modo que a insistência na utilização do mesmo pelos estudantes pode ser lida como uma forma de subverter as normas impostas pelas instituições educacionais que comumente ignoram as condições, práticas e desejos juvenis. Cabe, portanto, elaborar estratégias pedagógicas que propiciem o diálogo com a cultura dos alunos, considerando que

jovens em rede estão conectados entre si e a uma gama imensa de conteúdos que chegam de forma fragmentada provocando seus sentidos, e mostram-se aptos a realizar leituras e escritas a partir de um mosaico construído pela remixagem desses conteúdos (MIRABELLI; FERREIRA; MATTOS, 2015, p. 287).

Entretanto, não é a simples utilização de uma tecnologia digital que, imediatamente, garante que aquele processo de ensino-aprendizagem será crítico e libertador. O docente tem de levar em consideração a utilização desses meios de um modo que seja possível articular as suas possibilidades para a construção do conhecimento crítico. Interessante é a constatação autocrítica dos autores supracitados quando destacam que

estamos em um período que não mais se formula problemas ou se amplia os sentidos e as interpretações dos fenômenos, mas, sim, estamos em uma sociedade tecnológica da reprodução ou repetição de recursos tecnológicos a serviço de uma “boa aula” ou, de um “bom recurso tecnológico”. Dessa maneira, percebemos que nós professores estamos nos afastando dos questionamentos da vida cotidiana para uma cientificidade dentro do ambiente escolar em detrimento de recursos tecnológicos, como se fossem estes a solução de todos os problemas (VIRGINIO NETO *et al.*, 2022, p. 6).

A colocação é interessante porque coloca em perspectiva o fato de que, sem uma base epistemológica que oriente as práticas pedagógicas para a construção de um conhecimento crítico, o uso por si só das tecnologias digitais não garante o sucesso do processo de ensino-aprendizagem. Isso porque os estudantes não necessitam mais se dirigir a escola ou a uma biblioteca, por exemplo, para obterem informações, estando estas nas palmas das mãos a alguns cliques de ‘distância’. Rejuany Silva (2020, p. 6) destaca que, nesse contexto, existe uma latente “necessidade de aprender em rede através de uma construção em conjunto do conhecimento ao utilizarmos a troca de experiências e informações”. Isso significa que o professor deve ter ciência de que vivemos em uma cibercultura, de modo que transforme sua postura, deixando de ser um transmissor do conhecimento para se tornar um docente que faz uso de métodos mais qualitativos de ensino, pautados na construção do saber, tendo o estudante como protagonista e as tecnologias digitais como ferramentas.

Pensando sobre questões semelhantes, Araújo, Couto e FicoSeco (2021, p. 365) defendem que “diante dessas novas práticas colaborativas no mundo cibercultural, o professor também se identifica como usuário ativo desse ambiente virtual, principalmente das tecnologias móveis, e reflete a respeito desse uso, dentro e fora do seu contexto escolar”. Essas reflexões são importantes para se pensar as bases epistemológicas que podem orientar a utilização, por parte dos professores e pesquisadores, das mídias e tecnologias digitais em sala de aula. Nesta pesquisa utilizamos duas mídias digitais popularmente conhecidas pelos adolescentes como meio potente para as intervenções educativas na ambiência virtual, que foram o *WhatsApp*® e o *Instagram*®.

O *WhatsApp*® foi desenvolvido em 2009 por Brian Acton e Jon Koum e se tornou o principal aplicativo de mensagens instantâneas utilizado no Brasil. Todo tipo de material pode ser compartilhado, desde as clássicas mensagens até fotos, imagens, vídeos, áudios e hiperlinks. Já o *Instagram*® foi lançado em 2010 e ganhou rapidamente popularidade. Os dois aplicativos hoje pertencem a empresa responsável pelo *Facebook*®, outra rede social de intensa popularidade.

A funcionalidade e facilidade dessas redes para a criação de grupos e compartilhamento instantâneo permitem exatamente compor microcosmos virtuais e pequenas comunidades no

ciberespaço. No que diz respeito à quantidade de usuários no Brasil, a pesquisa PANORAMA – (PAIVA, 2021) realizada para o ano de 2021 apontou que, dos 1926 aplicativos citados, o *WhatsApp*®, o *Instagram* e o *Facebook*® figuram cada um em mais de 30% das telas principais dos *smartphones*, o que nos informa sobre a frequência com que são utilizados pelos usuários. A pesquisa também demonstrou que o *WhatsApp*® é o aplicativo mais aberto ao longo do dia pelos entrevistados, representando um total de 54% de uso. Em segundo lugar está o *Instagram*, com 15%. Essas informações nos revelam que os usuários brasileiros estão o tempo todo acessando essas redes, as quais estão presentes em uma grande maioria dos *smartphones* e, portanto, fazem parte do cotidiano das pessoas. Nesse sentido, importa-nos realizar uma reflexão sobre a potencialidade dessas duas redes sociais em processos de ensino-aprendizagem.

Em relato de experiência publicado por José Reis *et al.* (2018, p. 197), os pesquisadores utilizaram o *WhatsApp*® como meio para o exercício pedagógico que pretendiam, considerando a presença do aplicativo nos *smartphones* dos estudantes, dispositivos que são um “meio privilegiado pelo qual a comunidade aprendente pode sentir-se motivada a criar e difundir conhecimentos”. Araújo, Couto e Fioseco (2021, p. 367), ao refletir sobre a utilização do aplicativo pelo professor de Língua Inglesa, destacam que “nesse espaço virtual, muitos docentes sentiam-se mais livres para compartilhar suas práticas pedagógicas”. A essas considerações importa adicionar a noção de que o *WhatsApp*®, sendo um aplicativo de mensagens instantâneas, insere-se dentro da lógica da cibercultura ao permitir potencializar a mobilidade intrínseca desse universo. Isso porque “a ideia de espaços e tempos determinados não condiz com a atual cultura, em que é possível se conectar à internet em qualquer lugar e horário, mesmo em movimento” (DRUMMOND; COUTO; SILVA; 2015, p. 122).

As potencialidades do *WhatsApp*® não passam despercebidas pela literatura especializada. Linhares; Chagas e Silva (2017) fizeram um apanhado das pesquisas produzidas sobre o aplicativo no ano de 2017 e concluíram que há duas formas dele ser utilizado entre os pesquisadores: os que o utilizaram nas intervenções ou pesquisas-ações e os que o utilizaram como ferramenta para criar grupos e ampliar as relações da sala de aula para o ciberespaço. Tais conclusões ressaltam o interesse crescente na temática e no aplicativo com objetivos pedagógicos.

Transpondo para o contexto da cibercultura as premissas da etnografia, a pesquisa realizada por Souza e Couto (2020) refletiu sobre os usos por parte de jovens de *Gifs* animados no Instagram. Em suas considerações, os autores destacaram que “a produção e circulação frequentes de GIFs animados nas *Stories* geram processos de ensino-aprendizagem” (SOUZA;

COUTO, 2020, p. 945). Isso implica dizer que os usos e compartilhamentos dos jovens na plataforma ressaltam práticas, saberes e atitudes dos usuários, em um movimento que vai na direção das relações sociais da cibercultura. Nesse sentido, Pereira *et al.* (2019) apontam que a intencionalidade pedagógica é um dos principais fatores na hora de considerar o *Instagram* como ferramenta. A partir de uma revisão sistemática das produções encontradas sobre o tema, os autores destacam que “o Instagram possibilita estudos educativos para as variadas áreas do conhecimento, das humanas as exatas” (PEREIRA *et al.*, 2019, p. 16).

As considerações apresentadas até aqui ressaltam a importância da construção de bases teórico-metodológicas firmes para a elaboração de estratégias pedagógicas para a utilização das tecnologias digitais. Isso porque a mobilidade experimentada no ciberespaço e no contexto da cibercultura permite o acesso, compartilhamento, reunião e seleção de informações em rápida velocidade. Além disso, a capilaridade da utilização desses meios e ferramentas por alunos e professores indica que seria contraproducente abandonar tais ferramentas do processo de ensino-aprendizagem. Para além do uso puro e simples das redes sociais, observamos a necessidade de intencionalidades pedagógicas bem fundamentadas, que justifiquem o uso das ferramentas e potencializem o ciberespaço como lugar produtor de valores, saberes e práticas.

3 METODOLOGIA

Esta sessão está organizada de modo a apresentar antecipadamente intencionalidades, reflexões iniciais e, posteriormente, as etapas do método científico adotado no estudo de tese.

Durante o desenvolvimento da pesquisa a escolha por um caminho metodológico de cunho interventivo, qualitativo e analítico se fez necessário considerando a complexidade do objeto em discussão que são as múltiplas formas de violência escolar, bem como a utilização de múltiplos meios tecnológicos para o desenvolvimento desta pesquisa. Assim, esta tese é parte de um projeto matriz denominado: “Efetividade de uma intervenção educativa no enfrentamento da violência escolar através de tecnologias digitais e redes sociais”, vinculado à Escola de Enfermagem e do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde da Universidade Federal da Bahia, Brasil.

Desse modo, a escolha por uma pesquisa de intervenção, qualitativa e de cunho analítico encontram-se alinhadas as necessidades e às complexidades na temática da violência escolar e o uso das redes sociais digitais. Uma vez que a mesma se expressa de múltiplas formas tanto no espaço analógico, ou seja, a escola, quanto nas redes sociais digitais dos estudantes participantes da pesquisa. Portanto, a escolha da metodologia proposta requereu do pesquisador um olhar ampliado frente aos objetos de em discussão, um planejamento estratégico metodológico prévio e flexível, uma equipe de coleta grande, dentre outros aspectos que apresentarei nas sessões subsequentes para uma melhor compreensão das(os) leitoras(es) e também no diagrama explicativo de todo o percurso metodológico (APÊNDICE A) desta tese.

3.1 PRÉ-METODOLOGIA: O ESTABELECIMENTO DE UMA REDE COLABORATIVA PARA O USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS COMO ESTRATÉGIA PARA O ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA ESCOLAR CONTRA ADOLESCENTES

Este tópico versa acerca da etapa pré-metodológica, no que tange ao estabelecimento de uma rede colaborativa organizada para o uso das tecnologias digitais como estratégia adotada para o enfrentamento da violência escolar entre o público adolescente.

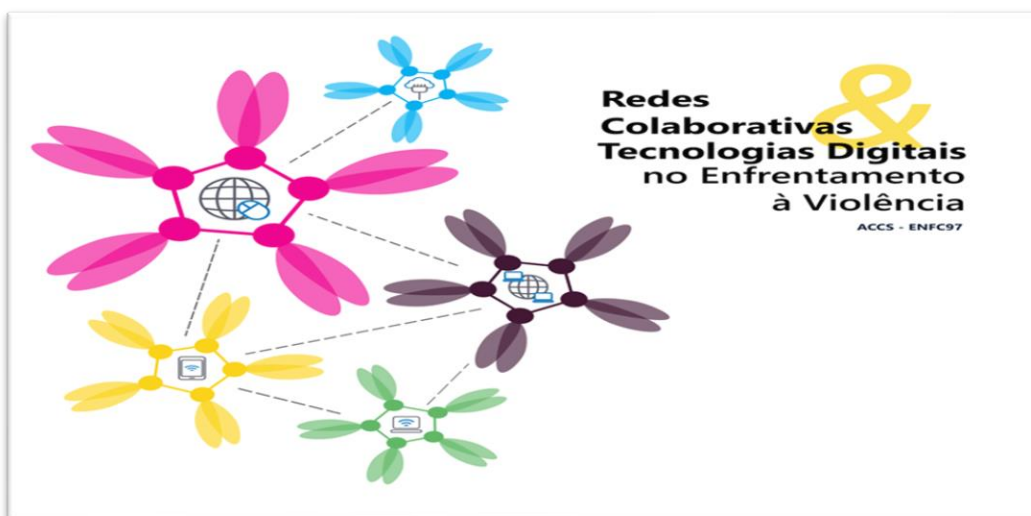
O trabalho de pré-desenvolvimento do método do estudo, inicialmente, se deu a partir do desejo de dois estudantes de doutoramento, ambos da UFBA, um da Escola de Enfermagem e um da Faculdade de Educação os quais propuseram a uma equipe multiprofissional de pesquisadores da Escola de Enfermagem, Faculdade de Educação e Faculdade de Comunicação e de outras áreas de saúde, a elaboração e posterior submissão ao edital 2019.1 uma proposta

de uma Ação Curricular em Comunidade e Sociedade – ACCS, o qual é um dos programas desenvolvidos pela UFBA, através da Pró-reitoria de Extensão (PROEXT), para a implementação de sua política institucional de extensão universitária, visando a fomentá-la através da concessão de apoio financeiro para custeio e bolsa de monitoria de extensão, comprovadamente necessários, para o desenvolvimento da iniciativa.

A proposta criada e aprovada foi intitulada Redes colaborativas e tecnologias digitais no enfrentamento da violência (Figura 1), sob o código (ENFC-97), com o objetivo de viabilizar a discussão sobre as potencialidades das tecnologias digitais e redes sociais no enfrentamento as expressões da violência escolar. Partindo de uma compreensão que assim como a pesquisa, a extensão também se propõe a diminuir as distâncias entre os saberes científicos e o popular. Refletimos que alcançar o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão seria uma meta a ser perseguida no sentido de garantir que a educação não se torne abstrata nem desligada das realidades.

As ações dessa ACCS vinculam-se aos Grupo de Estudos em Saúde da Criança e do Adolescente (CRESCER) e o Grupo de Pesquisa Educação Comunicação e Tecnologia (GEC), cadastrados no CNPq, e que fazem parte dos Programas de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde e ao Programa de Pós-Graduação em Educação. Nesse sentido percebemos que diante o estrangulamento dos recursos para pesquisa no Brasil apenas na lógica da construção de uma rede colaborativa conseguiríamos alcançar a execução do estudo.

Figura 1 – Logomarca da ACCS: Redes Colaborativas e Tecnologias Digitais no enfrentamento da violência. Salvador, Bahia, Brasil, 2022.



Fonte: Arquivo do pesquisador, 2022.

3.2 PERCURSOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA INTERVENÇÃO, QUALITATIVA E ANALÍTICA - A CONSTRUÇÃO DO Edu-TEC:Violência-&-Saúde

Trata-se de um estudo de intervenção, com abordagem qualitativa e analítico. Os estudos de intervenção, são considerados de excelência no campo da pesquisa e consiste nos participantes terem a mesma oportunidade de receber, ou não, a intervenção proposta e quando há grupos, esses devem ser os mais parecidos possíveis, podendo-se, assim, avaliar os efeitos e contribuições na ocorrência do desfecho, em um grupo sobre o outro (NEDEL, SILVEIRA, 2016). Para tanto, os estudos de intervenção são considerados um padrão de excelência em estudos que pretendem avaliar os efeitos de contribuições e/ou intervenções no decorrer de um determinado objeto de pesquisa, a exemplo desta tese que utilizou intervenções educativas analógicas, através de oficinas em sala e em ambiência virtual mediadas por redes sociais digitais sobre a temática da violência na escola.

No que diz respeito a promoção da saúde, as pesquisas-intervenção partem da necessidade de participação, envolvimento e protagonismo daqueles que são os seus alvos, tendo em vista os múltiplos desafios pedagógicos e profissionais enfrentados pela comunidade escolar. Considerando, como apontado por Mendes, Pezzato e Sacardo (2016) que a promoção da saúde é um horizonte complexo e multifacetado, é mister entender que a necessidade de ações conectadas e coletivas, processuais e de diferentes recortes não apenas para entender os problemas de saúde que afetam a comunidade escolar, mas para melhor combatê-los. (MENDES; PEZZATO; SACARDO, 2016). Aqui, é fundamental que o pesquisador, investigando uma determinada situação (no nosso caso a violência escolar), mantenha contado direto com o público alvo e seu território, de modo a modificar e ser modificado por essa realidade (MENDES; PEZZATO; SACARDO, 2016). Tais pressupostos justificam a opção pelas intervenções como metodologia para essa pesquisa.

Nesse sentido, durante a execução das intervenções foi possível perceber a complexidade do objeto violência escolar, suas múltiplas formas de expressão e também o seu comportamento híbrido expresso na ambiência virtual através da reprodução das violências redes sociais digitais.

Na pesquisa qualitativa, os objetos são considerados como variáveis múltiplas e complexas, de modo que os campos de pesquisa consistem nas práticas e interações dos sujeitos na vida cotidiana. Esse tipo de estudo busca apreender, a partir de materiais narrativos mais subjetivos, a totalidade dos aspectos no contexto em que são vivenciados, enfatizando os

caracteres dinâmicos, holísticos e individuais da experiência humana (POLIT, BECK, HUNGLER, 2018).

Nesse sentido, a análise qualitativa inicia-se com a compreensão e a internalização dos termos filosóficos e epistemológicos que fundamentam a investigação e, do ponto de vista prático, desde quando iniciamos a definição do objeto. Para tanto, Minayo (2012), defende que o modo de fazer depende do que o objeto demanda, e a resposta ao objeto depende das perguntas, dos instrumentos e das estratégias utilizadas na coleta dos dados. Portanto, a característica principal da análise qualitativa está no compreender, ou seja, o exercício de colocar-se no lugar do outro, levando em consideração as singularidades e os processos de subjetivação do viver.

3.3 LÓCUS DO ESTUDO

A pesquisa foi desenvolvida no Colégio Estadual Raphael Serravale, situada no final de linha do bairro da Pituba, na cidade de Salvador, Bahia. Apesar de estar em uma localidade considerada de bairro nobre, os estudantes que integram essa rede pública de ensino, são oriundo de bairros periféricos da capital baiana e encontram-se permeada pelo contexto da violência urbana interseccionada com as iniquidades sociais, de gêneros, raça e sexualidades.

Outro aspecto relevante é o último Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) registrado, que foi em 2015, do colégio considerado baixo, com nota 3,1 na escala que vai de zero a dez (PORTAL QEDU, 2021). O IDEB é medido a cada dois anos e a meta brasileira é alcançar o índice 6, o mesmo resultado obtido pelos países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), quando se utiliza a metodologia proposta pelo indicador em seus inquéritos educacionais 6,0 foi a nota obtida pelos países que ficaram entre os 20 mais bem colocados do mundo (BRASIL, 2018).

Nesse contexto, do baixo IDEB e permeados pela realidade da violência em suas comunidades estes estudantes as potencialidades que as tecnologias digitais, a internet e redes sociais digitais são essenciais no direcionamento de ações para o enfrentamento das expressões da violência escolar, pois, através de apoio e orientações poderá empoderar adolescentes para uma vida mais livre da violência. Partindo desta premissa, o colégio escolhido possuía rede *wi-fi*, disponível e já possuía a experiência de um projeto na disciplina de redação sobre o uso das redes sociais no ano anterior.

O colégio lócus da pesquisa oferece o ensino fundamental II (6º ao 9º ano), o ensino médio (1º ao 3º ano), educação de jovens e adultos (EJA) e educação especial. Conforme as

informações do Censo Escolar, realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), estão matriculados 1626 estudantes, sendo que no turno vespertino e entre o 1º e 3º ano do ensino médio (INEP, 2021) possui 700 estudantes matriculados. Vale destacar, que o quantitativo de estudante matriculados se modifica ao decorrer do ano letivo em virtude do absentismo escolar, este fator foi importante nas saídas e desistência de estudantes no decorrer da pesquisa.

Um outro aspecto para a escolha do *lócus* de pesquisa foi devido ao desenvolvimento concomitante das ações do ACCS, descrito durante a sessão da pré-metodologia, “Redes colaborativas e tecnologias digitais no enfrentamento às expressões da violência estrutural”, estratégia utilizada para composição de recursos humanos e também aporte financeiro via PROEXT-UFBA.

Figura 2 - Fachada do Colégio *lócus* do estudo. Salvador, Bahia, Brasil, 2022.



Fonte: Arquivo pesquisador, 2022.

Quanto às instalações físicas a escola possui 30 amplas salas de aula, uma biblioteca, uma cozinha, um laboratório de informática, um laboratório de ciências, uma quadra de esportes, uma sala para a diretoria, uma sala para os professores e uma para atendimento de estudantes com necessidades especiais (INEP, 2021).

A realidade dos(as) adolescentes que integram essa rede pública de ensino, encontra-se permeada pelo contexto da violência escolar. Assim, as tecnologias digitais e a internet podem ser consideradas uma potencialidade no direcionamento de ações para o enfrentamento das expressões da violência escolar, pois, através de apoio e orientações poderá empoderá-las(os) para uma vida mais livre da violência.

3.4 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Os participantes deste estudo foram 648 adolescentes, do turno vespertino, na faixa etária entre 11 e 17 anos. Esse número foi alcançado, pois a equipe de pesquisa encontrou no momento da primeira abordagem um grande número de absenteísmo escolar, o que por si só justifica a perda de 52 estudantes.

Além disso, adotou-se os seguintes critérios de inclusão: ser adolescentes devidamente matriculados no ensino médio, na faixa etária de entre doze e dezoito ano, frequentadores das aulas no período vespertino, com autorização sua e/ou do seu responsável para participação no estudo. Apesar dos critérios de exclusão exigidos pelo rigor científico, a exemplo dos propostos no projeto que originou esta tese: adolescentes que apresentassem distúrbios cognitivos e/ou psiquiátricos graves diagnosticados; deficiência auditiva; estivessem afastados do convívio escolar por licença maternidade; licença para tratamento de saúde e/ou em exercício escolar domiciliar; o pesquisador partiu de uma compreensão inclusiva e foram excluídos estudantes apenas que estudavam no turno matutino e noturno.

3.5 COLETA DE DADOS

Após a aplicação do Termo de Assentimento Live (TALE) e Esclarecido e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) os dados foram coletados, entre os meses de março a novembro de 2019, por meio de: uma entrevista individual para aplicação de um questionário; entrevistas grupais realizada durante as oficinas; conversas realizadas nos grupos de discussão por meio do aplicativo *WhatsApp*®; e postagens utilizadas nas intervenções mediadas pelo aplicativo *Instagram*®.

O questionário utilizado foi composto pelos blocos: questões socioeconômicas, demográficas, o uso das tecnologias digitais da internet e das redes sociais, as relações familiares e a vivência da violência escolar (APÊNDICE A). Para tanto, esta tese por ser qualitativa utilizou apenas os blocos questões socioeconômicas e demográficas, descrito na próxima sessão, pois o material empírico para análise adveio de outros momentos da intervenção, os quais serão descritos posteriormente.

O tempo médio da aplicação dos formulários foi de 20 minutos, realizados em encontro único, na quadra poliesportiva do colégio, obedecendo o distanciamento de aproximadamente

3m², desta maneira foi possível obter o ambiente reservado, mantendo a privacidade da equipe de pesquisa.

Além disso, foram realizadas outras intervenções consideradas analógicas, em oficinas grupais de intervenção, que foram gravadas e posteriormente transcritas na íntegra. Ademais, as atividades oficinas grupais de intervenção, obtidas durante seis encontros, com um tempo total de três horas para cada turma, perfazendo um total de 48 horas (16 turmas).

3.5.1 Questionário aplicado

a) Inquérito socioeconômico e demográfico

Este instrumento foi constituído por um bloco temático com características socioeconômicas e demográficas contém quinze questões fechadas para levantamento das variáveis: idade, sexo, gênero, orientação sexual, raça/cor autorreferida, religião, situação conjugal, série escolar, escolaridade do pai ou responsável, escolaridade da mãe ou responsável, bairro de residência, rua de residência, renda familiar (em reais), quantas pessoas dependem dessa renda familiar (em reais), provedor (a) da renda familiar.

3.5.2 Intervenções educativas na ambiência escolar

As intervenções educativas (Figura 3) realizadas na ambiência escolar totalizaram seis oficinas, em cada turma, sobre as temáticas: violência escolar; redes sociais digitais; violência contra a mulher; redes sociais e suas múltiplas formas de expressão de violência; racismo e intolerância religiosa; avaliação. Cabe ressaltar que todas as intervenções foram construídas sob a premissa da rede colaborativa, pela qual chegamos a estrutura primária de cada encontro (tema principal, objetivos, metodologia proposta).

Vale salientar, que a oficina é um modelo pedagógico, que teve origem na educação problematizadora proposto por Paulo Freire como princípio formativo, baseado na ação-reflexão-ação e tem se destacado como uma metodologia de ensino e aprendizagem para diferentes grupos populacionais (FREIRE, 2011;2022). As oficinas foram desenvolvidas como uma atividade integrada ao ACCS – ENFC 97 e acompanhadas por um grupo de pesquisadores(as) do grupo Crescer e do GEC.

As metodologias utilizadas durante as oficinas foram múltiplas. Na primeira oficina, buscou-se discutir as formas plurais de violência escolar, bem como estimular estratégias possíveis para seu enfrentamento. Para tanto, foi elaborado coletivamente um painel de

discussão sobre as situações problemas elencados, quais sejam os episódios de violência no ambiente escolar.

Na segunda oficina, objetivou-se problematizar o uso das redes sociais digitais na contemporaneidade, procurando discutir a questão com os participantes, de modo que realizou-se um fórum de discussão a partir das situações de violência identificadas e elencadas pelos estudantes nas redes sociais.

Figura 3 – Oficina 2 no lócus do estudo. Salvador, Bahia, Brasil, 2023.



Fonte: Arquivo pesquisador, 2023.

Com base nos levantamentos feitos nas oficinas anteriores, a terceira destacou-se por procurar discutir especificamente o problema da violência contra a mulher, de modo a estimular a sua prevenção. Assim, foram elaborados coletivamente painéis de discussão das situações problema elencadas.

Figura 4 – Oficina 3 no lócus do estudo. Salvador, Bahia, Brasil, 2023.



Fonte: Arquivo pesquisador, 2023.

A quarta oficina caracterizou-se por perscrutar o tema das redes sociais e as múltiplas formas de expressão da violência passíveis de acontecerem nesses meios. Tendo em vista os relatos feitos e discussões exercidas nas oficinas anteriores, percebeu-se a necessidade de discutir temáticas recorrentes nas expressões dos estudantes, na medida em que elas refletem sua própria experiência com as múltiplas formas de violência. Com o objetivo de refletir sobre como esse processo acontece na *internet* e nas redes sociais, os estudantes foram convidados a produzir um seminário, centrando-se em dois temas levantados por eles nos encontros anteriores: gordofobia e “cultura do cancelamento”.

Figura 5 – Oficina 4 no lócus do estudo, com a distribuição dos grupos para elaboração do seminário, Salvador, Bahia, Brasil, 2023.



Fonte: Arquivo pesquisador, 2023.

Dando continuidade ao trato das questões levantadas pelos estudantes, a quinta oficina centrou-se na questão de como o racismo e a intolerância religiosa circulam nas redes sociais. Buscou-se refletir sobre expressões racistas na internet, bem como sobre a questão da intolerância religiosa. Para tanto, foi feita uma roda de conversa em sala de aula justamente sobre situações de racismo ocorridas no ambiente escolar.

Figura 6– Oficina 5 no lócus do estudo. Salvador, Bahia, Brasil, 2023.



Fonte: Arquivo pesquisador, 2023.

3.5.3 Intervenções educativas na ambiência virtual mediada pela rede social WhatsApp®

As intervenções educativas realizadas na ambiência virtual, foram operacionalizadas através de oito atividades em grupo de discussão mediados por rede social digital *WhatsApp*®, sobre as temáticas discutidas nas oficinas realizadas no ambiente escolar, bem como, por temáticas que emergiram das discussões no cotidiano da escola. O fluxograma abaixo ilustra a arquitetura utilizada pelo pesquisador na operacionalização dos grupos de discussão do *WhatsApp*®.

A primeira intervenção via *WhatsApp*® foi debruçada em torno da questão da violência dentro e fora da escola. Buscou-se, por um lado, estabelecer as regras de funcionamento dentro do grupo, tais como o contrato de convivência, horário de início, término e síntese. Além disso, discutiu-se através do aplicativo o conceito de violência e exemplos de situações em que ela ocorre; procuramos, ademais, estimular o uso das #violenciaaccsufba e #violenciaescolarufba como uma estratégia de difusão do conhecimento produzido pelo grupo de discussão. Para tanto, foi enviado o vídeo para problematização e os participantes foram questionados sobre ele, bem como se conseguiam identificar os tipos de violência no vídeo e se eles já haviam vivenciado algo do tipo.

Quadro 1 - Detalhamento metodológico das intervenções em ambiência virtual mediada pela rede social digital WhatsApp®. Salvador, Bahia, Brasil, 2022

Intervenção 01:	Metodologia:	Objetivos:
Intervenção via <i>WhatsApp</i> ®: Violência dentro e fora da escola.	1 – Enviar o vídeo para a problematização; 2 – Perguntas: O que vocês acharam desse vídeo? Vocês conseguem identificar esses tipos de violência no vídeo? Vocês já vivenciaram alguns desses tipos? 3 – Final da discussão via <i>Instagram</i> ®.	Estabelecer regras de funcionamento do grupo (contrato de convivência do grupo, horário de início, término e síntese); Discutir através do aplicativo <i>whatsapp</i> o conceito e situações de violência; Estimular o uso das <i>#violenciaaccsufba</i> <i>#violenciaescolarufba</i> , como uma estratégia para de difusão do conhecimento produzido no grupo de discussão.

Fonte: Arquivo pesquisador, 2022.

A segunda intervenção teve como tema os ataques nas escolas brasileiras. Aqui, objetivou-se discutir por meio de noticiários da *internet* os tipos de violência escolar encontrados nos ataques às escolas brasileiras. Os estudantes foram orientados a pesquisar na *internet* notícias referentes a esses ataques. Foi enviado um trecho de reportagens sobre ataques nas escolas, para posterior problematização.

Quadro 2 – Detalhamento metodológico das intervenções em ambiência virtual mediada pela rede social digital WhatsApp®. Salvador, Bahia, Brasil, 2022.

Intervenção 02:	Metodologia:	Objetivos:
Intervenção via <i>WhatsApp</i> ®: Os ataques nas escolas brasileiras.	Os estudantes foram orientados a pesquisar na <i>internet</i> , notícias em jornais e revistas <i>on-line</i> que retratem ataques às escolas brasileiras. Roteiro: 1 – Enviar reportagem da Carta Capital, acerca dos ataques nas escolas; 2 – Envio de trechos da reportagem, para problematização.	Discutir através de noticiários na <i>internet</i> , os tipos de violência escolar encontrados nos ataques nas escolas brasileiras. Estimular o pensamento crítico acerca do tema.

Reportagem:
<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/massacre-de-suzano-e-o-oitavo-em-escolas-do-brasil-desde-2002/>

Fonte: Arquivo pesquisador, 2022.

A terceira intervenção caracterizou-se pela exploração do tema do linchamento virtual ou “cultura do cancelamento”. Com o objetivo de discutir essas questões e estimular o pensamento crítico, foram enviadas postagens sobre essas situações e os estudantes foram perguntados: vocês acham que acontece aqui na escola algum tipo de cancelamento? Além disso, foram indagados sobre se conseguiam identificar ou se já viveram esse tipo de violência em sua experiência.

Quadro 3– Detalhamento metodológico das intervenções em ambiência virtual mediada pela rede social digital WhatsApp®. Salvador, Bahia, Brasil, 2022.

Intervenção 03:	Metodologia:	Objetivos:
Intervenção via <i>WhatsApp</i> ®: Linxamento virtual/cultura do cancelamento.	1 – Enviar postagens sobre situações de cancelamento nas redes sociais para a problematização; 2 – Perguntas: a) vocês acham que acontece aqui na escola algum tipo de cancelamento? b) Vocês conseguem identificar esses tipos de violência nas redes sociais de vocês? c) Vocês já vivenciaram alguns desses tipos?	Discutir através do grupos de discussão do <i>WhatsApp</i> ®: a cultura do cancelamento e o linchamento virtual. Estimular o pensamento crítico acerca do tema.

Fonte: Arquivo pesquisador, 2022.

Para a quarta intervenção, foi elencado o tema da violência contra o adolescente e a autonomia da mulher. Buscou-se discutir os conceitos de autonomia, sororidade e direitos humanos, bem como estimular o empoderamento das estudantes no que diz respeito a essa questão. Foram disponibilizados *cards* conceituais, vídeos de combate a violência contra a mulher e cartilhas do Ministério da Saúde. Desse modo, foram disparados dois vídeos para problematização, juntamente com o *card* conceitual.

Quadro 4 – Detalhamento metodológico das intervenções em ambiência virtual mediada pela rede social digital WhatsApp®. Salvador, Bahia, Brasil, 2022.

Intervenção 04:	Metodologia:	Objetivos:
------------------------	---------------------	-------------------

Intervenção via <i>WhatsApp</i> ®: Violência contra a mulher adolescente	Elaboração e divulgação de <i>card</i> conceitual; Divulgação de vídeos de combate à violência contra mulher; Apresentação de cartilhas <i>on-line</i> do Ministério da Saúde.	Discutir conceitos de Autonomia, Sororidade e Direitos Humanos. Estimular o empoderamento das estudantes acerca do tema.
	<p><u>Roteiro:</u></p> <p>1 – Enviar 2 vídeos para problematização, juntamente com o <i>card</i> conceitual;</p> <p>2 – Perguntas: O que vocês acharam desse vídeo? a) Vocês conseguem identificar esses tipos de violência no vídeo? b) Vocês já vivenciaram alguns desses tipos?</p>	
	<p>Falas das estudantes: utilizar transcritos como indutores;</p> <p>Apresentação de fotos de Mulheres importantes: Ângela Davis, Leila Diniz, Maria da Penha.</p> <p>Apresentação de vídeos: a) 1º: na íntegra https://www.youtube.com/watch?v=6eIZgOjLILo (Tia Má, sobre empoderamento feminino);</p> <p>b) 2º vídeo: recorte de algumas partes https://www.youtube.com/watch?v=Bb8DQH0Tiec (Documentário Marias).</p>	
	<p>Conceitos trabalhados na intervenção:</p> <p>- Sororidade e autonomia:</p> <p>Fonte: https://vilamulher.com.br/bem-estar/comportamento/o-que-e-sororidade-significado-dicionario-e-como-praticar-m0118-732062.html</p>	
	<p>- Direitos humanos:</p> <p>Fonte: https://nacoesunidas.org/direitoshumanos/</p>	

Fonte: Arquivo pesquisador, 2022.

A quinta intervenção está relacionada a quarta, na medida em que tratou do machismo na escola, com o objetivo de discutir os conceitos de machismo e feminismo, bem como de instrumentalizar os estudantes para identificar expressões do machismo no ambiente escolar e apontar a resolubilidade de conflitos de forma pacífica. Foram enviados dois vídeos para

problematização e os estudantes foram inquiridos sobre o que acharam deles, sobre as falas das mulheres e sobre se identificavam aquele tipo específico de violência no ambiente escolar.

Quadro 5 – Detalhamento metodológico das intervenções em ambiência virtual mediada pela rede social digital WhatsApp®. Salvador, Bahia, Brasil, 2022.

Intervenção 05:	Metodologia:	Objetivos:
Intervenção via WhatsApp®: Machismo na escola.	Elaboração e divulgação de <i>card</i> conceitual; Problematização de vídeos; Roteiro: 1 – Enviar dois vídeos para problematização 2 – Perguntas disparadoras: a) O que vocês acharam desse vídeo?; b) Vocês acharam a fala dessas mulheres coerentes?; c) Vocês conseguem identificar esse tipo de vivência no ambiente escolar? Vídeos apresentados para debate: a) Pitty fala sobre feminismo contemporâneo; Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=rjWO97YLoJU b) Pitty fala sobre assédio: "Assédio NÃO é brincadeira!" Tema da Semana Saia Justa; Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=HzMUX5Rp3r8 c) Indicação do filme para a semana seguinte: Hoje eu não quero voltar sozinho.	Discutir conceitos de Machismo e Feminismo; Identificar as expressões do machismo no ambiente escolar; Apontar a resolubilidade de conflitos de forma pacífica (cultura de paz).

Fonte: Arquivo pesquisador, 2022.

A sexta intervenção foi marcada pela discussão do tema da LGBTfobia. Buscou-se discutir os conceitos de gênero e sexualidade, bem como reconhecer a LGBTfobia como uma expressão de violência escolar, a fim de problematizar a sua presença no ambiente escolar. Além da indicação do filme “Hoje eu Quero Voltar Sozinho”, foram apresentados trechos do mesmo para que os estudantes pudessem levantar a reflexão que pretendíamos.

Quadro 6 – Detalhamento metodológico das intervenções em ambiência virtual mediada pela rede social digital WhatsApp®. Salvador, Bahia, Brasil, 2022.

Intervenção 06:	Metodologia:	Objetivos:
06: Intervenção via WhatsApp®: LGBTTfobia	<p>Debate do filme: “Hoje eu Quero Voltar Sozinho” (indicação para maiores 12 anos)</p> <p>Roteiro:</p> <p>1 – Enviar três trechos para a problematização:</p> <p>1.1: momento em sala de aula, quando os colegas zombam por conta da deficiência visual;</p> <p>1.2: momento em que o colocam para beijar um cachorro;</p> <p>1.3: momento em que os meninos dão as mãos e saem juntos da escola (final do filme)</p> <p>2 – Perguntas: a) O que vocês acharam do filme? b) Vocês acharam a fala dessas mulheres coerentes? c) Vocês conseguem identificar alguma situação do filme no ambiente escolar?</p> <p>3 – Apresentação de vídeos de conscientização: Campanha contra a homofobia com os atores da Globo Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=p4CkAnEg3Vc Homofobia no dia a dia Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=gsAnwzZ1QfA - O que vocês acharam desses relatos? Vocês observam isso na escola?</p> <p>4 – Orientação e direcionamento para casos de violência</p>	<p>Discutir conceitos de gênero e sexualidade;</p> <p>Reconhecer a LGBTTfobia como uma expressão de violência escolar;</p> <p>Problematizar, situações de LGBTTfobia na escola.</p>

Fonte: Arquivo pesquisador, 2022.

Na sétima intervenção, percorremos o tema do racismo como uma expressão de violência escolar, de modo que objetivou-se discutir o conceito, identificar suas expressões e orientar meios de ajuda e suporte. Foram utilizados um *card* conceitual e a problematização de vídeo. Os recursos de imagem foram necessários para a realização das problematizações pretendidas.

Quadro 7– Detalhamento metodológico das intervenções em ambiência virtual mediada pela rede social digital WhatsApp®. Salvador, Bahia, Brasil, 2022.

Intervenção 07:	Metodologia:	Objetivos:
Intervenção via WhatsApp®: Racismo como uma expressão da violência escolar.	<p>Elaboração e divulgação de card conceitual; Problematização de Vídeo e utilização de recursos de Imagem;</p> <p>Roteiro: 1 – Enviar o vídeo para a problematização; 2 – Perguntas: a) O que vocês acharam desse vídeo? O que vocês entendem por Racismo? b) Vocês conseguem identificar quais tipos de violência nas falas? c) Vocês já vivenciaram alguns desses tipos na escola? d) Vocês consideram que existe passabilidades distintas entre o branco e o negro nos espaços?</p> <p>Envio de vídeos de conscientização: a) Ninguém nasce racista < helpmeplay > Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=FsVnlWd1Zrs</p> <p>b) Emocionante, Racismo Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=AIjju_Mm3UQ</p> <p>c) Desigualdade Racial no Brasil - 2 minutos para entender! Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=ufbZkexu7E0</p> <p>Conceitos: Racismo; Preconceito Racial.</p>	<p>Discutir conceito de Racismo; Identificar as expressões de racismo que permeiam o cotidiano escolar; Orientar meios de ajuda em situações de racismo.</p>

Fonte: Arquivo pesquisador, 2022.

Por fim, a oitava intervenção ocorreu centrada no tema do racismo religioso, com os objetivos de discutir o conceito e sensibilizar os estudantes para sua prevenção. Assim, utilizou-se de vídeos e notícias da internet sobre terreiros atacados, a fim de que os estudantes respondessem as questões norteadoras. Destarte, o quadro abaixo apresenta com maior detalhamento os objetivos e metodologia utilizada durante os grupos de discussão do WhatsApp®.

Quadro 8– Detalhamento metodológico das intervenções em ambiência virtual mediada pela rede social digital WhatsApp®. Salvador, Bahia, Brasil, 2022.

Intervenção 08:	Metodologia:	Objetivos:
Intervenção via WhatsApp®. sobre o Racismo Religioso.	<p>Problematização de vídeos e notícias na internet.</p> <p>Roteiro:</p> <p>1 – Enviar a reportagem acerca do terreiro atacado em Cachoeira – Bahia, Brasil;</p> <p>2 – Enviar vídeo para problematização</p> <p>3 – Perguntas: a) O que vocês acharam da reportagem? b) O que vocês acharam do vídeo? Quais partes chamaram a atenção de vocês? c) Vocês conseguem identificar essas situações no ambiente escolar?</p> <p>Vídeo:</p> <p>a) A VIOLÊNCIA contra religiões AFRO - Canal Preto</p> <p>Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=oP4IJ_gDQgM</p> <p>b) Intolerância: Terreiro de candomblé é atacado por grupo evangélico na Bahia</p> <p>Fonte: https://www.ibahia.com/bahia/detalhe/noticia/terreiro-de-candomble-e-atacado-por-grupo-evangelico-na-bahia/</p>	<p>Discutir conceito de Racismo religioso;</p> <p>Sensibilizar os estudantes para prevenção do racismo religioso.</p>

Fonte: Arquivo pesquisador, 2022.

3.5.4 Intervenções educativas na ambiência virtual mediada pela rede social *Instagram*®

Na rede social digital *Instagram*®, foram realizadas 11 intervenções através de postagens em alusão as temáticas e/ou situações experienciadas pelos participantes nas etapas anteriores. Destarte que a referida estratégia de intervenção teve por objetivo sensibilizar os(as) participantes a apreender novas formas de interações diante da rede social.

Inicialmente, foi feita a apresentação do projeto, com o fim de criar um primeiro contato com os estudantes, para que se familiarizassem com o modelo de intervenção proposto através da rede social digital *Instagram*® através da publicação de ilustrações com o *avatar* do projeto (Figura 07).

Quadro 9 - Detalhamento metodológico das intervenções em ambiência virtual mediada pela rede social digital Instagram®. Salvador, Bahia, Brasil, 2022.

Intervenção 01:	Metodologia:	Objetivos:
Intervenção via Instagram®: para apresentação e aproximação com o novo modelo proposto na ambiência virtual.	Roteiro: Foram criadas ilustrações de apresentação com um <i>avatar</i> do projeto.	Apresentar o projeto e criar um primeiro contato dos estudantes com o modelo de intervenção proposto.

Fonte: Arquivo pesquisador, 2022.

Figura 7 - Publicação com o Avatar do projeto. Salvador, Bahia, Brasil, 2023



Fonte: Arquivo do pesquisador, 2023.

A segunda intervenção caracterizou-se por procurar orientar os participantes sobre o fortalecimento de sua saúde mental. Aqui, objetivou-se apresentar uma série de dicas e proposições de atividades que qualificassem o estilo de vida e auxiliassem a prevenção da baixa estima, práticas de violência e autoviolência. Para tanto, foram utilizados *cards* estratégicos com orientações e um questionário com perguntas para gerar reflexões sobre as práticas cotidianas dos estudantes (Figura 8).

Quadro 10 - Detalhamento metodológico das intervenções em ambiência virtual mediada pela rede social digital Instagram®. Salvador, Bahia, Brasil, 2022.

Intervenção 02:	Metodologia:	Objetivos:
Intervenção via <i>Instagram</i> ®: para o fortalecimento da saúde mental e emocional	Roteiro: a) Foram criados e postado no <i>feed</i> do <i>Instagram</i> ® <i>cards</i> conceituais com orientações para o fortalecimento da saúde mental de estudantes; b) questionário nos <i>stories</i> com perguntas que gerem reflexões acerca das práticas diárias do estudantes	Apresentar aos estudantes orientações e propostas de atividades que qualifiquem seu estilo de vida; Auxiliar na prevenção de baixa estima, práticas de violência e autoviolência.

Fonte: Arquivo pesquisador, 2022.

Figura 8 – Card conceitual com orientações para o fortalecimento da saúde mental de estudantes. Salvador, Bahia, Brasil, 2023.



Fonte: Arquivo pesquisador.

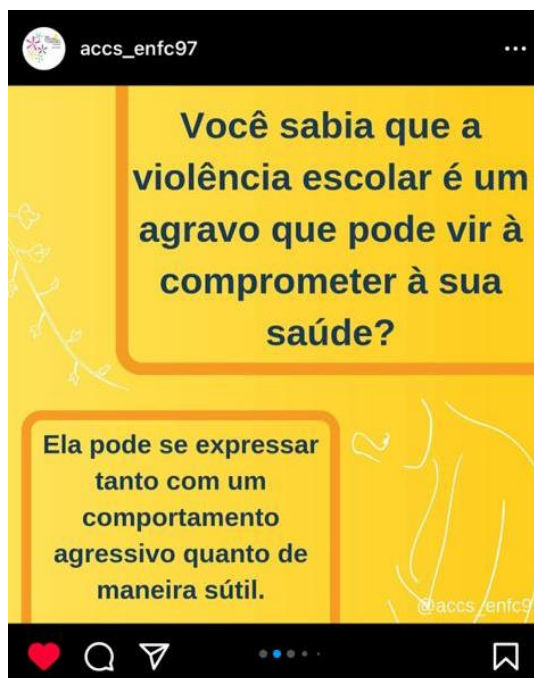
A terceira intervenção via *Instagram*® ocorreu buscando pensar a violência escolar dentro e fora da escola. Foram estabelecidas as regras com o grupo, além dos estudantes terem sido convidados para ativarem as notificações do aplicativo para receberem os avisos de postagens no perfil. Por meio do *Instagram*®, foram discutidos os conceitos de violência e as situações nas quais ela ocorre, bem como, o estimulou-se o uso das #violenciaaccsufba e #violenciaescolarufba, de modo que funcionassem como estratégia de aumentar o alcance das postagens e difusão do conhecimento ali produzido.

Quadro 11 - Detalhamento metodológico das intervenções em ambiência virtual mediada pela rede social digital *Instagram*®. Salvador, Bahia, Brasil, 2022.

Intervenção 03	Metodologia:	Objetivos:
Intervenção via <i>Instagram</i> ®: Violência escolar dentro e fora da escola.	Roteiro: a) Foram criados e postado no feed do <i>Instagram</i> ® cards conceituais sobre a violência dentro da escola, (Figura 9) bem como, a violência que ocorre fora e compõe o cotidiano da violência urbana; b) questionário nos stories com perguntas sobre os atentados as escolas brasileiras	Discutir através do aplicativo <i>Instagram</i> ® o conceito e situações de violência; Estimular o uso das #violenciaaccsufba #violenciaescolarufba

Fonte: Arquivo pesquisador, 2022.

Figura 9 - Card conceitual sobre a violência escolar. Salvador, Bahia, Brasil, 2023.



Fonte: Arquivo pesquisador, 2023.

A quarta intervenção mediada via o *Instagram*® foi para discussão aos ataques nas escolas brasileiras. Objetivou-se estimular os estudantes a identificarem as diferentes expressões da violência escolar, bem como a torná-los conscientes do cenário nacional sobre a questão. A interação realizada nessa intervenção foi através de *stories* postados, com fins a captar depoimentos escritos em ambiente virtual. Ademais, foram selecionadas reportagens com a tipologia da violência e os estudantes foram questionados via *stories* sobre se algum desses casos se assemelhavam com suas vivências na escola *locus* da pesquisa.

Quadro 12 - Detalhamento metodológico das intervenções em ambiência virtual mediada pela rede social digital *Instagram*®. Salvador, Bahia, Brasil, 2022

Intervenção 04:	Metodologia:	Objetivos:
Intervenção via <i>Instagram</i> ®: Os ataques às escolas brasileiras.	Roteiro: a) Foram criados e postado no <i>storie</i> do <i>Instagram</i> ® <i>cards</i> conceituais sobre as situações dos ataques às escolas brasileiras, a exemplo da escola em Suzano-SP que ocorreu no período da realização da pesquisa. b) questionário nos <i>stories</i> com perguntas sobre os atentados as escolas brasileiras.	Estimular os estudantes a identificar com precisão os diferentes tipos de violência no ambiente escolar ao tempo em que torná-los conscientes do cenário nacional dos casos de violência registrados. Gerar interação através dos <i>stories</i> postados e captar

depoimentos escritos no ambiente virtual.

Fonte: Arquivo pesquisador, 2022.

Com a temática da violência contra a adolescente e a autonomia da mulher, a quinta intervenção, teve por objetivo horizontalizar o diálogo entre os(as) participantes sobre a temática por meio de um depoimento estratégico. Para tanto, estimulou-se o compartilhamento dos conteúdos nos perfis pessoais dos estudantes e, para tal, utilizou-se *cards* conceituais postados no *storie* e um vídeo-depoimento publicado no IGTV do *Instagram*® do projeto. Contudo, esperava-se tornar o ambiente *lócus* propício para essas discussões, pois durante a realização da pesquisa [2019] o cenário político e educacional brasileiro estava permeado pela expansão do conservadorismo, o que trazia ao pesquisador apreensão e cautela para a discussão das temáticas voltadas ao gênero e a sexualidade.

Considerando esse contexto de pós eleições de 2018 e examinando as críticas endereçadas a universidade no debate público Schütz, Fuchs e Costa (2020) enfatizam que a ciência, a pesquisa e a universidade são esferas fundamentais para o desenvolvimento das sociedades contemporâneas e chamam atenção para os ataques e tentativas de deslegitimação que ganharam força no período. O discurso autoritário comumente utilizava do léxico da “ideologia de gênero” para realizar esses ataques, repercutindo na realidade escolar e na universidade. (SCHUTZ; FUCHS; COSTA, 2020).

Quadro 13 - Detalhamento metodológico das intervenções em ambiência virtual mediada pela rede social digital *Instagram*®. Salvador, Bahia, Brasil, 2022.

Intervenção 05:	Metodologia:	Objetivos:
Intervenção via <i>Instagram</i> ®: violência contra a adolescente e a autonomia da mulher.	Roteiro: a) Foram criados e postado no <i>storie</i> do <i>Instagram</i> ® <i>cards</i> conceituais sobre violência contra a adolescente e a autonomia da mulher; b) Vídeo-depoimento publicado no IGTV e divulgado no <i>feed</i> , com Aíla Oliveira. (Estudante do curso de graduação em letras da UFBA que trabalha em projetos da UNICEF).	Horizontalizar o diálogo entre os jovens através de um depoimento estratégico e tornar o ambiente virtual propício para discussões acerca da temática; Estimular o compartilhamento de conteúdo do perfil do projeto nas redes pessoais dos estudantes.

Fonte: Arquivo pesquisador, 2022.

Dando continuidade, a sexta intervenção, sobre machismo na escola, buscava tornar os estudantes, especialmente as do sexo feminino, cientes das medidas legais que podem ser tomadas em caso de violência motivada pelo machismo. Procurou-se universalizar a discussão, a fim de apresentar as várias facetas em que a violência machista pode se manifestar. Para tanto, utilizou-se um *card* conceitual para compartilhamento (Figura 10), tendo como *template* a seguinte pergunta: você já sofreu ou conhece alguém que vivenciou uma situação de violência contra a mulher? Os estudantes então foram direcionados para páginas e/ou materiais que abordassem a temática.

Quadro 14 - Detalhamento metodológico das intervenções em ambiência virtual mediada pela rede social digital Instagram®. Salvador, Bahia, Brasil, 2022.

Intervenção 05:	Metodologia:	Objetivos:
Intervenção via <i>Instagram</i> ®: violência contra a adolescente e a autonomia da mulher.	Roteiro: a) Utilização de um <i>card</i> conceitual para compartilhamento e marcações; b) utilização de um <i>template</i> para a interação com a seguinte pergunta: Você já sofreu ou conhece alguém que vivenciou uma situação de violência contra mulher?	Tornar os estudantes, com foco no público feminino, cientes das medidas legais que podem ser tomadas caso sejam vítimas ou presenciem atos de violência movidos pelo machismo. Universalizar a discussão sobre machismo na escola e apresentar diferentes facetas em que pode se manifestar.

Fonte: Arquivo pesquisador, 2023.

Figura 10 - Card conceitual sobre a violência contra a mulher. Salvador, Bahia, Brasil, 2023.



Fonte: Arquivo do pesquisador, 2023.

Na sétima intervenção, percorremos o tema da LGBTfobia, a fim de desmistificar noções distorcidas sobre a comunidade LGBTTQIA+, de modo a procurar prevenir preconceitos. Além disso, foi apresentado o Centro Municipal de Referência LGBT, como espaço de acolhimento e denúncia.

Quadro 15 - Detalhamento metodológico das intervenções em ambiência virtual mediada pela rede social digital Instagram®. Salvador, Bahia, Brasil, 2022.

Intervenção 07:	Metodologia:	Objetivos:
Intervenção via Instagram®:	Roteiro: a) Utilização de um <i>card</i> conceitual (Figura 11) para compartilhamento e marcações contendo conteúdo explicativo sobre a sigla LGBTT+ e as diferenças entre os grupos; b) apresentação nos <i>stories</i> sobre o Centro Municipal de Referência LGBT de Salvador; c) Utilização de questionário nos <i>stories</i> sobre a temática Avaliação através de um <i>template</i> das atividades desenvolvidas.	Desmistificar os conceitos sobre gênero, sexualidade e comunidade LGBTQI+, a fim de prevenir a perpetuação de preconceitos estruturais. Apresentar o Centro Municipal de Referência LGBT como espaço de acolhimento e denúncia para este grupo social.

Fonte: Arquivo pesquisador, 2022.

Figura 11 - Card conceitual sobre o tema da LGBTfobia. Salvador, Bahia, Brasil, 2023.



Fonte: Arquivo pesquisador, 2023.

A oitava intervenção teve como centralidade a questão do racismo e do racismo institucional, de modo que objetivou-se observar a porcentagem de estudantes que se identificavam como alvo de violência racial dentro da escola e produzir um material ilustrativo de cunho educativo para circular nas redes. Assim, além dos *cards* conceituais, utilizou-se a ferramenta enquete do *Instagram*® para lançar diversas perguntas de cunho investigativo sobre a vivência e a percepção dos estudantes sobre o racismo no ambiente escolar. Foram publicados vídeos no IGTV e divulgado, no *feed*, o vídeo de Bia Ferreira, “Cota não é esmola”.

Quadro 16 - Detalhamento metodológico das intervenções em ambiência virtual mediada pela rede social digital Instagram®. Salvador, Bahia, Brasil, 2022

Intervenção 08:	Metodologia:	Objetivos:
Intervenção via Instagram®: Racismo como uma expressão da violência escolar	Roteiro: a) Utilização de um <i>card</i> conceitual para compartilhamento e marcações; b) realização de uma enquete através da ferramenta de Enquete do Instagram®: para lançar diversas perguntas de cunho investigativo sobre a vivência e percepção dos estudantes sobre o Racismo no ambiente escolar. <i>Publicação no IGTV e divulgação no feed, vídeo de Bia Ferreira, “Cota não é Esmola”.</i>	Identificar estudantes em situação de violência racial dentro da escola.

Fonte: Arquivo Pesquisador, 2023.

A nona intervenção seguinte tematizou a questão do racismo religioso, de modo que buscou-se aproximar os estudantes do universo da poesia marginal, bem como estimular aqueles que tivessem produções literárias a expô-las, na tentativa de utilizar linguagens próximas às suas realidades. Assim, utilizamos um *card* conceitual contendo dados e estatísticas de violências motivadas por ódio religioso no Brasil, além de um vídeo publicado no IGTV.

Quadro 17 - Detalhamento metodológico das intervenções em ambiência virtual mediada pela rede social digital Instagram®. Salvador, Bahia, Brasil, 2022.

Intervenção 09:	Metodologia:	Objetivos:
Intervenção via Instagram®: Racismo como uma expressão da violência escolar.	Roteiro: a) Utilização de um <i>card</i> conceitual para compartilhamento e marcações, contendo dados e estatísticas de violências movidas ao ódio religioso no Brasil. b) Vídeo publicado no IGTV e divulgado no <i>feed</i> , com Evanilson Alves, membro do Sarau da Onça recitando uma poesia que aborda a temática.	Aproximar os estudantes do universo da poesia marginal; Estimular os estudantes que tenham produções literárias a expor suas produções no Instagram® pessoal como estratégia de empoderamento e difusão da cultura.

Fonte: Arquivo pesquisador, 2022.

Figura 12 - Card conceitual sobre o tema da intolerância religiosa. Salvador, Bahia, Brasil, 2023.



Fonte: Arquivo pesquisador

A décima intervenção foi sobre a temática violência simbólica, com fins de modo que os estudantes fossem instrumentalizados a ser identificar, no seu cotidiano, essas expressões. Foram utilizados *cards* conceituais para compartilhamento e marcações, bem como a exposição de diferentes tipos de violência simbólica no ambiente escolar.

Quadro 18 - Detalhamento metodológico das intervenções em ambiência virtual mediada pela rede social digital Instagram®. Salvador, Bahia, Brasil, 2022

Intervenção 10:	Metodologia:	Objetivos:
Intervenção via <i>Instagram</i> ®: violência simbólica.	Roteiro: a) Utilização de um <i>card</i> conceitual sobre a violência simbólica; b) Exposição de exemplos de diferentes tipos de violências simbólicas no ambiente escolar.	Aproximar os estudantes do conceito de violência simbólica, a fim de conseguirem identificar em seu cotidiano, expressões naturalizadas.

Fonte: Arquivo pesquisador, 2022.

Por fim, a 11ª intervenção tratou-se de uma avaliação, por meio de um questionário utilizando a ferramenta “caixa de perguntas” do aplicativo *Instagram*®.

Quadro 19 - Detalhamento metodológico da intervenções em ambiência virtual mediada pela rede social digital Instagram®. Salvador, Bahia, Brasil, 2022.

Intervenção 11:	Metodologia:	Objetivos:
Intervenção via <i>Instagram</i> ®: avaliação das	Roteiro: a) Foi realizado um questionário via <i>storie</i> para avaliação	Avaliar as intervenções na ambiência virtual mediada pela rede social <i>Instagram</i> ®:

estratégias utilizadas.	desta etapa e da metodologia utilizada na ambiência virtual.
-------------------------	--

Fonte: Arquivo pesquisador, 2022.

3.6 ANÁLISE DOS DADOS

3.6.1 Análise dos dados sociodemográficos

Os dados sociodemográficos e de natureza quantitativa, foram processados com o apoio do *Excel*®, do sistema operacional *Microsoft Windows*®. As variáveis utilizadas para descrição do perfil dos participantes foram: faixa etária; sexo; identidade de gênero; raça/cor da pele; renda salarial média da família; escolaridade.

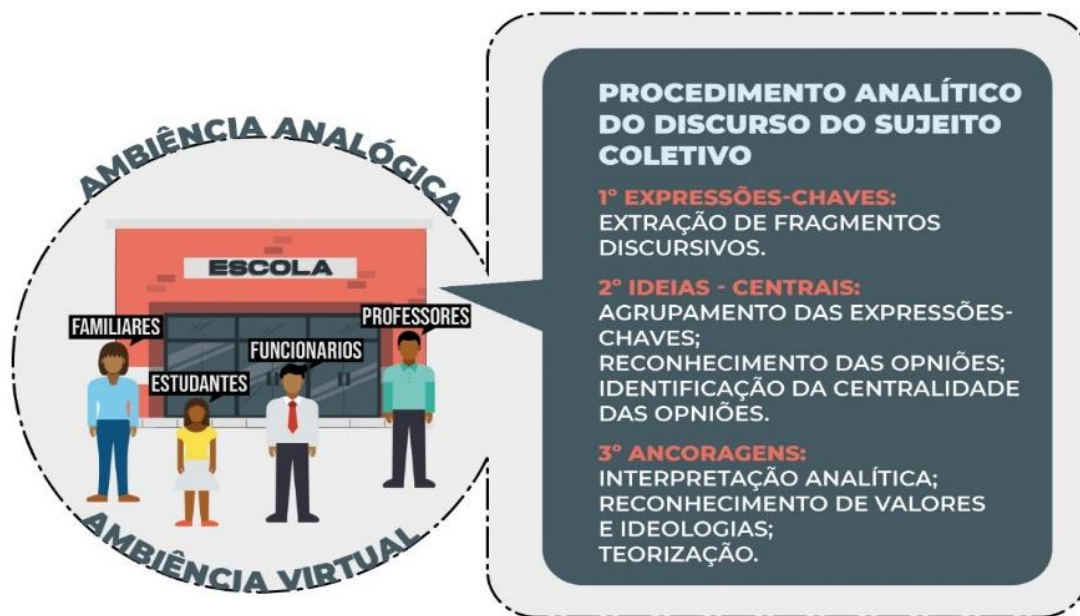
3.6.2 Discurso do Sujeito Coletivo

A análise dos dados foi subsidiada pelo Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), cuja as bases epistemológicas e paradigmáticas, da pesquisa social, a partir das bases da Teoria das Representações Sociais, a qual possibilitou derivar o discurso que explicita uma coletividade. O DSC, configura-se em uma abordagem na pesquisa qualitativa, que de acordo com Lefevre e Lefevre (2005, p. 27): “permite o resgate de discursos coletivos de forma qualitativa [...] resgatando o pensamento, enquanto comportamento discursivo e fato social, reunindo num único discurso (primeira pessoa)”.

Em termos metodológicos, o DSC exige etapas, conforme modelo explicativo proposto na figura 4, as quais foram seguidas durante o tratamento e análise dos dados, como disponho a seguir: 1) Transcrição de todas as entrevistas realizadas na ambiência analógica e na ambiência virtual, possibilitando a criação de um *corpus* de análise; 2) Análise do material verbal coletado, extraindo-se de cada um dos depoimentos orais as seguintes figuras metodológicas: Expressões-Chaves - ECH, que configura-se nos fragmentos discursivos que expressam uma ideia acerca do fenômeno investigado, do qual encontrava-se imersa, os participantes da pesquisa; as Ideias Centrais – IC, formuladas a partir da aglutinação dos fragmentos discursivos individuais, a partir do encontro das coocorrências, convergências e complementariedades, e, por fim, as Ancoragens, derivadas a partir dos discursos-sínteses configurados, as quais refletem em que estão baseadas as explicações, os valores e as ideológicas, acerca do fenômeno investigado, ilustrado pelas IC, apresentados a partir dos

Discursos-Sínteses, de representação coletiva, os quais expressam o DSC, numa lógica em que “o sujeito fala”.

Figura 13 - Modelo explicativo do DSC, Salvador, Bahia, Brasil, 2022



Fonte: Elaborado pelo pesquisador, 2022

3.7 ASPECTOS ÉTICOS

Em obediência a Resolução do Conselho Nacional de Saúde n.º 466, de 12 de dezembro de 2012, por se tratar de pesquisa que envolve seres humanos (BRASIL, 2012), o estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da EEUFBA por meio da Plataforma Brasil (ANEXO A).

Foram respeitados os princípios da bioética, tais como, autonomia, não maleficência, beneficência, justiça e equidade, para assegurar os direitos e deveres que dizem respeito aos participantes da pesquisa, à comunidade científica e ao Estado.

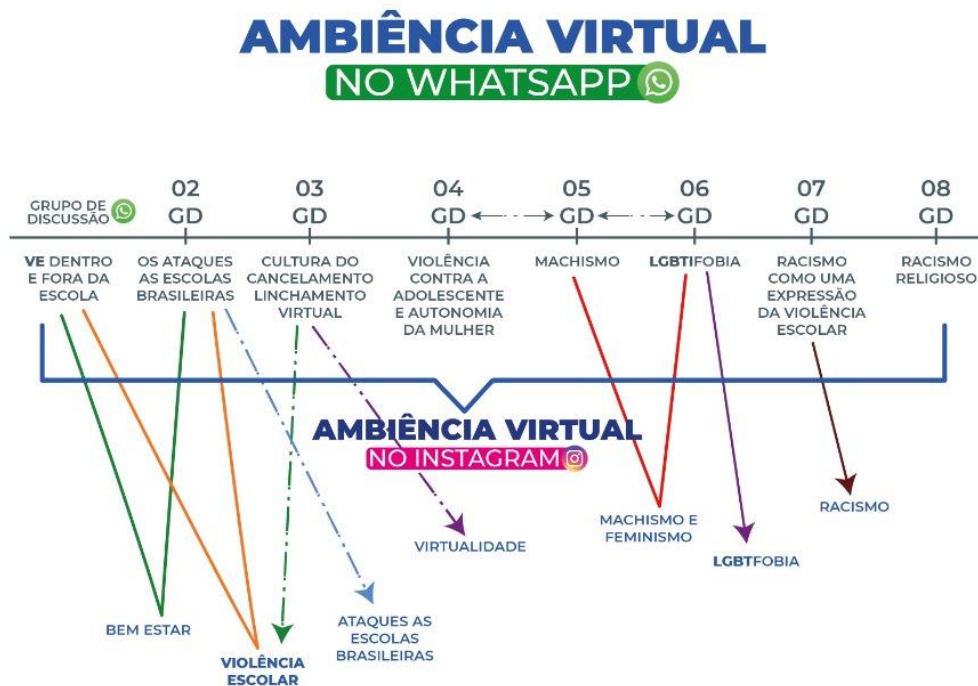
Aos participantes da pesquisa maiores de 18 anos foi solicitada por meio do TCLE (APÊNCIDE B), bem como, a autorização dos pais ou responsáveis pelos menores de 18 anos por meio de assinatura do TCLE (APÊNCIDE C) e o TALE (APÊNCIDE D).

Nestes documentos constam as informações referentes ao objetivo da pesquisa proposta, a intervenção educativa realizada, destacando-se a livre participação na pesquisa, bem como o direito de interromper a colaboração no momento que julgar necessário, sem prejuízo ou ônus. As intervenções realizadas durante a execução da proposta iniciaram com a apresentação da proposta da pesquisa, na qual o pesquisador com equipe de bolsistas visitou todas as 22 salas

do turno vespertino para sensibilizar sobre o projeto e aos(as)adolescentes escolares; e aos que aceitaram participar foi aplicado o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), a entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para que os(as) responsáveis autorizem a participação na pesquisa.

As sínteses das etapas metodológicas estão apresentadas no diagrama a seguir.

Figura 14 – Diagrama metodológico da tese, Salvador, Bahia, Brasil, 2022.



Fonte: Elaborado pelo pesquisador, 2022.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os estudantes participantes da pesquisa-intervenção totalizaram 648(N), conforme tabela 01 descritiva abaixo, e possuíam: faixa etária entre 11 e 17 anos; 341(52,6%) eram do sexo masculino e 307(47,4%) participantes eram do sexo feminino; com escolaridade 412(63,5%) eram do ensino médio e 236(36,5%) do ensino fundamental; em sua totalidade (100%) dos participantes possuíam identidade de gênero cisgênera; 523(80,7%) com orientação sexual heterossexual, 87(13,4%) homossexuais e 38(5,8%) lésbicas. Quanto a variável raça, 291(45%) eram de raça/cor parda; 182(28%) preta e 175(27%) branca.

Tabela 1 - Descrição dos estudantes participantes da pesquisa-intervenção, Salvador, Bahia, Brasil,2023. (N=648)

Variáveis	N(648)	(%)
Sexo		
Masculino	341	52,6
Feminino	307	47,4
Escolaridade		
Ensino médio	412	63,5
Ensino Fundamental	236	36,5
Identidade de Gênero		
Gênero Cis	648	100
Gênero trans	-	-
Orientação sexual		
Heterossexual	523	80,7
Homossexual	87	13,4
Lésbica	38	5,8
Raça		
Negra	473	73
Não-negra	175	27

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Os dados apresentados na tabela são importantes para se pensar a realidade do colégio lócus, bem como dimensionar questões relevantes para esse estudo. Observamos uma pequena preponderância de estudantes do sexo masculino (52,6%), cifra que aponta para uma realidade

diferente da de muitos estudos de caráter quantitativo e qualitativo. Com o avanço nos anos de escolarização, é comum observar na literatura a presença de mais meninas que meninos nas escolas.

Dados coletados no Piauí por Andrade *et al.* (2021) e no Rio de Janeiro por Matta *et al.* (2021) informam que, na faixa etária dos 15 aos 17 anos, a preponderância de meninas torna-se mais comum. Tal movimento está ligado a própria historicidade da alfabetização no Brasil, que nos últimos anos tem feito diminuir as desigualdades de gênero no acesso a escola: as meninas têm ingressado mais cedo e as mulheres têm composto majoritariamente os quadros discentes da Educação de Jovens e Adultos (ANDRADE *et al.*, 2021).

É interessante notar também a preponderância de estudantes negros (pretos e pardos) na pesquisa-intervenção. A apreensão das variáveis sobrepostas de gênero e raça é fundamental para dar conta de algumas experiências e universos dos estudantes. Abramo, Venturi e Corrochano (2020) em análise das condições e trajetórias de discentes que estudam e trabalham, verificaram em diversos momentos a junção das categorias e raça e gênero na incidência das duplas jornadas. Estudantes negros figuraram como maioria, nesse caso, entre aqueles que precisavam trabalhar e estudar.

Estudos como os de Oliveira, Luiz e Couto (2021) enfatizaram a percepção que muitos estudantes têm de si e dos lugares onde vivem como marcas da desigualdade e experiência de violência. Nesse universo amostral, o fato de serem negros e viverem na periferia apareceram em suas falas como marcas sociais, de diferenciação e muitas vezes o centro de certas violências experimentadas (OLIVEIRA; LUIZ; COUTO, 2021). Isso significa que as intersecções entre essas estruturas de desigualdade operam sobre o cotidiano dos estudantes, revelando situações de violência dentro e fora dos muros da escola.

Também nos interessa destacar os recortes de identidade de gênero e orientação sexual no universo dos estudantes que participaram da pesquisa-intervenção. A totalidade deles afirmou serem cisgênero. Entretanto, consideramos que a ausência de pessoas se declarando transgênero não deve ser confundida com a ausência de identidades de gênero dissidentes nesse universo. Estudos indicam que a sub-representação dessa comunidade nas estatísticas é uma das muitas formas de transfobia, que pode ocorrer no ambiente escolar (SANTANA, 2019).

Além disso, no que diz respeito a orientação sexual, 12,9% dos estudantes declaram não serem heterossexuais. O estudo de Matta *et al.* (2021) sobre diversidade sexual no Rio de Janeiro encontrou apenas cifras menores para a população LGBTQIAP+, com 9% de seus entrevistados declarando já terem tido experiências homossexuais (MATTA *et al.*, 2021), de

modo que nosso resultado permite inferir uma abertura maior entre esses sujeitos para se afirmarem no mundo, destacando a diversidade presente no ambiente escolar.

Nesse sentido, entendemos a multiplicidade dos agentes que foram o alvo da pesquisa-intervenção, ao passo que compreendemos alguns aspectos da realidade e das estruturas de desigualdade que incidem sobre esses estudantes. Munidos desses dados, foi possível criar, elaborar e desenvolver intervenções educativas para esse público, descritas a partir do tópico a seguir.

4.1 DESENVOLVIMENTO DAS INTERVENÇÕES EDUCATIVAS MEDIADAS POR REDES SOCIAIS NO ENFRENTAMENTO DAS VIOLÊNCIAS VIVENCIADAS POR ADOLESCENTES NO AMBIENTE ESCOLAR

Para a criação e o desenvolvimento da **Edu-TEC: Violência-&-Saúde** - intervenção híbrida com escolares para o enfrentamento da violência mediadas por redes sociais digitais, estabeleceu-se as etapas, descritas abaixo:

Etapa 01: Análise situacional da realidade

A etapa de análise situacional da realidade configurou-se na aproximação da equipe de pesquisa com a dinâmica, especificidades e particularidades da escola lócus de investigação, a fim de conhecer as necessidades dos estudantes, bem como as suas vivências em situações de violência escolar.

Quanto aos aspectos normativos

Para a realização da pesquisa-intervenção foi necessário realizar articulações interinstitucionais entre a universidade, a secretaria de educação do Estado e a equipe gestora do colégio. Esta articulação foi formalizada a partir: a) ambientalização e aculturação com a escola. Para tanto, foram realizadas reuniões de ações estratégicas (três) com o corpo docente e gestores escolares com a finalidade de identificar situações prévias de violência e temáticas complementares que atravessavam o contexto da violência no cotidiano escolar e o uso das redes sociais digitais entre professores e estudantes escolares para fins de pensar uma metodologia adequada e convergente com a realidade do campo; b) encaminhamento e apresentação do projeto de pesquisa para a equipe gestora da escola e da secretaria estadual de educação; c) aquisição da anuência; d) criação em conjunto com a equipe gestora da escola de

um cronograma preliminar de ações de pesquisa e intervenção no ambiente escolar; e) divulgação do projeto e sensibilização do corpo docente do **Edu-TEC:Violência-&-Saúde** – pesquisa-intervenção; f) encontro de apresentação e sensibilização dos líderes de classe e movimento estudantil escolar (grêmio estudantil), estratégia utilizada para facilitação da aceitação e adesão dos estudantes escolares para participação na pesquisa-intervenção.

Quanto aos aspectos de infraestrutura e recursos humanos e materiais

Para a realização da pesquisa-intervenção levantou-se junto a equipe gestora da escola a disposição de seção de horários e espaços físicos disponíveis (salas de aula, auditório e quadra esportiva) para a execução das ações: coleta de dados, realização de oficinas, reuniões, guarda de material e estacionamento de veículos. Quanto aos recursos humanos da escola, contou-se com o apoio de três coordenadoras pedagógicas, cinco professores das áreas de artes e história e 12 líderes de classe. Não foram necessários recursos materiais oriundos da escola para a realização da pesquisa-intervenção. Todos os materiais foram providos pela equipe executora do projeto ACCS- ENFC97 em vinculação com a universidade, através da pró-reitoria de extensão.

Em relação aos recursos humanos utilizados durante a pesquisa-intervenção a equipe envolveu estudantes de graduação, pós-graduação e professoras doutoras da instituição proponente (Figura 15). Para tanto, foram realizadas atividades de formação complementar nas temáticas de interesse, treinamento para aplicação de questionários e realização de oficinas (Figura 16, 17, 18). Os recursos materiais utilizados foram: a) de consumo como papel *craft*, papel ofício, impressão de formulários e insumos para a realização das oficinas e elaboração de cartazes e *banners*.

Figura 15 - Equipe de recursos humanos utilizada durante a pesquisa- intervenção. Salvador, Bahia, Brasil, 2022.



Fonte: Arquivo pesquisador, 2022.

Figura 16 - Treinamento da equipe de recursos humanos na temática sobre violência nas redes sociais e linchamento virtual. Salvador, Bahia, Brasil, 2022.



Fonte: Arquivo pesquisador, 2022.

Figura 17 - Treinamento da equipe de recursos humanos na temática sobre as expressões da violência. Salvador, Bahia, Brasil, 2022



Fonte: Arquivo pesquisador, 2022

Figura 18 - Treinamento da equipe de recursos humanos na temática sobre as expressões da violência racial. Salvador, Bahia, Brasil, 2022



Fonte: Arquivo pesquisador, 2022.

Quanto às especificidades do público-alvo da pesquisa-intervenção e dos aspectos relativos à situação e a ocorrência da violência no ambiente escolar.

A estruturação da pesquisa-intervenção contou com o levantamento do censo escolar realizado através da aplicação de um formulário (Figura 19): a) quantitativos de estudantes por turma; b) faixa etária dos estudantes; c) gênero dos estudantes; d) reconhecimento dos níveis

de escolarização; e) mapeamento do uso das redes sociais digitais, limitações e/ou deficiências físicas.

Figura 19 - Aplicação de formulário de coleta de dados. Salvador, Bahia, Brasil, 2022



Fonte: Arquivo pesquisador, 2022.

Quantos aos aspectos relativos à situação e a ocorrência da violência no ambiente escolar

Aspectos relacionados às vivências de violência escolar foram levantados a partir: a) aproximação da equipe de pesquisa com os estudantes; b) identificação pelos professores de situações de violência perpetrada no ambiente escolar; mapeamento das redes sociais digitais institucionais para localização de registros de violência.

Etapa 02: Estruturação teórico-conceitual

Durante o processo de estruturação teórico-conceitual, realizou-se um levantamento bibliográfico sobre as temáticas transversais ao projeto, seus conceitos chaves e as estratégias metodológicas mais adequadas ao contexto situacional observado. Para tanto, realizou-se buscas de produções bibliográficas em bases de dados indexadas, que incluíram a análise de artigos científicos, manuais técnicos, portarias e livros. Assim, leituras realizadas, subsidiaram

a formulação das intervenções, bem como o delineamento das etapas que constituíram a metodologia da pesquisa e das reuniões do grupo de pesquisa executor do projeto.

Etapa 03: Problematização e planejamento da pesquisa-intervenção

A etapa dedicada a problematização da pesquisa-intervenção foi realizada a partir das ações desenvolvidas no grupo de pesquisa executor do **Edu-TEC:Violência-&-Saúde**. A dinâmica de operacionalização das ações envolveu o acontecimento de reuniões periódicas, destinadas a debater teoricamente os conceitos-chaves identificados na literatura, elaboração de hipóteses, construção do projeto de pesquisa-intervenção, definição de técnicas e métodos a serem empregados, delineamento da estrutura organizacional da execução da pesquisa-intervenção, distribuição das atividades pelos membros da equipe de pesquisa, atividades de formação da equipe de pesquisa e de apoio técnico, atividades de articulação com a escola enquanto campo de pesquisa-intervenção, criação e validação do instrumento utilizado na coleta de dados e das oficinas de intervenção.

A problematização, enquanto etapa do desenvolvimento da pesquisa-intervenção também envolveu os processos de coleta, sistematização, organização, análise e interpretação dos dados oriundos das intervenções. Destarte, o planejamento foi realizado de forma situacional, com a colaboração do grupo gestor escolar, professores colaboradores, pesquisadores e também estudantes alvo da pesquisa-intervenção.

As atividades de planejamento envolveram: a) elaboração de cronograma das atividades a serem executadas na escola; b) discussão das temáticas a serem debatidas com os estudantes escolares; c) definição dos momentos das intervenções mediadas por redes sociais digitais; d) planejamento de infraestrutura e orçamentário; e) programação da avaliação da pesquisa-intervenção; f) apresentação de dados parciais ao corpo docente; g) apresentação e divulgação dos resultados finais.

A realização desta etapa foi necessária em razão do objeto de pesquisa manifestar durante a execução, a necessidade de revisão constante das ações, como forma de deixar emergir o “novo”, a partir do contato com os estudantes escolares no campo. Assim, a cada reunião de grupo eram avaliadas as ações desenvolvidas, a adesão do público alvo, as facilidades, dificuldades e os desafios, e o redesenho e/ou a readequação das intervenções programadas, até o seu refinamento e designer final.

Etapa 04: Execução da intervenção na ambiência escolar

A etapa de execução da intervenção na ambiência escolar, detalhada e ilustrada na metodologia desta tese, foi destinada a operacionalizar as atividades educativas, ter acesso direto aos estudantes escolares, ao espaço físico da escola e a imersão no cotidiano escolar. Para tanto, realizaram-se seis oficinas, com as (22) turmas do vespertino, que contribuíram para o processo de problematização das temáticas, realizar educação em saúde e cuidado com os adolescentes. Além disso foram produzidos painéis, que ilustram esta tese, sobre as temáticas: violência escolar; redes sociais digitais; violência contra a mulher; redes sociais e suas múltiplas formas de expressão de violência; Como o racismo e a intolerância religiosa circulam em suas redes sociais? e Avaliação.

4.2 ENTRE O ANALÓGICO E O VIRTUAL: AS EXPRESSÕES HÍBRIDAS DA VIOLÊNCIA VIVENCIADAS POR ADOLESCENTES NO AMBIENTE ESCOLAR

Este capítulo apresenta e discute a relação existente entre o analógico e o virtual no contexto das expressões híbridas da violência escolar, vivenciada por adolescentes. Os achados centrais encontrados tratam acerca da ocorrência da violência escolar, desde as percepções iniciais da sua existência, até o levantamento dos impactos correlacionados na vida e saúde dos adolescentes, configurando-se enquanto um fenômeno híbrido, em razão das manifestações do fenômeno em estudo no uso das redes sociais digitais *WhatsApp*® e *Instagram*®.

4.2.1 Discurso-síntese 01: evidenciando a ocorrência da violência no ambiente escolar

4.2.1.1 *Ideia Central 1A: A evidência de que ocorrência da violência é real e que a escola é um ambiente inseguro e desconfortável*

A ocorrência da violência escolar foi entendida pelos adolescentes, como sendo real e contínua. A escola é percebida como ambiente inseguro, desconfortável, com múltiplas manifestações de violências, envolvendo distintos atores, que deflagra o sentimento de tristeza, o que os expõe à riscos à sua saúde mental. Ademais, foi compreendida como um fenômeno que requer uma intervenção rápida:

[...] a violência na escola é muito presente, comum e se manifesta de todas as formas, com gritos, palavras, brincadeiras ruins e de mau gosto feitas de um aluno para com o outro. É algo frequente que ocorre na escola, através das brigas, desrespeito entre os colegas. A escola acaba sendo um lugar onde as pessoas podem sofrer vários tipos de agressões, isso é muito triste pois acaba com a integridade mental do estudante e pode levar alguém à morte, por conta disso, precisa ser tratada de maneira rápida e eficaz. Deveria ser um lugar de

conforto, um lugar sociável, mas acaba se tornando um lugar totalmente desconfortável, a qual envolve a ignorância dos funcionários, falta de paciência dos professores da escola e a relação violenta entre os colegas de classe. A escola também tem uma atenção pra esse tema, porque todas as vezes que há uma situação em sala que seja uma violência ou algo semelhante no mesmo dia os professores conversam e isso traz um “apoio” que muitas vezes o colégio deixa de dar a todos alunos por ser muitas pessoas, alguns acabam passando despercebido e ocorre algumas coisas tristes (DSC de adolescentes em vivência do projeto de intervenção).

Observamos nos discursos acima a noção compartilhada de que a violência escolar faz parte do cotidiano da escola, sendo experimentada em diversas nuances e propiciando a ideia de que a escola não é mais lugar seguro. Além disso, as consequências da violência escolar são evidenciadas na preocupação dos estudantes com as reverberações das experiências violentas no psicológico, podendo levar ao adoecimento mental e a morte.

A violência escolar é um fenômeno estudado em diversos países, regiões e com recortes diferenciados. Romeiro *et al.* (2021) ao examinarem fatores associados a violência física nas escolas, destacam questões como a exposição a um ambiente familiar hostil, comportamentos como o consumo de drogas ilícitas, a prática de matar aula e pouca supervisão parental, a saúde mental comprometida por diversas questões e até o sentimento de solidão como associados à ocorrência e experiência de violência. Além disso, fatores como *bullying*, a posse de armas brancas (inclusive no ambiente escola) e até mesmo as características do ambiente em que está a instituição podem incidir sobre as estatísticas de violência, causando depressão, ansiedade e comportamentos agressivos entre os estudantes (ROMEIRO *et al.*, 2021).

Na perspectiva de Chaves (2012) e de Silva e Silva (2018), a formação de professores, hoje em dia, precisa ser pautada na ideia de que os saberes necessários para a atuação na escola são diferentes e a profissão docente experimenta mudanças de ordem identitária, de status, de identificação e até legitimidade. Assim, pensar a atuação docente em meio às situações de violência implica entendê-la em sua complexidade. Modena (2016) defende que a violência é entendida pelos adolescentes como um fenômeno de dentro da ordem natural das coisas, do cotidiano, como parte inerente da experiência coletiva, ainda que seja uma prática condenável.

Silva e Silva (2018) chamam atenção para o fato de os professores se tornarem protagonistas na constituição da violência escolar, contribuindo não apenas para sua produção, mas para sua manutenção no espaço da escola. Examinando o engendramento da violência na escola, as fontes utilizadas pelas autoras exprimem o fato de que estudantes e professores pertencem, antes de adentrarem o espaço escolar, ao mesmo macrocosmo social (SILVA; SILVA, 2018). Isso significa que ambos os sujeitos não estão isentos das estruturas que criam e reproduzem violências e desigualdades. As manifestações da violência escolar deixam marcas

profundas no psicológico de suas vítimas. Sobre a existência do *bullying*, por exemplo, Oliveira-Menegotto e Machado (2018) afirmam que o fenômeno coloca em evidência a criação e reafirmação de relações de poder, de modo que a escola acaba se tornando um campo fértil para sua propagação, tendo em vista o fato de reunir diferentes pessoas.

De fato, a violência, como entendida nos discursos acima, não apenas é múltipla, como afeta todo o corpo da comunidade escolar: docentes, discentes, técnicos etc. Esse processo incide também sobre a imagem da escola, que deixa de ser vista como ambiente seguro e passa a ser entendida por meio do elemento periclitante da violência. Dessa forma, “parece que a nossa escola vive outra lógica, a da exclusão” (CHAVES, 2012, p. 230), atravessada por múltiplos determinantes. A autora reforça a necessidade de ações que integram escola, família, bairro, centros de saúde e comunitários, igrejas e todas as esferas da vida social da comunidade escolar como uma estratégia de enfrentamento da violência.

Pensando, portanto, como a lógica da violência contribui para sua normalização e capilaridade entre toda a comunidade escolar, Chaves (2012) recupera os escritos de Edgar Morin para propor a construção de uma solidariedade orgânica, voltada principalmente para a formação dos educadores, considerando o chão da escola e o cotidiano vivido. Tais considerações implicam perceber os diversos fatores que contribuem para a ocorrência da violência escolar. O que acontece nas escolas para que elas deixem de ser um ambiente seguro? A resposta a esse questionamento pressupõe melhores investigações de caráter local, na tentativa de buscar as raízes profundas ancoradas em experiências vividas e condições materiais de existência.

Nesse sentido, tentar domesticar a violência parece não surtir os efeitos desejados no seu combate. Dessa forma, urge a necessidade da criação de espaços-tempo focados na integração de saberes, reflexão, encaminhamento de propostas e no qual a violência possa ser um tema central a ser perscrutado pelos participantes, a exemplo desta pesquisa intervenção que utilizou múltiplos métodos para sua execução.

4.2.1.2 Ideia Central 1B: A compreensão de que a violência no ambiente escolar é múltipla

Os relatos dos estudantes evidenciaram o caráter múltiplo da violência escolar. Em suas falas, chamaram atenção para o fato de que ela tem formas diversas, ao mesmo tempo em que suas consequências estão para além do ato em si. Ao ressaltar que a violência fere internamente e externamente, consideram as consequências psicológicas para as vítimas, que frequentemente se estendem por muito tempo. Além disso, os participantes elucidaram como a

escola pode sofrer ao não se colocar como espaço de segurança, na medida em que perde legitimidade dentro da sociedade:

[...] tudo é violência quando a pessoa estiver sendo machucada, a violência pode causar danos físicos e até psíquicos à outra pessoa. A escola pode ficar mal-vista pela sociedade não apenas as ações físicas de violência corporal, como bater, ferindo externamente, mas também internamente, emocional ou psicologicamente, por meio do desentendimento, ofensas, desrespeito e injúria o outro, agressões verbais com insultos e xingamentos e falta de empatia. Envolve tudo aquilo que faz com que a pessoa se sinta mal e fora do contexto em que está inserida, nesse caso, a escola e da invasão do espaço pessoal do outro (DSC de adolescentes em vivência do projeto de intervenção).

Em suas considerações sobre a violência escolar, Hughes (2020) é categórico ao afirmar que a escola não pode se prender, no presente, às marcas de um passado violento. Argumenta o autor que por mais seguras e bem-intencionadas que sejam, nenhuma escola está livre de experimentar as formas sutis com quais a violência permeia a ideologia e as estruturas sociais que incidem no ambiente escolar. Por conta exatamente da multiplicidade do fenômeno, ela pode ser observada em diferentes níveis.

Hughes (2020) argumenta ainda que a própria organização de alguns elementos da instituição são produtores de violência. Se, conforme o excerto da Ideia Central 1B, a violência “envolve tudo aquilo que faz com que a pessoa se sinta mal e fora do contexto em que está inserida”, então o ranqueamento de pessoas (os “bons” e os “maus” estudantes, por exemplo), a violência simbólica e até as arquiteturas semelhantes a complexos prisionais produzem sensações de deslocamento e não pertença, contribuindo para a reprodução do fenômeno.

De fato, a multiplicidade de causas da violência escolar observada pelos participantes da pesquisa-intervenção não deve passar despercebida das análises dos pesquisadores. Numa sistematização da literatura sobre o tema feita por Silva e Coutinho (2020), os autores encontraram na produção analisada sete tipos de violência que ocorrem no ambiente escolar: física, institucional, intrafamiliar, moral, patrimonial, psicológica, sexual como evidenciado nos achados dessa pesquisa. A escola acaba sofrendo os impactos da reprodução da violência, não se constituindo um ambiente de segurança e produção do conhecimento e de cidadania. Conforme apontado por Ferrara *et al.* (2019) as escolas não podem exercer seu papel de lugares de aprendizado e socialização se os estudantes não estão num ambiente livre de violência.

4.2.1.3 Ideia Central 1C: A percepção de que violência no ambiente escolar é estruturante

Ficou ressaltado na fala dos estudantes, sistematizada no DSC a seguir, a ideia de que a violência escolar está para além pura e simplesmente do indivíduo ou da pessoa que a pratica.

Nesse sentido, importa considerar quais os significados por trás da ideia de que o fenômeno está ancorado numa estrutura, enraizada nas múltiplas camadas sociais:

[...] a violência que ocorre na escola tem relação com o sentimento de superioridade de uns para com os outros. Não tem a ver apenas com a pessoa, mas com a localidade em que ela vive, por conta do que ela é e de como ela é. E ocorre devido ao preconceito, a falta de compaixão, o bullying, a dificuldade em respeitar e de aceitar as pessoas como elas são, que parecem já estar presente entre os funcionários e professores (DSC de adolescentes em vivência do projeto de intervenção).

Observou-se na Ideia Central 1C a noção de que a violência no ambiente escolar não orbita unicamente o campo do indivíduo. Na verdade, trata-se de um fenômeno amplo, imbricado nas estruturas da teia social. As narrativas dos participantes se estruturam, nesse ponto, em torno dos aspectos extra individuais que operam e incidem sobre os sujeitos que praticam a violência. Não é sobre uma pessoa exatamente, mas sobre valores corrompidos de exclusão das diferenças, preconceito, falta de empatia.

Pensar a violência como um aspecto estruturante da sociedade já é um exercício que ocupa as reflexões em muitos campos do conhecimento. Barroso (2021) considera como particularidades da violência seu caráter impessoal e a normalidade com que é lida pelas pessoas. Para ela, trata-se de pensar a violência como um modo de vida, de forma que “a satisfação da necessidade de alguns poucos depende da negação da satisfação de necessidades de outros” (BARROSO, 2021, p. 399). Essa construção de pensamento está interligada as características do modo de produção capitalista, em cuja base está a exploração de um pelo outro.

Entretanto, mesmo considerando a violência como parte da estrutura capitalista ocidental de vida, a autora chama atenção para o fato de que tal consideração não pode perder de vista a historicidade da questão. Seria contraproducente permanecer na constatação de que a violência é sistêmica, posto que essa afirmação, apesar de correta, dificulta a atribuição de qualquer responsabilidade. A estrutura não é um superpoder ou espírito que paira além de todos nós, de modo que não é possível isolar qualquer violência de seu contexto social. É sintomática a fala da autora quando aponta que essa violência estrutural é reproduzida em várias situações do fazer humano, podendo aparecer em qualquer relação, ainda que não apareça de forma aberta e direta (BARROSO, 2021).

Ao falarmos em violência estrutural, precisamos ter em consideração que essa estrutura é perpassada por valores próprios, que são específicos de um sistema de crenças, ideológico e estruturante. A ideologia funciona aqui como máscara neutralizadora da violência, na medida em que a torna invisível com base em critérios historicamente determinados. A violência, nesses

casos, é deixada de lado e não é percebida como um desvio em relação as normas do aceitável. Caetano, Silva Junior e Goulart (2016) chamam atenção para o fato de que, no contexto de relações sociais atravessadas pelo colonialismo, os discursos normatizadores negam o outro. O sentimento de superioridade de um para com o outro, apresentado no discurso, está articulado exatamente a uma forma de produção de subjetividades, que é por si só uma faceta do colonialismo e do capitalismo, que, ao negarem, explorarem e inferiorizarem o outro, produzem violência.

Isso significa que a violência no ambiente escolar, apesar de ter suas causas associadas a elementos estruturais das relações sociais, é também estruturante, porquanto naturalizada. Além disso, ela é reveladora das estruturas de dominação e desigualdade vigentes, sendo ainda uma expressão das contradições da sociedade. A violência é, ao mesmo tempo, um produto e uma ferramenta do sistema de capital, que funciona para mercadorizar a vida e a natureza, de modo que deve ser percebida em todas as dimensões da realidade social (BARROSO, 2021). O modo de produção capitalista reatualiza e reelabora formas de se produzir a violência que está no bojo da dinâmica entre docentes e discentes como esse assombro que atravessa a experiência escolar. Uma cultura da violência é uma das consequências do colonialismo na formação do capitalismo no Ocidente moderno.

4.2.1.4 Ancoragem 1

Os Discursos de Sujeito Coletivo descritos e sistematizados na ancoragem abaixo reúnem reflexões acerca do caráter estruturante e híbrido da violência. Considera-se a violência como estruturante, parte das relações do tecido social na sociedade ocidental contemporânea, associada ao modo capitalista de produção. Além disso, ressalta-se o papel da ideologia ao naturalizar alguns tipos de violência, bem como, é perceptível que vivenciar esse fenômeno compromete a saúde de adolescentes:

[...] a violência que se expressa no ambiente escolar é estruturante, pois suas facetas e raízes estão sedimentadas no tecido social. (Interpretação analítica a partir do DSC de adolescentes em vivência do projeto de intervenção na escola).

Estrutural, estruturante e enraizada nas relações sociais analógicas ou digitais, a violência possui um caráter híbrido. Para Stuart Hall (2020) a sociedade moderna está em constante transformação. No nosso mundo, essa sociedade é atravessada por múltiplas visões e antagonismos, nos quais não cabem mais definições estáticas de “eu” e “outro”. É essa multiplicidade, sobreposição de identidades e alteridades que garantem a existência de hibridismos nas relações sociais.

Ao assumirmos que tais relações sociais na contemporaneidade globalizada estão marcadas pela utilização das ferramentas virtuais e da internet, precisamos considerar que aspectos da estrutura e da individualidade que atravessam a ambiência analógica o fazem igualmente na ambiência virtual. Uma separação entre eles não dá conta da complexidade da teia que se estabelece nas redes de conexão virtuais.

A violência escolar sai da escola e entra na sociedade, assim como sai da sociedade e entra na escola. Portanto, diante a uma sociedade que assume a hibridização dos espaços *on-line* e *off-line*, a perpetração das múltiplas formas da violência são violências híbridas.

4.2.2 Discursos-síntese 02: evidenciando a ocorrência da violência na ambiência virtual

4.2.2.1 Ideia Central 2A: A noção de que a violência se dá também na virtualidade e ultrapassa o ambiente físico da escola

[...] as meninas são expostas no status do WhatsApp® com vídeos das mesmas nuas. Os meninos expõem fotos íntimas e ficam xingando as meninas com nomes de baixo-calão. Nos grupos de WhatsApp® é comum ver sendo gerado o sentimento de discriminação, é estranho. Além disso, no WhatsApp® ocorriam outros abusos sexuais, violência patrimonial. Nas outras redes sociais como o Instagram, Facebook® e Twitter®, principalmente, promovem LGBTFOBIA, com ataques à colegas, comentários preconceituosos em fotos, racismo, diante das diferenças raciais, por meio de divulgação de vídeos falando das pessoas pretas da escola, externando raiva pelos meus colegas pretos. Nós já presenciamos também xenofobia, memes preconceituosos com mensagens machistas de diminuição da pessoa sendo feita em publicações nessas redes, que incluem a presença de professores caçoando do modo de escrever dos estudantes (DSC de adolescentes em vivência do projeto de intervenção).

É comum observarmos discursos e pensamentos que buscam conceituar e caracterizar a ambiência virtual a partir de suas especificidades. Para esse trabalho e neste DSC pensamos a existência de/no ciberespaço como parte da experimentação da pós-modernidade, na qual se assentam as narrativas produzidas pelos estudantes nas oficinas e nos grupos de discussão do WhatsApp®. Nesse sentido, a Ideia Central 2A é elucidativa sobre como as questões latentes na experiência vivida encontram eco e relações fora das barreiras do “real”.

Vasconcelos *et al.* (2020) ao realizarem uma profunda revisão de literatura sobre a violência contra adolescentes destacaram o *bullying*, a violência sexual e a violência intrafamiliar como as principais encontradas nos artigos analisados. Em seus resultados, destacam o *cyberbullying* como uma categoria tipológica de violência, específica da ambiência virtual ou que “utiliza a tecnologia” (VASCONCELOS *et al.*, 2020, p. 147). As categorias não costumam considerar que todos os outros tipos de violência podem “utilizar a tecnologia” e acontecer na ambiência virtual. Pereira da Silva (2020) defende que na vivência online, o que

os sujeitos experimentam é o excesso do possível, posto que lá as vivências subjetivas são potencializadas ao máximo.

Os DSC's acima demonstram como a utilização da tecnologia na contemporaneidade, como observado por Pereira da Silva (2020) parece ser uma utilização do livre arbítrio, mas é operada para manifestar sem censura ou anonimamente as opiniões e críticas sobre os outros, não importando como elas podem invadir a privacidade alheia e provocar sofrimento. Dessa forma, a violência escolar híbrida que é produzida nas relações subjetivas da comunidade escolar, é reproduzida nas vivências dessa comunidade na ambiência virtual.

A prática da violência no ambiente virtual, notadamente nas redes sociais, é motivada por questões diversas, e pode acontecer de múltiplas formas, como o *sexyporn* caracterizado pela exposição de fotos íntimas e a proliferação de discursos de ódio de toda sorte. Estudos como os de Dias *et al.* (2019) concluíram que as redes sociais possuem um caráter rizomático, posto que ao mesmo tempo em que é possível controlar com quem compartilhar as informações, elas são projetadas para máxima acessibilidade, facilitando o compartilhamento para “fora da bolha”. Por conta disso, as redes podem servir para a prática de violência, como também para a segregação racial, as desigualdades e exclusões das mais diversas. Machismo, misoginia, racismo e LGBTfobia aparecem na forma de publicações, comentários e compartilhamentos.

Taquette e Monteiro (2019) ao examinar as causas e consequências da violência entre casais adolescentes, destacam a forma como a estrutura patriarcal favorece a perpetuação masculina da violência. Meninos e garotos, quando veem a sua virilidade ameaçada de alguma forma, tendem a impor a si mesmos de maneira violenta. Ademais, as autoras defendem que a desigualdade de gênero se configura como um fator de risco para jovens meninas e mulheres. Percebemos, dessa forma, como as estruturas de reprodução de violência e desigualdade existentes na sociedade se imbricam nas relações entre os adolescentes no mundo virtual, fazendo acender dissensos e provocando a violência.

4.2.2.2 Ancoragem 2

A violência escolar se expressa na virtualidade, através de múltiplas redes sociais digitais, o que ultrapassa a ambiência analógica, ou seja, o ambiente escolar: *a violência escolar é híbrida*. (Interpretação analítica a partir do DSC de adolescentes em vivência do projeto de intervenção na escola).

Observamos na Ancoragem acima um dos pontos fundamentais de nossos resultados, que é justamente o aspecto híbrido da violência escolar. Essa noção se assenta no fato de que

esse fenômeno não se isola no ambiente analógico, muito menos na virtual. Na verdade, as duas ambiências estão conectadas e as questões que atravessam uma, invariavelmente se percebem na outra. Braz (2020), examinando as questões da virtualidade e da violência nas redes de informação, destaca que a memória que fundamenta a violência nas redes virtuais atravessa uma série de outras memórias pensadas no decorrer do tempo.

Estudos como os de Souza e Lima (2020) chamam atenção para as formas de sociabilidade encontradas nas redes sociais. Os autores destacam que elas se pautam por interações, como o compartilhamento de fotos, textos e vídeos, promovendo uma cultura da superexposição. Nesse processo, apesar de as redes terem sido criadas para preencher vazios, elas favorecem novas formas de isolamento e violência (SOUZA; LIMA, 2020).

Nesse sentido, é sintomática a fala de Braz (2020) quando destaca que a virtualidade do ciberespaço é permeada por outros espaços, nos quais habitam várias nuances humanas. Por ser uma extensão dos seres humanos em si, torna-se inevitável que o ciberespaço evidencie aspectos e questões, como a violência escolar, presentes no cotidiano das relações humanas (BRAZ, 2020). Pensando nisso é que podemos considerar a hibridez da violência escolar, na medida em que ela se alimenta e é alimentada por preconceitos, vivências, episódios e inquietações que se estendem da ambiência analógica para a virtual e vice versa.

Tendo essas questões em mente, é importante verificar quais as potenciais consequências da violência híbrida no cotidiano dos sujeitos. Cremer (2015) examina as consequências de um tipo de violência escolar, o *bullying* a partir de uma abordagem gestáltica da psicologia. Para ele, a experiência desse tipo de violência introjeta no alvo um agressor interno, que o deixa frequentemente em posição de vítima ou de objeto, causando problemas de ordem psicológica que afetam a autoestima e saúde mental. Isso porque dependemos de nossas relações para construir a autoestima e quando elas estão permeadas pela violência (nesse caso específico o *bullying*) e num período de construção da personalidade, tal experiência pode deixar marcas duradouras na psiquê de vítimas e agressores (CREMER, 2015).

4.2.3 Discursos-síntese 03: evidenciando o caráter híbrido da violência escolar

4.2.3.1 Ideia Central 3A: A percepção de que tudo é uma coisa só: a violência está em ambos os espaços, ela é híbrida

A Ideia Central 3A, sistematizada a seguir, centra-se na questão do hibridismo da violência escolar, isto é, em assumir o seu caráter inequivocadamente híbrido, porquanto perpassa muitos espaços e não se encerra nos muros da escola. Na verdade, as ideias parecem

convergir para a necessidade de criar formas para pensar e entender essa violência, como esse fenômeno de geografia irrestrita.

[...] parece que a violência na escola se expressa em vários lugares, pois há falta de respeito ou comportamento invasivo e abusivo tanto na sala de aula, quanto nos outros espaços da escola, a exemplo das redes sociais, recentemente vimos na rede social (Instagram®) uma situação de LGBTfobia, quando uma estudante aqui da escola assumiu que estava namorando uma garota e teve comentários ofensivos do tipo que era um desperdício ou falta de pênis. Ou seja, a violência que acontece na sala de aula vai pra rede social e isso se expressa através a falta de respeito, indiferença, brincadeiras de mal gosto, vindas de estudante para estudante, mas também de estudante para professor, de estudante para funcionários da escola ou vice-versa. Em todos esses espaços há agressão. (DSC de adolescentes em vivência do projeto de intervenção).

Na Ideia Central 3A observou-se a constatação de que a violência em ambiente escolar não se restringe ao chamado “mundo real”. Na verdade, quando se utilizou as redes sociais para a realização de grupos de discussão, foi possível verificar a operacionalização das mesmas na reprodução da violência. As questões que se assentam na experiência vivida dos estudantes também estão relacionadas às suas experiências nas redes sociais digitais.

Podemos considerar o fenômeno da violência escolar como não tendo espaço fronteiriço, posto que não se cerca num único ambiente. Stelko-Pereira *et al.* (2018) ao estudar a violência virtual entre estudantes do ensino fundamental no Brasil, trouxeram importantes dados e considerações sobre a questão. Em suas discussões sobre o *cyberbullying*, os autores destacam que os recortes e atravessamentos de gênero, classe, raça e sexualidade também incidem sobre essas questões. Apesar dos relevantes argumentos, esta tese não comunga da ideia que a violência escolar híbrida é sinônimo do *cyberbullying*, pois o mesmo é percebido como uma ação violenta, em sua maioria, direcionado. Em contrapartida, violência escolar híbrida se configura como uma macromanifestação da violência que integra as violências da vida do adolescente com as violências perpetradas nas redes sociais digitais.

Tais considerações nos levam a refletir exatamente sobre a borrada barreira que se supõe existir entre os mundos análogo e virtual, de modo que concluímos ser inócua conceber uma separação entre os dois. Atravessamentos e recortes da experiência de vida se reproduzem e podem ser vistos nos ambientes virtuais e reais, interconectando os dois ao ponto de que um não existe sem a interferência do outro.

4.2.3.2 Ideia Central 3B: O reconhecimento de quando a violência híbrida se torna mais aparente

A Ideia Central 3B apresenta um conjunto de considerações observadas nas oficinas e das narrativas dos estudantes que ressalta suas impressões sobre quando a hibridez da violência se torna mais nítida, isto é, quando as barreiras entre analógico e virtual, já tênues, passam a se dissolver. Tais considerações permitem refletir sobre a questão de perceber as relações sociais entre os adolescentes e os episódios de violência à luz de chaves complexas de interpretação, na tentativa de explorar melhor o fenômeno, dando protagonismo as vozes e vivências dos estudantes.

[...] o que começa na escola acaba se estendendo para as redes sociais digitais. Por exemplo, as discussões agressivas entre estudantes de partidos políticos opostos. A eleição presidencial de 2018 provocou uma polaridade exacerbada pois era comum receber mensagens ofensivas e animes alterados nos grupos no WhatsApp® ligados à turma e/ou à escola. Algumas turmas e pessoas aqui do grupo de WhatsApp® já relataram alguns furtos (borracha, caneta, até celular), ao mudar de escola fiquei com um certo "medo", porque infelizmente as escolas públicas tem essa má fama. Acontece de diminuir as pessoas pelo modelo de celular que usa ou pela localidade onde mora. Entendemos que a violência é mais voltada para a idade, o sexo, a sexualidade, raça e a aparência da pessoa. (DSC de adolescentes em vivência do projeto de intervenção).

A questão sobre as estruturas epistemológicas da modernidade e da sociedade que transita entre a modernidade e pós-modernidade tem sido alvo de muitas reflexões e investigações por parte dos pensadores das ciências humanas. O grande desafio é como entender, caracterizar, discutir e propor encaminhamentos acerca da humanidade no século XXI, depois dos traumas e processos experimentados no século anterior. Na tentativa de definir o período, Schroeder, Abreu e Alves (2018) recuperam o pensamento de Michel Maffesoli para nos situar em um momento de declínio da sociedade disciplinar, em detrimento da emergência de uma sociedade do desempenho, na qual o sucesso individual depende unicamente do próprio esforço.

Trata-se de pensar uma epistemologia dita pós-moderna, marcada pela dissolução paulatina de alguns valores que assentaram a experiência da modernidade. Nesse sentido, a sociedade estaria organizada em torno do compartilhamento de valores entre pequenas comunidades, ou tribos, agenciando discursos e identidades que se sobrepõem. Existe, portanto, no mundo contemporâneo, o ideário moderno e burguês, construído em torno das classes sociais e reafirmado pelas elites empresariais atuais. Entretanto, subjacente a esse ideário, está a caleidoscópica teia de visões de mundo pautadas na globalização e no seu após, resultado da profusão de constituições comunitárias, místicas, artísticas, territoriais, tribais etc. (GABBAY, 2019).

Os discursos da Ideia Central 3B permitem refletir exatamente sobre como a violência está relacionada às características da sociedade contemporânea. A intensidade da relação entre o “real” e o “virtual” é tanta que se torna equivocado e forçoso assumir uma separação hermética entre eles. No mundo contemporâneo bastante conectado, aprendemos com Edgar Morin que o antigo está, aos poucos, deixando de responder adequadamente à compreensão da realidade, de modo que se torna necessário desenvolver um pensamento complexo, assim chamado por procurar dar conta da dialogia intermitente entre o simples e o complexo.

Consideramos, portanto, necessário pensar essas características e especificidades do mundo contemporâneo a luz da complexidade, para dar conta de entender e movimentar-se contra a violência no ambiente escolar. Examinando as aproximações entre a obra de Gilbert Durand e a de Edgar Morin, Porto (2022) expressa a iniciativa desses intelectuais em propor uma sutura epistemológica entre o ser humano e o mundo, na tentativa de remediar o desencanto provocado pela modernidade.

Nesse sentido, compreendemos ser imprescindível pensar a violência escolar de maneira complexa, atrelando as experiências e narrativas dos sujeitos à apreensão do processo, de modo a produzir conhecimentos que, em sua complexidade, procurem colocar o sujeito no centro. Na Ideia Central 3B, observamos como os estudantes evidenciaram a presença de momentos de inflexão para quando a violência se torna mais aparente. Ela escapa dos muros virtuais e se imbrica na realidade, num sentido mesmo em que ela se pauta no ritmo das flutuações políticas. Num momento de polarização ela se intensifica.

Ademais, quando ressaltam que a violência está associada a questões de idade, gênero, raça e classe, os participantes atestam exatamente a perseverança dos valores, símbolos e estruturais morais típicos da modernidade ocidental. Entretanto, o reconhecimento mesmo da violência desses estereótipos e da injustiça do processo é o resultado de um movimento de quebra de paradigma, no qual valores outrora subterrâneos atingem a superfície das relações sociais e narrativas, exigindo serem levados em consideração para a construção de futuros possíveis.

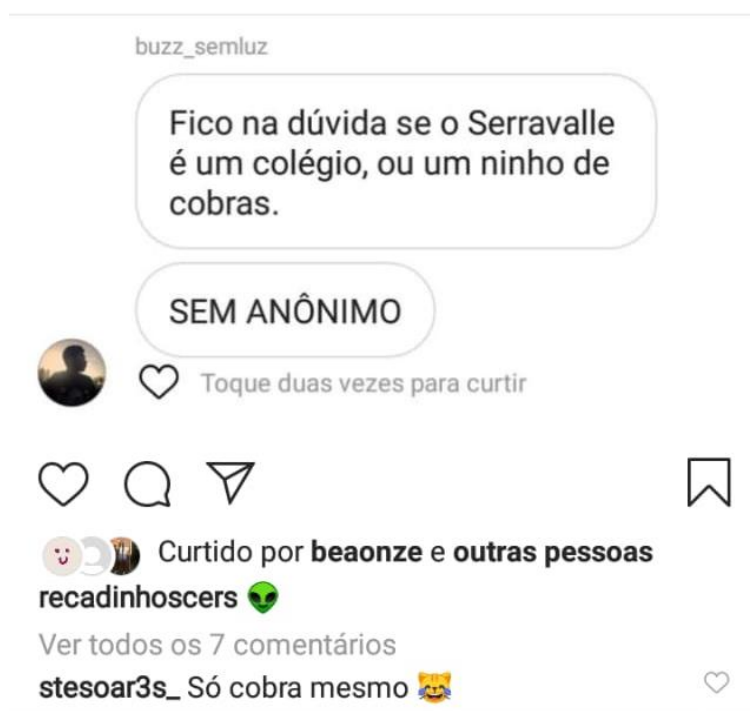
4.2.3.3 Ideia Central 3C: O reconhecimento dos estudantes de quando a violência escolar é híbrida e se torna frequente nas redes sociais

A Ideia Central 3C sistematiza um conjunto de discursos que destacam episódios que refletem o hibridismo da violência escolar. Tais episódios corroboram a noção de que a violência é estruturante, perpassando diferentes esferas do vivido, além disso, observa-se a

existência de uma arquitetura da violência, expressa nos grupos de fofoca criados na escola. Por conta dessa característica, entendemos ser um fenômeno híbrido, na medida em que as tensões que provocam a violência se retroalimentam nas conexões entre o analógico e o virtual.

[...] existem páginas anônimas de fofoca da escola e as pessoas escrevem nos banheiros. Se você chegar lá vai ver escrito: “fulana participou”, “fulana é linda”. Aqui (WhatsApp®) os colegas ficam encaminhando as postagens para os outros, para depois virar briga e motivo de risada na escola, sabemos que rola muito esse tipo de situação. Tem grupo aqui de WhatsApp® em que só compartilham os conteúdos não permitidos no grupo da turma, como fotos vazadas, e é a mesma coisa da sala de aula: quando uma estudante vem com a calça mais colada, rolam logo os comentários e as olhadas. Frequentemente descobrimos no mesmo dia que os meninos falaram no grupo do WhatsApp® sobre as roupas das meninas. (DSC de adolescentes em vivência do projeto de intervenção).

Figura 20 - Publicações em perfil anônimo na rede social Instagram® com propagação de violência sobre a escola. Salvador, Bahia, Brasil, 2022.



Fonte: Arquivo do pesquisador, 2022.

O DSC acima elucida um dos achados dessa pesquisa-intervenção, que trata justamente da existência de perfis nas redes sociais com o objetivo de produzir violências a partir de comentários e exposições no *Instagram*®. Os resultados destacados no DSC e os achados na figura 22 evidenciam a existência de uma arquitetura da violência, que opera por meio das redes ao trazer para a ambiência virtual questões que apareceram no cotidiano da escola. Dessa forma, as próprias páginas e grupos paralelos funcionam como parte dessa arquitetura.

Para refletir sobre quando a violência se torna híbrida, é preciso tecer algumas considerações sobre essa conceituação. Em primeiro lugar, importa recuperar a ideia defendida por Stelko-Pereira e Williams (2010) de que a violência, enquanto fenômeno característico das relações de poder e especificamente da sobreposição delas, pode ser expressa de muitas formas, de modo que o próprio entendimento dela é variado entre os pesquisadores (STELKO-PEREIRA; WILLIAMS, 2010). Os autores destacam a dificuldade de encontrar um consenso, advogando ainda a necessidade de aprofundar as investigações sobre o tema. No bojo dessas discussões, essa investigação encontrou reflexos da experiência de violência no cotidiano dos estudantes, fazendo-se necessário debruçar-se sobre os significados atribuídos a ela. Observou-se que as tensões vividas no ambiente analógico escolar atravessavam a fronteira do virtual, notadamente expressa nas redes sociais digitais.

Em estudo sobre as relações entre violência nas redes sociais digitais, Quiroga (2020) apontou que 61% dos estudantes entrevistados consideraram as causas do problema como sendo o mal uso das redes sociais. Para ela, esse mal uso tem como consequência a deterioração de vínculos sociais e comunicacionais. Importa aqui discernir sobre o que deve ou não ser postado, num sentido mesmo de entender que a internet não é lugar de ninguém ou terra sem lei (QUIROGA, 2020). Pensando nisso, compreendo as alterações comportamentais que a chamada Geração Z tem, resultantes do uso de plataformas como o *Instagram*®.

Julião (2022) ressalta as potenciais consequências para o bem-estar físico e psicológico dos indivíduos que assiduamente utilizam a rede social. A autora verificou a aplicabilidade de suas hipóteses por meio de entrevistas com adolescentes, de modo a destacar que a hiper realidade experimentada no *Instagram*® contribui e conduz à alteração comportamental (JULIÃO, 2022). Nesse ponto, as considerações de Silva (2019) sobre a construção do *ethos* da violência no *Instagram*® são sintomáticas desse processo. A autora encontrou três categorias de *ethos*: a violência relacionada ao sadismo e exposição de imagens, aquele relacionado ao narcisismo e auto exibição e aquele relacionado à insatisfação com o ambiente escolar (SILVA, 2019).

Tendo em vista, portanto, que a sobreposição de relações de poder, que estão no centro da violência enquanto fenômeno, podem ser observadas na ambiência virtual e produzem consequências diversas na vida dos envolvidos, entendemos que se trata de um fenômeno híbrido. Conforme apontado por Covaleski (2010), o híbrido é o encontro entre dois meios, no qual regiões fronteiriças transitam, mesclando elementos e construindo novas formas. Dessa maneira, quando se verifica o trânsito feito pelas expressões de violência escolar do ambiente analógico para o virtual, trazendo consigo as estruturas reprodutoras da desigualdade e de

relações de poder, afetando diretamente as vítimas, agressores e a própria comunidade escolar em níveis diferentes, percebemos que a violência escolar é híbrida.

Tais considerações encontraram ancoragem nos DSC. Quando observamos, com base no DSC e na figura 22, a existência de uma arquitetura da violência, entendemos que ela está relacionada exatamente com as características da vida dos adolescentes na ambiência virtual. A maneira como as redes sociais permitem construir diferentes representações de si e dos outros contribui para estabelecer espaços privados dentro do público, nos quais a cultura da violência se manifesta e se retroalimenta, trazendo questões da vivência cotidiana dos estudantes para a ambiência virtual.

4.2.3.4 Ancoragem 3

Os atos de violência envolvem agressores e agredidos tanto na ambiência virtual (redes sociais digitais), a exemplo dos episódios relatados, como na analógica, no cotidiano dos estudantes. Portanto, a violência escolar se constitui um fenômeno híbrido.

[...] a violência escolar híbrida torna indissociável à vivência experienciada pelos adolescentes, ofuscando os mecanismos de enfrentamento entre ambos os espaços de perpetração (Interpretação analítica a partir do DSC de adolescentes em vivência do projeto de intervenção na escola).

A hibridez da identidade e das relações sociais no mundo contemporâneo tem sido alvo de muitas investigações. Tadeu (2009) elenca como uma das principais questões do nosso tempo a pergunta sobre onde termina o humano e começa a máquina. Para ele, entretanto, essa questão já não dá mais conta da complexidade das relações sociais do mundo pós-moderno. Isso por conta da inescapável promiscuidade entre ciência e política, tecnologia e sociedade, natureza e cultura (TADEU, 2009).

A discussão em torno das relações entre a tecnologia e o corpo humano tem emergido na sociedade contemporânea ancorada, entre outras referências, na perspectiva defendida por Michel Foucault (1987) de que, na sociedade moderna, dispositivos como a disciplina e a vigilância são capazes de moldar e interferir na formação do corpo humano (FOUCAULT, 1987). Parte dos pesquisadores tem chamado atenção para a integração cada vez maior entre o corpo humano e a tecnologia e como se relacionam, propondo uma lente de análise conhecida como Teoria do Corpo Ciborgue, nem só humano nem só máquina. Nem sentido, considerando o contexto da emergência da cibercultura e dos corpos ciborgues, também a forma como experimentamos o mundo tem sido alterada pela tecnologia.

Martins e Viana (2019) em artigo sobre uma visão da linguagem ciborgue e coletiva, destacam que a contemporaneidade está marcada por um processo no qual o corpo deixou de ser o alvo das instituições disciplinadoras pura e simplesmente, para se colocar em circulação no espaço em que habita. Nesse processo, nos tornamos o que os autores chamaram de sujeito-plataforma, na medida em que a produção de subjetividade na contemporaneidade se alinha às práticas econômicas e operam com conexões microfísicas sempre em rede, questionamento a ideia de uma composição puramente biológica ou orgânica dos corpos (MARTINS; VIANA, 2019).

Quando pensamos no processo de formação de identidades individuais e coletivas, próprio dessa contemporaneidade, percebemos que a contemporaneidade expressa uma “crise de identidade” (HALL, 2005), posto que desloca processos e estruturas centrais da sociedade, ao mesmo tempo em que faz ruir algumas verdades e referências ditas humanas ou universais. A perda desses referenciais resulta na criação de culturas e corpos mistos, híbridos, crioulas, mestiças, que são produto, de um lado, das culturas locais e, de outro, da interação delas com o avanço da globalização. Nesse sentido é que os autores têm chamado atenção para o hibridismo cultural, caracterizado pelo fenômeno em que estruturas e práticas que existiam em separado passam a se integrar, produzindo novos objetos, estruturas e modos de fazer (TABET; SOUZA; BAETA, 2016).

Dito de outra forma, o esquema informacional do mundo cada vez mais conectado às redes virtuais transforma o cuidado de si numa espécie de edição de si, a exemplo dos perfis editáveis nas redes sociais. Dessa forma, os sujeitos-plataforma da contemporaneidade são nexos de conexões, de aplicações a serem unidas. Essas considerações permitem pensar que os processos de produção de significados devem ser entendidos à luz das conexões (MARTINS; VIANA, 2019). O corpo máquina que é o sujeito-plataforma deve ser pensado considerando a heterogeneidade dos vetores de produção de sentido no mundo contemporâneo sendo, nesse caso específico, a internet e as redes sociais.

Os adolescentes que participaram dessa pesquisa-intervenção nasceram já num mundo conectado pelos avanços das tecnologias da informação e comunicação. Nas redes sociais digitais são pautadas demandas, questões, tensões, ditames, modas e ideias que são experimentadas pelos estudantes cotidianamente. O corpo adolescente tem se integrado a cibercultura cada vez mais cedo, ressaltando como a fronteira entre as relações propriamente “humanas” e aquelas “tecnológicas” é tênue. Ao mesmo tempo em que dispositivos versáteis como pulseiras de monitoramento são capazes de ajudar no controle da saúde e do bem-estar, dispositivos virtuais como as redes sociais tem implicações diretas na socialização, no

entretenimento e no acesso à informação de crianças e adolescentes; nas suas noções de beleza e nos valores que constroem e compartilham.

O que essas reflexões permitem considerar é exatamente como a virtualidade da vida contemporânea expressa, alimenta e reproduz a violência escolar. Vítimas e agressores estão por trás das telas e nas cadeiras das salas de aula, de modo que a experiência do vivido é também a experiência do virtual, as duas coisas não se separam como às vezes se supõe. Além disso, podemos afirmar a potencialidade do emprego de tecnologias e metodologias de educação em saúde no combate à violência escolar híbrida. Numa perspectiva da educação em saúde, faz-se necessário que os estudantes aprendam e desenvolvam competências relacionadas a formas mais saudáveis de se relacionar com a tecnologia. Aqui, podemos elencar entre essas formas questões relacionadas a ergonomia, por exemplo. Entretanto, considerando as experiências de violência relatadas e coletadas nos DSC, alertar para como as redes sociais digitais podem ser espaços de violência cujos efeitos são extremamente nocivos é um importante exercício. Os estudantes podem se instrumentalizar para identificar, coibir e combater a violência híbrida.

4.3 CONTRIBUIÇÕES DAS INTERVENÇÕES EDUCATIVAS, ANALÓGICAS E MEDIADAS POR REDES SOCIAIS DIGITAIS NO ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA ESCOLAR

4.3.1 Discurso síntese 4: elucidando contribuições das intervenções educativas no ambiente analógico

4.3.1.1 Ideia Central 4A: As contribuições de atividades diversificadas no cotidiano escolar com a participação dos professores

As atividades desenvolvidas durante as oficinas, bem como os métodos utilizados podem ser considerados extraordinários diante do cotidiano escolar. A força das tradições escolares não costuma, no ensino médio, articular metodologias ativas e/ou interligadas ao universo da experiência dos estudantes. Na Ideia Central 4A, observamos nas devolutivas dos partícipes a noção de que o processo aqui empreendido foi proveitoso na medida em que diferiu do que estavam acostumados na escola. Além disso, a participação dos professores foi ressaltada como um ponto positivo dentro desse contexto.

[...] a escola até tenta fazer essa discussão aqui na sala, mas infelizmente nem todos os professores conseguem ter o entendimento que as redes sociais fazem parte do nosso dia a dia e que falar sobre elas e usar na sala é melhor do que mandar guardar o celular em aula. Gostei que os professores também participaram das intervenções e aprenderam sobre a temática. Eu pensei que

ia ser chato, mas não foi. Aqui na escola precisamos discutir essas coisas em mais atividades. (DSC de adolescentes em vivência do projeto de intervenção).

O DSC acima reúne depoimentos dos estudantes que permitem examinar algumas questões relativas às metodologias de ensino-aprendizagem e a própria noção de educação. Ao destacar que “pensei que ia ser chato, mas não foi” os estudantes deixaram escapar registros de seu descontentamento e falta de ânimo com as aulas. Sabemos que muitos são os fatores que incidem sobre a produção desse sentimento, mas consideramos importante refletir sobre a importância de metodologias como as adotadas aqui para o processo de ensino-aprendizagem.

Podemos definir as metodologias ativas, utilizadas nessa pesquisa-intervenção, como aquelas em que o aluno é o protagonista e os professores são mediadores ou facilitadores do processo (LOVATO *et al.*, 2018). Tendo em vista os objetivos desse trabalho, quais sejam os relacionados ao enfrentamento da violência escolar, consideramos que a utilização de metodologias ativas permite a construção de valores e conhecimento significativos para os estudantes, o que foi verificado no DSC.

O que se observa é que a apreensão de uma questão pertinente ao seu cotidiano (violência escolar) através das plataformas utilizadas no dia a dia dos alunos oportunizou uma participação ativa deles na construção do conhecimento. Nesse sentido, importa ressaltar que as possibilidades de utilização das metodologias ativas são múltiplas, não há receitas prontas. Sistematizações feitas na literatura especializada apontam que cada vez mais relatos de experiência tem ressaltado a importância das metodologias ativas, porquanto permitem construir conhecimento a partir da resolução de problemas e baseado em experiências caras ao cotidiano dos discentes (PAIVA *et al.*, 2016).

Considerando as contribuições desse tipo de atividade para a educação em saúde, é mister ressaltar a necessidade de que o ensino em saúde incorpore avanços pedagógicos, objetivando quebrar a dicotomia ensino básico-formação clínica. Estudos como os de Roman *et al.* (2017) tem ressaltado as potencialidades das metodologias ativas para além das disciplinas tradicionais. Na verdade, elas permitem ao discente forjar seu próprio desenvolvimento, construindo ferramentas para a vida (ROMAN *et al.*, 2017). Ao entendermos a violência escolar do ponto de vista epidemiológico, tratá-la no âmbito do ensino em saúde requer que haja diálogos e esforços coletivos na elaboração de propostas pedagógicas.

Um outro ponto fundamental elucidado no DSC diz respeito a formação docente. Se defendemos a opção pelas metodologias ativas, faz-se necessário que os docentes tenham condições e oportunidades para se instrumentalizar para utilização delas e também para minar as suas próprias reproduções de violência. Para que a escola desenvolva as habilidades

necessárias para o combate à violência escolar desde o chão da sala de aula, é fundamental que o corpo docente se coloque também no papel de aprendiz, inclusive para dar conta das transformações sociais que atravessam as salas (LIDOINO; SANTOS; REIS, 2020).

Por fim, no que diz respeito aos objetivos de nossas intervenções, consideramos que funcionaram na medida em que se sustentam numa pedagogia das conexões, ao enfatizar diferentes experiências de violência, numa linguagem e plataformas condizentes com o vivido pelos estudantes. Ao estimular a conexão entre o aprendizado e o mundo real, buscamos fazer da aprendizagem significativa, na perspectiva do que é defendido desde Freire (1970) além de um referencial para o combate à violência escolar.

4.3.1.2 Ideia Central 4B: As intervenções analógicas podem ser capazes de suscitar mudanças de atitude, mas a responsabilidade é individualizada.

Observamos nas falas dos estudantes, a respeito das contribuições das intervenções analógicas, a noção de que nossas atividades puderam suscitar e fornecer subsídios para mudanças de atitude. Entretanto, tal ideia não foi um consenso, de modo que a questão da aplicabilidade das discussões empreendidas nas oficinas figurou nos relatos, ora positivamente, ora negativamente. Ademais, ficou explícita a questão da responsabilidade individual no tocante às possíveis mudanças de atitude.

[...] eu gostei da oficina, pelo menos agora os meninos – viu, meninos? - quando eu falo que as tretas de WhatsApp e Instagram não são legais, vocês ficam dizendo que eu sou chata. Achei as oficinas importantes para a gente conhecer as opiniões dos colegas e para dar atenção ao dia a dia do pessoal dessa sala, mas não sei se vai mudar muita coisa não... A questão de mudança é você mesma mudar para você... Não ligar mais para a opinião dos outros. As pessoas deveriam respeitar mais umas às outras. Independentemente de quem seja: de aluno para professor, de professor para aluno. Se a sociedade soubesse respeitar haveria um mundo melhor. A empatia também é um fator muito importante. (DSC de adolescentes em vivência do projeto de intervenção).

Ao promovermos atividades de ensino-aprendizagem que se constituíssem de espaços para a discussão de um problema tão sério e fulcral no cotidiano discente, verificamos como no DSC acima como a questão da violência virtual está relacionada com um mal uso das redes sociais. Entretanto, ao elucidar que as coisas saem da escola e vão parar nas redes, ou nascem das redes para ir parar na escola, também destacamos a ideia de que as mudanças de atitude são fundamentais para combater eficazmente a violência escolar.

Questões essenciais para a transformação de valores e consequente mudanças de atitude foram endossadas nessa pesquisa-intervenção. Partimos do pressuposto de que é imprescindível contribuir para a criação de uma cultura de paz, promovendo práticas defendidas pela literatura

especializada como o respeito pela vida, a redescoberta da solidariedade e a rejeição da violência (MACÊDO, 2020).

Estudos focados nas estratégias de construção de cultura de paz destacam a importância da convivência escolar como espaço de resistência às formas de exclusão e violência da sociedade (ÁNGEL, 2019). Espaço de resistência, mas em potencial. A convivência escolar também pode ser um gerador de violências, de modo que a construção de empatia, fundamental para uma cultura que se propõe de paz, perpassa a disputa pelos ambientes de convivência. Esse tipo de ação se coaduna à propostas de modelagem pública para a redução da violência escolar conforme apontado, por exemplo, por Chrispino e Dusi (2008).

Os sobreditos autores sistematizam ações possíveis no contexto de atuação de um Programa de Avaliação de Violência Escolar. Nessa proposta, ações curriculares para discutir a questão da violência, bem como identificar seus tipos e dúvidas são elencadas como estratégias possíveis de enfrentamento da questão (CHRISPINO; DUSI, 2008).

4.3.1.3 Ideia Central 4C: Contribuições do processo educativo na ambiência virtual para a organização de conceitos.

Os discursos elucidam a potencialidade das intervenções educativas, mediadas por redes sociais digitais, no que tange as análises conceituais. O resultado ressalta como a utilização das redes sociais pode ser um dos caminhos para se construir conhecimento em sala de aula, possibilitando a organização de conceitos caros aos debates públicos atuais, como o feminismo, sororidade, desigualdade de gênero e raça, LGBTQfobia:

[...] a participar do projeto me fez rever as minhas próprias experiências e conceitos que eu não entendia direito, tipo o feminismo. Vejo muitos homens passando dos limites, tentando “elogiar”, mas não compreendem que podem na maioria das vezes passar uma ideia errada e se expressar mal. Comecei a entender que o feminismo é a luta por direitos iguais de todas as mulheres: trans, travestis e bissexuais também. Isso porque, pelo que eu observo, algumas mulheres entendem que ser feminista é odiar os homens, sendo que o feminismo não é isso. Somos iguais perante a lei, mas somos totalmente diferentes, cada um possui sua individualidade, a sua diversidade e cada um tem que ser respeitado da mesma forma. (DSC de adolescentes em vivência do projeto de intervenção).

Instrumentalizar os discentes para (re)orientar-se conceitualmente no mundo foi um dos resultados obtidos nessa pesquisa-intervenção, conforme apontado no DSC acima. O trecho elucidado como os estudantes passaram a ressignificar questões vividas cotidianamente e que não consideravam como formas de violência. A partir das intervenções, eles foram

instrumentalizados conceitualmente para identificar nessas atitudes exemplos e manifestações de violências múltiplas.

Pensando nessa instrumentalização dos discentes participantes, é sintomática no DSC a fala que ressalta a conceituação do feminismo. Estudos recentes sobre o movimento feminista têm destacado a existência de uma quarta onda, pautada pela utilização das redes sociais e a preocupação com a violência contra a mulher (VARGAS; SARAIVA, 2019). Além disso, os pesquisadores destacam a necessidade de articular o digital e as ruas, pensando os dois espaços de modo complementar, contínuo, híbrido. A aplicação da intervenção proporcionou a construção de ferramentas que, com base numa epistemologia feminista, identifica e combate a violência contra a mulher.

Corroboramos com os resultados de outros pesquisadores que interligaram a cibercultura aos movimentos sociais como o feminismo, o movimento negro e o LGBTQIA+, na medida em que o consideramos como espaço de disputa (JESUS; SILVA; SILVA, 2021). No ciberespaço são necessárias ocupações antirracistas, feministas e de valorização da diversidade religiosa. Considerando que a aprendizagem é movente, não linear e nômade, é preciso criar estratégias para que os estudantes desenvolvam afetos e valores que se coadunem aos objetivos de combate à violência escolar.

Anteriormente nessa discussão, ressaltamos a possibilidade de construir um conhecimento com base na epistemologia da complexidade. Ao destacar a existência de ações violentas contra as mulheres nas redes sociais, ainda que disfarçados de simples comentários, os estudantes elaboraram um pensamento complexo, que se contrapõe a separações reducionistas entre mundos e objetos. Estudiosos da epistemologia da complexidade tem destacado que a necessidade de superar a fragmentação dos saberes é um dos principais desafios para a ciência e a prática pedagógica (STIGAR, 2021). Nesse sentido, os resultados sistematizados no DSC sobredito apontam para a possibilidade de, através de metodologias ativas e do uso de redes sociais, produzir conhecimentos complexos capazes de promover mudanças de atitude e de valores

4.3.1.4 Ancoragem 4

As intervenções analógicas na ambiência escolar e as realizadas nas redes sociais digitais são complementares e são potentes para resolução de conflitos e empoderamento de adolescentes.

Figura 21– Diagrama das contribuições da pesquisa intervenção. Salvador, Bahia, Brasil, 2023.



Fonte: Arquivo pesquisador, 2023.

Quando pensamos em formas de preparar os estudantes para o exercício da cidadania, a fim de corroborar com o projeto de nação da Constituição Federal de 1988, é fundamental pensarmos sobre o reconhecimento dos educandos enquanto sujeitos da história e sujeitos de direitos. A construção de uma cultura de paz que enfrente os problemas pelas suas raízes históricas e sociais requer esforços múltiplos, coletivos, híbridos.

As intervenções realizadas nessa investigação permitem inferir reflexões acerca do empoderamento dos adolescentes. Observamos como suas relações sociais e sua própria formação está relacionada com as redes sociais digitais e os meios virtuais, de modo que também a forma como experimentam a violência está condicionada por esse contexto. Tendo em vista, portanto, a necessidade de produção de conhecimento acerca da violência escolar em suas múltiplas formas e o papel do pesquisador, dos educadores, dos profissionais da saúde e enfermagem e da universidade nesse processo, a construção de tecnologias e metodologias é fundamental. Para tanto, a utilização das redes sociais digitais foi um meio potente. Por estarem presentes vividamente no cotidiano dos estudantes, as redes pressupõem a existência de um letramento digital, que nem sempre ocorre. Investigações como as de Aizza, Isotani e Santos Júnior (2020) apontam para a necessidade de desenvolver o letramento digital como forma de exercer a cidadania em tempos de múltiplas conexões e hibridismos.

As contribuições desse esforço abrem caminhos para se pensar políticas de promoção a saúde na escola que considerem o papel das redes sociais nos processos de adoecimento, mas

também a sua potencialidade na construção e compartilhamento de valores e informações. Quando a escola se empenha em partir da realidade dos estudantes para elaborar suas propostas e estratégias pedagógicas, torna-se possível desenvolver metodologias ativas que permitam a produção de conhecimento de forma processual, fazendo sentido para os estudantes. Educar para uma relação mais saudável com a tecnologia significa melhorar nossa relação conosco e com os outros.

É preciso conhecer as redes sociais, seu funcionamento, bem como as problemáticas envolvidas em seu uso. Nesse sentido e pensando que a participação ativa do estudante no processo de ensino aprendizagem possibilita o seu empoderamento, posto que o instrumentaliza a conhecer, enfrentar, escutar, acolher e colocar-se no mundo (MASSON *et al.*, 2020). Por conta disso se reforça a necessidade de metodologias ativas para a produção desse conhecimento, considerando também a urgência da articulação entre os profissionais da saúde e as equipes pedagógicas (FERREIRA *et al.*, 2019), a fim de proporcionar o empoderamento discente e, com ele, minar as origens da violência escolar híbrida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo se baseou nas contribuições do Edu-TEC:Violência-&-Saúde para o enfrentamento da violência escolar híbrida. Para tanto, analisei as relações entre a ambiência analógica e virtual na perpetração das múltiplas e complexas manifestações da violência.

A Edu-TEC:Violência-&-Saúde constituiu-se em uma tecnologia educativa inovadora, estruturada a partir de uma pesquisa-intervenção para o enfrentamento da violência híbrida no contexto escolar mediada por redes sociais digitais. Esteve baseada em conceitos fundamentais da cibercultura, da educação, da saúde e enfermagem e da tecnologia. Além disso, utilizou-se de estratégias híbridas focadas no reconhecimento, prevenção e enfrentamento da violência na ambiência da escolar e virtual do cotidiano dos estudantes.

A Edu-TEC:Violência-&-Saúde mostrou-se eficaz para sensibilizar, prevenir e encorajar para a não reprodução da violência, não apenas no cenário físico da escola, mas também nas redes sociais digitais, revelando o seu caráter híbrido. Além disso, contribuiu para habilitar os estudantes para o reconhecimento das múltiplas expressões da violência e a construção das enfrentamento do fenômeno da violência, entrelaçado ao desenvolvimento de relações interpessoais pautadas na cultura de paz e do diálogo compreensivo diante de situações estressoras no ambiente escolar.

Em relação aos professores, o projeto estimulou a identificação de situações cotidianas de violência, inclusive nas relações estabelecidas entre o corpo docente e os estudantes, bem como desmistificar a utilização negativa das redes sociais no contexto escolar e estimular as potencialidades pedagógicas das redes sociais no currículo. Dessa maneira, o projeto Edu-TEC:Violência-&-Saúde apresenta potencialidades para ser replicado em outros cenários, como forma de ampliar as redes de enfrentamento da violência e proteger crianças e adolescentes.

No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente reconhece-os como sujeitos de direitos, estabelecendo um conjunto de normas para salvaguardá-los de qualquer violência. Aqui, também a violência escolar é um fenômeno a ser combatido por muitas entidades, com o Estado e a família. A escola tem a responsabilidade de criar um ambiente seguro e acolhedor e de instrumentalizar os estudantes para reconhecer e enfrentar as violências sofridas e experimentadas cotidianamente e que contribuem para o adoecimento dos adolescentes. Tal esforço é, certamente, uma questão de saúde pública.

As contribuições no uso das redes sociais digitais associadas às intervenções analógicas no ambiente escolar mostraram-se efetivas. Entretanto, o pesquisador não pode se furtar aos desafios que se constituíram no processo de pesquisa. Entre eles, destaco como exemplo os

estudantes que optaram por sair dos grupos de WhatsApp® e não participar das discussões, assim como a dificuldade na discussão de temáticas sensíveis diante a realidade política do país e também a aproximação do pesquisador com teorias complexas do campo da tecnologia.

É fundamental destacar algumas dificuldades que estão para além dos limites exequíveis de um projeto como o Edu-TEC:Violência-&-Saúde, quais sejam a infraestrutura dos ambientes escolares e os imbróglis financeiros. Além disso, a complexa relação estabelecida entre os sujeitos do ambiente escolar (docentes e técnicos, principalmente). Importa refletir, ademais, sobre a possibilidade de integração da comunidade do entorno da escola em projetos como esse, posto que, ao considerarmos a violência escolar híbrida um problema que requer esforços coletivos, pais, familiares e instituições não podem ser privadas de pautar esse debate.

Ao revisitar a caminhada, suas evidências e contribuições, permeada por análises do discurso do sujeito coletivo, a tese defendida de que intervenções educativas, analógicas e na ambiência virtual, mediada por redes sociais digitais, são capazes de enfrentar as expressões de violência no ambiente escolar, uma vez que o fenômeno da violência se manifesta de maneira híbrida na experiência de adolescentes escolares, é legítima. Para além do plano acadêmico, penso ter deixado um rastro de esperança, de confiança e de empoderamento aos estudantes adolescentes.

Concluo uma primeira versão de uma edição rara para mim e para os que trajetaram junto e que pretende ser ilimitada. Cumpro um ciclo e abro outro carregado de aprendizados e de afetuosidades, comprometido com um agir para um mundo melhor, com o enfrentamento da violência em todas suas dimensões. Oxalá me conceda essa força de ter fé na vida!

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena Wendel; VENTURI, Gustavo; CORROCHANO, Maria Carla. Estudar e trabalhar: um olhar qualitativo sobre uma complexa combinação nas trajetórias juvenis. **Novos Estudos**, São Paulo, v. 39, n. 03, p. 523-542, dez. 2020.
- ABRAMOVAY, M. **Cotidiano das escolas: entre violências**. Brasília: UNESCO, 2005.
- ABRAMOVAY, M. *et al.* **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas**. Brasília: UNESCO: BID, 2002.
- ABRAMOVAY, M.; RUA, M. **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO, 2002.
- AIZZA, Tainnan Souza S.; ISOTANI, Seiji; SANTOS JÚNIOR, Jairo J. **Letramento digital como ferramenta de empoderamento do estudante**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-Graduação em Computação Aplicada à Educação) – Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. (Anais dos Trabalhos de Conclusão de Curso). Disponível em: https://especializacao.icmc.usp.br/documentos/tcc/tainan_aizza.pdf. Acesso em: 06 jul 2022.
- ALENCASTRO, Lidiane Cristina da Silva *et al.* Theater of the Oppressed and bullying: nursing performance in school adolescent health. **Revista Brasileira de Enfermagem**, [S. l.], v. 73, n. 1, p. 1-7, 2020. DOI <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0910>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/gV5QTpkxzmFmCHch3Hvc4LD/?lang=en>. Acesso em: 18 jan. 2021.
- ALMEIDA FILHO, N.; BARRETO, M. L. Desenhos de pesquisa em epidemiologia. *In*: ALMEIDA FILHO, N.; BARRETO, M. L. **Epidemiologia & saúde: fundamentos, métodos, aplicações**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.
- ANUNCIACÃO, Leilane Lacerda; SOUZA, Sinara de Lima. Violência nas escolas: do diagnóstico à intervenção. *In*: CARVALHO, Rosely; SOUZA, Sinara de Lima; SANTOS NETO, Paulo Amaro (Org.). **Violência nas escolas: do diagnóstico à intervenção**. 1 ed. Curitiba: CRV, 2019. v. 1. p. 197-218
- ASSIS, Simone Gonçalves de (Org.) **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação: Editora FIOCRUZ, 2010.
- ASSUNÇÃO, Marhla Laiane de Brito *et al.* Educação em saúde: a atuação da enfermagem no ambiente escolar. **Revista de Enfermagem**, [S. l.], v. 14, p. 1-8, 24 mar. 2020. DOI <http://dx.doi.org/10.5205/1981-8963.2020.243745>. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/243745>. Acesso em: 14 fev. 2022.
- BONILLA, M. H., PRETTO, N. Movimentos colaborativos, tecnologias digitais e educação. **Em Aberto**, Brasília, v. 28, n. 94, p. 23-40, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/1666/1637>. Acesso em: 20 nov. 2018.

BOTTINO, S. M. B *et al.* Cyberbullying and adolescent mental health: systematic review. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 3, p. 463-75, mar. 2015. Disponível em: <https://goo.gl/TrBggw>. Acesso em: 05 dez. 2018.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988.

BRASIL. **Decreto nº 6.286**, de 5 de dezembro de 2007. Inclui o Programa Saúde na Escola – PSE, e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 2007a. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6286.htm. Acesso em: 30 nov. 2017.

BRASIL. **Lei nº 8.069**, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da criança e do adolescente e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm. Acesso em: 20 jun. 2018.

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República, 1996.

BRASIL. **Lei 11.525**, de 25 de setembro de 2007. Acrescenta § 5º ao art. 32 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir conteúdo que trate dos direitos das crianças e dos adolescentes no currículo do ensino fundamental. Brasília: Presidência da República, 2007b. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Lei/L11525.htm. Acesso em: 30 nov. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC; SEB; DICEI, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **IDEB** – Apresentação. [S. l.]: Ministério da Educação, 2018. Online. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/conheca-o-ideb#:~:text=O%20Ideb%20funciona%20como%20um,mobilizar%20em%20busca%20de%20melhorias>. Acesso em: 21 jan. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466**, de 12 de dezembro de 2012. Dispõe sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília: Ministério da Saúde, 2012. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html. Acesso em: 10 nov. 2018.

BRASIL. **Pesquisa nacional de Amostra de Domicílios Contínua** – PNAD CONTÍNUA. Rio de Janeiro: IBGE, 2016a. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/instrumentos_de_coleta/doc5360.pdf. Acesso em: 30 nov. 2018. (Questionário Completo).

BRASIL. **Pesquisa nacional de saúde escolar**. Rio de Janeiro: IBGE, 2016b. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv97870.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2018.

BRASILEIRO, F. S.; DE AZEVEDO, J. V. NOVAS PRÁTICAS DE LINCHAMENTO VIRTUAL: FACHADAS ERRADAS E CANCELAMENTO DE PESSOAS NA CULTURA DIGITAL. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, [S. l.], v. 19, n. 34,

2020. Disponível em: <http://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/640>. Acesso em: 18 mar. 2023.

BRAVO, R. G. Violência simbólica na EPT – um estudo de caso no curso técnico de enfermagem do Instituto Humboldt de Vitória/Es. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, [S. l.], v. 2, n. 11, p. 71-87, abr. 2017. Disponível em: <https://goo.gl/b6qoCm>. Acesso em: 20 nov. 2018.

BRAZ, José Mauro de Oliveira. **Virtualidade e Violência nas redes de informação**: um olhar sobre construções de memória na era tecnológica. Tese (Doutorado em Memória Social) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

CAETANO, Marcio; SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço da; GOULART, Treyce Ellen Silva. Famílias, masculinidades e racialidades na escola: provocações queer e decoloniais. **Revista da FAEEDBA: Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 25, n. 45, p. 127-143, abr. 2016.

CAMARGO, *et al.* (Orgs.). **Saúde da criança e do adolescente**: enfoques sobre hospitalização e violência, 1. ed. Curitiba: Appris, 2020.

CHARLOT, B. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 4, n. 8, p. 432-443, 2002. Disponível em: <https://goo.gl/neKN7Y>. Acesso em: 17 dec. 2018

CHRISPINO, Alvaro; DUSI, Miriam Lucia Herrera Masotti. Uma proposta de modelagem de política pública para a redução da violência escolar e promoção da Cultura da Paz. **Educ**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 61, p. 597-624, dez. 2008.

COSTA, P. *et al.* Adolescentes portugueses e o bullying escolar: estereótipos e diferenças de gênero. **Interacções**, Lisboa, v. 9, n. 25, p. 180-201, 2013. DOI <https://doi.org/10.25755/int.2857>. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/2857>. Acesso em: 05 dez. 2018.

COVALESKI, Rogério Luiz. **O processo de hibridização da publicidade**: entreter e persuadir para interagir e compartilhar. 2010. 176 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2010.

CUNHA, J.M, WEBER, L.N.D, STEINER, N. P. Escala de Vitimização e Agressão entre Pares (EVAP). In: WEBER, L.N.D, DESSEN, M.A., **Pesquisando a família**: Instrumentos para coleta e análise de dados. Curitiba: Juruá, 2011. p. 103-114.

DALCIN, C. B. *et al.* Factors associated with violence in schools: extending knowledges and practices for nursing. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 25, n. 4, e4530014, 2016. Disponível em: <https://goo.gl/itr7BB>. Acesso em: 07 dec. 2018.

DEBARBIEUX, E. A violência na escola francesa: 30 anos de construção social do objeto (1967-1997). **Educ. Pesq.**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 163-93, jun. 2001. Disponível em: <https://goo.gl/kfKZgC>. Acesso em: 30 dez. 2018.

DEBARBIEUX, E. Violência nas escolas: divergências sobre palavras e um desafio político. In: DEBARBIEUX, E; BLAYA, C. (Org.). **Violência nas escolas e políticas públicas**.

Brasília, DF: Unesco, 2002. p. 57-87. Disponível em: <https://goo.gl/EG2Gku>. Acesso em: 07 dez. 2018.

DRUMMOND, A. E.; COUTO, E. S.; SILVA, C. Cultura da mobilidade: relação de professores com o smartphone. *In: PORTO, C. et al. (Orgs.). Pesquisa e mobilidade na cibercultura: itinerâncias docentes*. 1. ed. Salvador: Edufba, 2015.

ESCOSTEGUY, C.C. Estudos de intervenção. *In: MEDRONHO, R.A.; BLOCH, K.V.; LUIZ, R.R., WERNECK, G. L. Epidemiologia*. 2 ed. São Paulo: Atheneu, 2009.

ESPEJO, J. C. Discriminación y violencia homofóbica en el sistema escolar: estrategias de prevención, manejo y combate. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 23, e230031, p. 1- 20, 2018. Disponível em: <https://goo.gl/wrKr4v>. Acesso em: 20 dez. 2019.

ESPELAGE, D. L. et al. Emerging issues in school bullying research & prevention science. **Theory into Practice**, [S. l.], v.52 n. 4, p. 229-32, 2013. Disponível em: <https://goo.gl/u6BWPM>. Acesso em: 20 nov. 2018.

ESPELAGE, Dorothy L.; MERRIN, Gabriel J.; HATCHEL, Tyler. Peer Victimization and Dating Violence Among LGBTQ Youth. **Youth Violence And Juvenile Justice**, [S. l.], v. 16, n. 2, p. 156-173, 27 dez. 2016. DOI <http://dx.doi.org/10.1177/1541204016680408>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1541204016680408>. Acesso em: 20 ago 2018.

FERRARA, Pietro; FRANCESCHINI, Giulia; VILLANI, Alberto; CORSELLO, Giovanni. Physical, psychological and social impact of school violence on children. **Italian Journal Of Pediatrics**, [S. l.], v. 45, n. 1, p. 45-76, 27 jun. 2019. DOI <http://dx.doi.org/10.1186/s13052-019-0669-z>. Disponível em: <https://ijponline.biomedcentral.com/articles/10.1186/s13052-019-0669-z>. Acesso em: 17 jan 2021.

FERREIRA PAIVA, Marlla R.; FEIJÃO PARENTE, José R.; ROCHA BRANDÃO, Israel; BONFIM QUEIROZ, Ana H. Metodologias ativas de ensino-aprendizagem: revisão integrativa. **Sanare - Revista de Políticas Públicas**, [S. l.], v. 15, n. 2, 2017. Disponível em: <https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/1049>. Acesso em: 22 jan. 2023.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 53 ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2022.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2011.

FRICK, L. T. **Estratégias de prevenção e contenção do bullying nas escolas: as propostas governamentais e de pesquisa no Brasil e na Espanha**. Tese (doutorado em educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://goo.gl/sXR5TM>. Acesso em: 30 nov. 2018.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p.

GABBAY, M. M. Transfiguração e Sexualidade: a herança “suja” de Michel Maffesoli para os estudos do cotidiano. **Revista Mídia e Cotidiano**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 89-108, 30 ago. 2019.

GERSHOFF, T. E. School corporal punishment in global perspective: prevalence, outcomes, and efforts at intervention. **Psychol Health Med.**, [S. l.], v. 22, p. 224-39, 2017. Disponível em: <https://goo.gl/ivrgWh/>. Acesso em: 29 nov. 2018.

HUGHES, Conrad. Addressing violence in education: from policy to practice. **Prospects**, [S. l.], v. 48, n. 1-2, p. 23-38, 13 jun. 2019. DOI <http://dx.doi.org/10.1007/s11125-019-09445-1>. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s11125-019-09445-1>. Acesso em: 14 abr. 2021.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS
ANÍSIO TEIXEIRA. Sinopses Educação Básica. 2017. Disponível em:
<https://goo.gl/qwT5oW>. Acesso em: 30 nov. 2016.

JESUS, Joselito Manoel de; SILVA, Ana Lúcia Gomes da; SILVA, Zuleide Paiva da. Práxis na cibercultura: dialógica entre a pedagogia freiriana e as pedagogias feministas. **Revista Docência e Cibercultura**, Nova Iguaçu, RJ, v. 5, n. 3, p. 53-83, 13 out. 2021. DOI <https://doi.org/10.12957/redoc.2021.60085>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/60085>. Acesso em: 14 fev. 2022.

JULIÃO, Patrícia Pinto. **Alterações comportamentais na geração z resultantes do uso frequente do instagram**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Computação) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Católica Portuguesa, Portugal, 2022.

KANN, L. et al. Youth Risk Behavior Surveillance-United States. **Morbidity and Mortality Weekly Report**, [S. l.], v. 65, n. 6, p. 1-174, 2015. Disponível em: <https://goo.gl/nns1Fi>. Acesso em: 03 dez. 2018.

KRUG, E.G. *et al.* **Relatório Mundial sobre Violência e Saúde**. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2002.

LEFEVRE, Fernando; LEFEVRE, Ana Maria Cavalcanti. **O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos)**. 2. ed. Caxias do Sul, RS: Educus, 2005.

LÉVY, P. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LIDOINO, Andreia Cristina Pontarolo; SANTOS, Digilaini Machado dos; REIS, Geilson de Arruda. Reflexões sobre a formação continuada de professores na contemporaneidade. **Investigação, Sociedade e Desenvolvimento**, [S. l.], v. 9, n. 9, p. 1-12, e19996473, 9 ago. 2020. DOI <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i9.6473>. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/6473>. Acesso em: 10 nov. 2018.

LIMA, D. M. **Nada contra, apenas não curto: educações e construções do corpo afeminado no/pelo Scruff**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017. Disponível em: <https://goo.gl/93HdbQ>. Acesso em: 12 jul. 2018.

LOVATO, Fabricio Luís *et al.* Metodologias Ativas de Aprendizagem: uma breve revisão. **Acta Scientiae**, Canoas, v. 20, n. 2, p. 154-171, maio 2018.

LUCASSEN, M. F. G.; CLARK, T. C.; MOSELEN, E. **Youth'12**: the health and wellbeing of secondary school students in New Zealand; results for young people attracted to the same sex or both sexes. Auckland: The University of Auckland, 2014. Disponível em: <https://goo.gl/FY7cBd>. Acesso em: 20 nov. 2018.

MACÊDO, R. M. A. **Juventudes, cultura da paz e escola**. Parnaíba: Acadêmica Editorial, 2020.

MACHADO, M. F. A. S. *et al.* Programa saúde na escola: estratégia promotora de saúde na atenção básica no Brasil. **J. Hum. Growth Dev.**, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 307-12, 2015. Disponível em: <https://goo.gl/Z5bw2c>. Acesso em: 01 dez. 2018.

MAGALHÃES, K. C. S. M; SANTOS, S. D. M. Expressões da violência na escola: relações paradoxais presentes nas publicações científicas brasileiras. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 161-79, jul. 2016. Disponível em: <https://goo.gl/dgFA47>. Acesso em: 30 dez. 2018.

MALTA, D. C. *et al.* Bullying in Brazilian school children: analysis of the National Adolescent School-based Health Survey (PeNSE 2012). **Rev. bras. epidemiol.**, São Paulo, v. 17, p. 92-105, 2014. Supl. 1. Disponível em: <https://goo.gl/CTyyQD>. Acesso em: 04 jan. 2019.

MARCOLINO, E. C. *et al.* Bullying: prevalência e fatores associados à vitimização e à agressão no cotidiano escolar. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 27, n. 1, e5500016, 2018. Disponível em: <https://goo.gl/efDKBu>. Acesso em: 30 nov. 2019.

MARTINS, Eduardo Espindola Braud; VIANA, Rodrigo Ferreira. Por uma visão de linguagem ciborgue e coletiva. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 58, n. 2, p. 496-519, mai./ago. 2019. DOI <http://dx.doi.org/10.1590/010318135417215822019>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/QmPjMxDh9WqvMMZTcbxzfzz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 fev. 2020.

MASSON, Livia Neves *et al.* A educação em saúde crítica como ferramenta para o empoderamento de adolescentes escolares frente às suas vulnerabilidades em saúde. **Reme: Revista Mineira de Enfermagem**, Belo Horizonte, v. 24, p. 01-07, 2020. DOI <http://dx.doi.org/10.5935/1415-2762.20200023>. Disponível em: <http://www.revenf.bvs.br/pdf/remef/v24/1415-2762-remef-24-e1294.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2021.

MATTA, Thenessi Freitas; TAQUETTE, Stella Regina; SOUZA, Luciana Maria Borges da Matta; MORAES, Claudia Leite de. Diversidade sexual na escola: estudo qualitativo com estudantes do ensino médio do município do Rio de Janeiro, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 11, p. 1-13, 2021. DOI <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00330820>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/csp/a/DtFf3qtxMDdtkQnRvfSq4D/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 jul. 2022.

MEIRELLES, Fernando. Panorama do Uso de TI no Brasil – 2022. **FGV**, Rio de Janeiro, 26 mai. 2022. Disponível em: <https://portal.fgv.br/artigos/panorama-uso-ti-brasil-2022>. Acesso em: 14 ago. 2022.

MELLA, E. R. *et al.* Emotion and Exclusion: Key Ideas from Vygotsky to Review our Role in a School with a Cultural Diversity Setting. **Rev. bras. educ. espec.**, Marília, v. 23, n. 2, p. 169-184, jun. 2017. Disponível em: <https://goo.gl/3Jg5ec>. Acesso em: 26 nov. 2018.

MELLO, F. C. M. *et al.* Evolution of the report of suffering bullying among Brazilian schoolchildren: National Scholl Health Survey - 2009 to 2015. **Rev. bras. epidemiol.**, São Paulo, v. 21, e180015, 2018. Supl. 1. Disponível em: <https://goo.gl/L4H8Jx>. Acesso: em 04 jan. 2019.

MENDES, Rosilda; PEZZATO, Luciane Maria; SACARDO, Daniele Pompei. Pesquisa-intervenção em promoção da saúde: desafios metodológicos de pesquisar **com**. **Ciência & Saúde Coletiva**, [S.L.], v. 21, n. 6, p. 1737-1746, jun. 2016. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232015216.07392016>.

MINAYO, M. C. S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 621-26, nov. 2012. DOI <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000300007>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/39YW8sMQhNzG5NmpGBtNMff/?lang=pt>. Acesso: 05 dez. 2022.

MINAYO, M. C. S; SOUZA, E. R.(Org). **Violência sob o olhar da saúde**: a infrapolítica da contemporaneidade brasileira. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2003.

MONTEIRO NETO, Benedito da Conceição. **Da epistemologia moderna à epistemologia complexa de Edgar Morin**: repercussões sobre o humanismo. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2021.

MOTA, R. S. *et al.* Adolescentes escolares: associação entre vivência de bullying e consumo de álcool/drogas. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 27, n. 3, 2018. Disponível em: <https://goo.gl/rTBP9o>. Acesso em: 01 dez. 2018.

MOURA, D. L; LOVISOLO, H. Ritual of violence in physical education classes. **J. Phys. Educ.**, Maringá, v. 28, e 2822, 2017. Disponível em: <https://goo.gl/EHdiko>. Acesso em: 27 nov. 2018.

MUSU-GILLETTE, L., *et al.* Indicators of School Crime and Safety: 2017. **National Center for Education Statistics and Bureau of Justice Statistics**. Washington: [S. n.], 2018. Disponível em: <https://goo.gl/aMX9HV>. Acesso em: 26 nov. 2018.

ODALIA, N. **O que é violência**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.

OLIVEIRA, K. J. E; ALVEZ, A. L.; PORTO, C. M. Dispositivos digitais e aprendizagem ubíqua: um experimento com a inversão de sala de aula. **Interfaces Científicas**, Aracaju, v. 5, n. 2, p. 53-62, fev. 2017. Disponível em: <https://goo.gl/EfDVbZ>. Acesso em: 10 jan. 2018.

OLIVEIRA, Wanderlei Abadio de *et al.* Percepções de estudantes sobre bullying e família: um enfoque qualitativo na saúde do escolar. **Cadernos Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 158-165, jun. 2019. DOI <http://dx.doi.org/10.1590/1414-462x201900020478>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cadsc/a/dQLTbyg8VQ4PGDF5dHrThTg/?lang=pt>. Acesso em: 29 ago 2020.

OLIVEIRA-MENEGOTTO, Lisiane Machado de; MACHADO, Isadora. Bullying escolar na perspectiva dos professores. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 321-340, abr. 2018.

OLWEUS, D; LIMBER, S. P. Bullying in School: Evaluation and Dissemination of the Olweus Bullying Prevention Program. **American Journal of Orthopsychiatry**, [S. l.], v. 80, n. 1, p. 124-34, jan. 2010. Disponível em: <https://goo.gl/bFLkRM>. Acesso em: 30 nov. 2018.

PAIVA, Fernando. **Uso de apps no Brasil**. [S. l.]: Mobile Time; Opinion Box, 2021. (Relatório da pesquisa Panorama). Disponível em: <https://www.mobiletime.com.br/pesquisas/uso-de-apps-no-brasil-dezembro-de-2021/>. Acesso em: 14 mar 2019.

PEREIRA, S. M; BARRETO, M. L. Estudos de intervenção. *In*: ALMEIDA FILHO, N.; BARRETO, M. L. **Epidemiologia & saúde: fundamentos, métodos, aplicações**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.

PINHEIRO, S. P. **Informe mundial sobre la violencia contra los niños y niñas**. Espanha: UNICEF, 2017. Disponível em: <https://goo.gl/G56K5t>. Acesso em: 30 nov. 2018.

POLIT, D. F.; BECK, C. T.; HUNGLER, B. P. **Fundamentos de Pesquisa em Enfermagem: avaliação de Evidências para a Prática da Enfermagem**. 9. ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2018.

PORTAL QEDU. **IDEB: EE – Colégio Estadual Raphael Serravalle**. [S. l.], Meritt: Fundação Lemann, 2021. Online. Disponível em: <https://qedu.org.br/escola/29182271-ee-colegio-estadual-raphael-serravalle/ideb#:~:text=Os%20alunos%20est%C3%A3o%20acima%20da,de%2097%20ou%20perto%20dela>. Acesso em: 21 jan. 2022

PORTO, Maria do Rosario Silveira. Gilbert Durand e Edgar Morin: um encontro possível. *In*: CHAVES, Iduina Mont'alverne Braun; ALMEIDA, Rogério de (Org.). **100 anos Gilbert Durand**. São Paulo: Feusp, 2022. p. 64-75.

QUIROGA, Ginger Yelena Burgos. **Violencia en redes sociales: cyberbullying en adolescentes usando facebook e instagram, primer semestre 2020**. Documento probatorio del examen complejo de grado previo a la obtención del título de licenciado en comunicación social – Facultad de Ciencias Jurídicas, Sociales y de la Educación, Universidad Técnica de Babahoyo, Babahoyo - Ecuador, 2020.

RAMOS, C. L. S; GOMEZ, G. C. La investigación sobre la violencia escolar en México: tendencias, tensiones y desafíos. **Cultura representaciones soc**, México, v. 12, n. 24, p. 213-45, 2018. Disponível em: <https://goo.gl/pVJJXo>. Acesso em: 30 nov. 2020.

REIS, A. C; MALTA, D. C; FURTADO, L. A. C. Desafios para as políticas públicas voltadas à adolescência e juventude a partir da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE). **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 9, p. 2879-2890, set. 2018. Disponível em: <https://goo.gl/gFJq6b>. Acesso em: 30 nov. 2018.

RISTUM, M. **O conceito de violência de professoras do ensino fundamental**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001. Disponível em: <https://goo.gl/MNFk3K>. Acesso em: 30 set. 2018.

RISTUM, M. Violência e escola: algumas questões conceituais e metodológicas. *In*: NORONHA, C. V. *et al.* (Orgs.). **Escolas em tempo de crise: estudos e pesquisas sobre conflitos e violências interpessoais**. 1. ed. Salvador: Edufba, 2017.

ROMAN, Cassiela *et al.* Metodologias ativas de ensino-aprendizagem no processo de ensino em saúde no brasil: uma revisão narrativa. **Clinical & Biomedical Research**, Porto Alegre, RS, v. 37, n. 4, p. 349-357, 2017. DOI <http://dx.doi.org/10.4322/2357-9730.73911>. Disponível em: <https://doi.editoracubo.com.br/10.4322/2357-9730.73911>. Acesso: 25 set. 2019.

SCHROEDER, Tania Maria Rechia; ABREU, Claudia Barcelos de Moura; ALVES, Fabio Lopes. Michel Maffesoli e as definições do contemporâneo. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 24, n. 60, p. 458-469, ago. 2018. DOI <http://dx.doi.org/10.1590/18070337-118308>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/M8BZtHxqk36qQwBMKtk4K9v/?lang=pt>. Acesso em: 29 nov. 2022.

SCHÜTZ, Jenerton Arlan; FUCHS, Cláudia; COSTA, Carlos Odilon da. Universidade, pesquisa e docência: reflexões críticas sobre os abusos do atual governo. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, [S.L.], v. 13, n. 32, p. 1-19, 21 jan. 2020. *Revista Tempos e Espaços em Educacao*. <http://dx.doi.org/10.20952/revtee.v13i32.12530>.

SHETGIRI, R. Bullying and victimization among children. **Advances in pediatrics**, [S. l.], v. 60, p. 33-51, 2013. Disponível em: <https://goo.gl/NnRCG2>. Acesso em: 29 nov. 2018.

SILVA, A. E. D. C. **Redes móveis de produções: os tablets na prática pedagógica**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017. Disponível em: <https://goo.gl/FNSQ7b>. Acesso em: 10 jan. 2019.

SILVA, Geany Carla Barros; COUTINHO, Diogenes José Gusmão. Um estudo sobre a violência escolar e suas consequências. **Brazilian Journal Of Development**, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 7718-7731, 2020. DOI <http://dx.doi.org/10.34117/bjdv6n2-176>. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/6947/6108>. Acesso em: 16 jun. 2021.

SILVA, Marilda da; SILVA, Adrielle Gonçalves da. Professores e Alunos: o engendramento da violência da escola. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, RS, v. 43, n. 2, p. 471-494, jun. 2018. DOI <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623664089>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/edreal/a/KkpwpK7Q8ydWrtpz7gG663p/?lang=pt>. Acesso em: 09 jul 2018.

SILVA, Mônica Thais Cordeiro da. **A construção do ethos da violência no Instagram: uma análise de selfies da hashtag #profchato**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) - Unidade Acadêmica de Garanhuns, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Garanhuns, 2019.

SITTICHAJ, R.; SMITH, PK. Bullying in south-east Asian countries: A review. **Aggression and Violent Behavior**, London, v. 23, p. 22–35, 2015. Disponível em: <https://goo.gl/vmZh27>. Acesso em: 20 nov. 2018.

SOUZA, Rebeca Wesla Veloso de; LIMA, Gleci Mar Machado de. A vida conforme o paradigma tecnológico: violência e solidão no mundo globalizado. **Revista Científica do Unirios**, Paulo Afonso, BA, v. 14, n. 23, p. 380-388, ago. 2020.

STELKO-PEREIRA, A. C. **Avaliação de um programa preventivo de violência escolar: planejamento, implantação e eficácia**. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2012.

STELKO-PEREIRA, A. C.; WILLIAMS, L. C. A.; FREITAS, L. C. Validade e consistência interna do questionário de investigação de prevalência de violência escolar – versão estudantes. **Avaliação Psicológica**, Campinas, v. 9, n.3, p. 403-411, 2010.

STELKO-PEREIRA, A. C.; WILLIAMS, L. C. A. Reflexões sobre o conceito de violência escolar e a busca por uma definição abrangente. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 18, n. 1, p. 45-55, 2010. Disponível em: <https://goo.gl/QD68mQ>. Acesso em: 30 dez. 2018.

STELKO-PEREIRA, Ana C.; BRITO, Rayssa M. de S.; BATISTA, Danielle G.; GONDIM, Raianny de S.; BEZERRA, Vanessa M. Virtual violence between students of elementary school in different States of Brazil. **Revista Psicologia da Educação**, Perdizes, SP, v. 1, n. 46, p. 21-30, 2018. DOI <http://dx.doi.org/10.5935/2175-3520.20180003>.

STIGAR, Robson. A evolução do pensamento de Edgar Morin no tempo e no espaço. **Revista de Estudos Vale do Iguaçu**, Foz do Iguaçu, v. 1, n. 37, p. 14-42, jun. 2021.

TABET, Ciro José; SOUZA, Rosalia Beber de; BAETA, Odemir Vieira. Hibridismo cultural e identidades nas organizações: uma possibilidade analítica. **Espacios**, Mexico, v. 37, n. 34, p. 1-10, 2016. Disponível em: <https://www.revistaespacios.com/a16v37n34/16373401.html>. Acesso em: 20 dez. 2022.

TADEU, Tomaz. O corpo elétrico e a dissolução do humano. *In*: HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz (Org.). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 7-17.

TAQUETTE, S. R.; MONTEIRO, D. L. M. Causes and consequences of adolescent dating violence: a systematic review. **Journal of Injury and Violence Research**, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 137–147, 2019. DOI: 10.5249/jivr.v11i2.1061. Disponível em: <https://www.jivresearch.org/jivr/index.php/jivr/article/view/1061>. Acesso em: 8 dez. 2022.

TOVAR, Miguel Ángel. Convivencia Escolar: punto de convergencia para la cultura de paz en las instituciones educativas venezolanas. **Revista Arbitrada del Cieg**, Barquisimeto, VEN, v. 38, n. 1, p. 150-162, ago. 2019.

UNICEF. **An Every Day Lesson: #ENDviolence** in schools. New York: UNICEF, 2018. Disponível em: <https://www.unicef.org/media/73516/file/An-Everyday-Lesson-ENDviolence-in-Schools-2018.pdf.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2018.

UNICEF. **Cenário da exclusão escolar no Brasil**: um alerta sobre os impactos da pandemia da Covid-19 na educação. [S. l.]: UNICEF: CENPEC, 2021. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/relatorios/cenario-da-exclusao-escolar-no-brasil>. Acesso em: 6 jun. 2022.

USO de internet, televisão e celular no Brasil. **IBGEeduca**, [S. l.], 2019. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/20787-uso-de-internet-televisao-e-celular-no-brasil.html>. Acesso em: 20 abr. 2020.

VARGAS, Juliana; SARAIVA, Karla. Feminismos e redes sociais: (in)ações e (im)possibilidades de jovens de periferia urbana. **Praxis Educativa**, Ponta Grossa, PR, v. 14, n. 3, p. 1188-1209, 2019. DOI <http://dx.doi.org/10.5212/praxeduc.v.14n3.021>. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/13533>. Acesso em: 14 set. 2020.

VASCONCELOS, Ivar César Oliveira de. Violência Escolar. **Sisyphus – Revista de Educação**, Lisboa, v. 7, n. 3, p. 45-73, 31 out. 2019. DOI <http://dx.doi.org/10.25749/SIS.18224>. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/sisyphus/article/view/18224>. Acesso em: 12 mar. 2020.

WEBER, L. N. D.; SALVADOR, A. V.; BRANDENBURG, O. J. Escalas de Qualidade na Interação Familiar. In: WEBER, L. N. D; DESSEN, M. A., **Pesquisando a família: Instrumentos para coleta e análise de dados**. Curitiba: Juruá, 2011. p. 61-72.

WOLKE, D.; LEREYA, S. T. Long-term effects of bullying. **Archives of Disease in Childhood**, [S. l.], v. 100, p.879-885, 2015. Disponível em: <https://goo.gl/LnHhje>. Acesso em: 20 nov. 2018.

WOLKE, D. *et al.* Bullying involvement in primary school and common health problems. **Arch Dis Child**, [S. l.], v.85, p.197–201, 2001.

APÊNDICE A – Instrumento de coleta de dados

Nº. de ordem:				
----------------------	--	--	--	--



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE ENFERMAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM E SAÚDE

Efetividade de uma intervenção educativa no enfrentamento da violência escolar através das tecnologias digitais

INSTRUMENTO 1: INQUÉRITO SOCIOECONÔMICO E DEMOGRÁFICO

BLOCO 1: CARACTERÍSTICAS SÓCIODEMOGRÁFICAS	
1. Iniciais do nome:	2. Qual a sua data de nascimento?
3. Qual o bairro você mora:	4. Qual a rua você mora?
5. Sexo 1() Masculino 2() Feminino	6. Gênero 1() Menino/Homem 2() Menina/Mulher
7. Qual a sua orientação sexual? 1() Heterossexual 2() Lésbicas 3() Gay 4() Bissexual 5() Travesti 6() Transexual 7() Outro	
8. Para você qual a sua cor/raça? 1() Branca 2() Amarela (oriental) 3() Parda 4() Origem Indígena 5() Preta	
9. Qual a sua religião ? 1() Sem religião 2() Protestante ou Evangélica 3() Católica 4() Espírita 5() Umbanda ou Candomblé 6() Outra	
10. Qual a sua situação conjugal? 1() Solteiro (a) 3() Casado (a) 2() Namorando 4() Divorciado(a) /separado(a)/desquitado(a) 5() Viúvo(a)	
11. Série de estudo? 1() 1º ano 2() 2ª ano 3() 3ª ano 4() outro	
12. Qual o nível (grau) de ensino que seu pai estudou ou estuda? 1.() Não estudou. 2.() Fundamental incompleto 3.() Fundamental completo 4.() Médio incompleto 5. () Médio completo 6.() Superior incompleto 7.() Superior completo 8.() Não sei.	
13. Qual o nível (grau) de ensino que sua mãe estudou ou estuda? 1.() Não estudou. 2.() Fundamental incompleto 3.() Fundamental completo 4.() Médio incompleto 5. () Médio completo 6.() Superior incompleto 7.() Superior completo 8.() Não sei.	
14. Qual a renda familiar mensal (em reais)?	
15. Quantas pessoas dependem dessa renda?	

INSTRUMENTO 2: TECNOLOGIAS DIGITAIS: USO DA INTERNET E REDES SOCIAIS

BLOCO 2: TECNOLOGIAS DIGITAIS USO DA INTERNET E REDES SOCIAIS Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (BRASIL, 2016) e Fundo das nações unidas para a infância (UNICEF, 2013).	
16. Nos últimos três meses, você acessou a Internet? 1() Sim 2() Não	
17. Qual o local você costuma acessar nos últimos três meses? 1() Em casa 2() no trabalho, 3() na escola 4() na casa de outras pessoas 5() em locais de acesso gratuito 5.() em locais de acesso pago 6() outro Qual/quais?	
18. Qual o ponto de acesso você utiliza? 1() banda larga/wi-fi 2() 3g 3() 4g 5() outro Qual/quais?	
18. Você possui tecnologia móvel para uso pessoal? 1() Sim 2() Não	
19. Qual tecnologia móvel você possui? 1() telefones celulares básicos 2() notebook 3() smartphones 4() tablets 5() outro Qual/quais?	20. Você acessa a internet através da tecnologia móvel? 1() Sim 2() Não
21. Quantas vezes você acessa a internet através da tecnologia móvel? 1() todo dia 2() uma vez por semana 3() uma vez por mês 4() menos de uma vez por mês	
22. Qual o seu objetivo ao acessar a internet? 1() diversão 2() se comunicar com os amigos 3() fazer trabalhos escolares 4() utilizar serviço de busca de informações 5() outro Qual/quais?	
23. Quais as suas principais atividade de diversão na internet? 1() jogos online 2() assistir a filmes e vídeos 3() assistir a TV online 4() fazer downloads 5() ler jornais e revistas 6() ouvir rádio 7() redes sociais 8() outras Qual/quais?	
24. Quais as principais ferramentas que você utiliza na internet? 1() blog 2() microblog 3() fóruns de discussão 4() sites de relacionamento 5() enviar mensagens de voz 6() e-mail 7() redes sociais 8() outras Qual/quais?	
25. Quais as redes sociais você utiliza? 1() facebook 2() instagram 3() Snapchat 4() twitter 5() youtube 6() outras Qual/quais?	
26. Você informa em suas redes sociais o local onde mora? 1() sempre 2() diante de certas condições 3() nunca 4() sem resposta	
27. Você informa o seu número de telefone em suas redes sociais? 1() sempre 2() diante de certas condições 3() nunca 4() sem resposta	
28. Você adiciona desconhecidos em suas redes sociais? 1() sempre 2() diante de certas condições 3() nunca 4() sem resposta	
29. Você já se encontrou com alguém que conheceu através das suas redes sociais? 1() sim 2() não	
30. Você costuma bloquear conteúdos para não aparecerem em suas redes sociais? 1() sempre 2() diante de certas condições 3() nunca 4() sem resposta	
31. Você bloqueia pessoas em suas redes sociais? 1() sim 2() não	

<p>32. Por que você bloqueia as pessoas em suas redes sociais?</p> <p>1() por ser desconhecido</p> <p>2() por não gostar do que ele ou ela posta</p> <p>3() para evitar que ele ou ela veja suas postagens</p> <p>4() por não gostar da pessoa</p> <p>5() por se sentir ameaçado</p> <p>6() outro</p> <p>Quais?</p>
<p>33. Você posta fotos em suas redes sociais? 1() sim 2() não</p>
<p>34. Qual o tipo de fotos que você posta em suas redes sociais?</p> <p>1() suas próprias fotos</p> <p>2() fotos com seus familiares em sua casa</p> <p>3() fotos com seus amigos em sua casa</p> <p>4() fotos com seus amigos na rua, em festas ou na escola</p> <p>5() fotos com desconhecidos</p> <p>6() outro</p> <p>Quais?</p>
<p>35. Você posta vídeos em suas redes sociais? 1() sim 2() não</p>
<p>36. Qual o tipo de vídeo que você posta em suas redes sociais?</p> <p>1() seus próprios vídeos</p> <p>2() vídeos com seus familiares em sua casa</p> <p>3() vídeos seus amigos em sua casa</p> <p>4() vídeos com seus amigos na rua, em festas ou na escola</p> <p>5() vídeos com desconhecidos</p> <p>6() outro</p> <p>Quais?</p>
<p>37. Você já sofreu algum tipo de discriminação em suas redes sociais? 1() sim 2() não</p>
<p>38. Qual(is) o(s) tipo(s) de discriminação você sofreu?</p> <p>1() por causa da sua idade</p> <p>2() por causa da sua cor/raça</p> <p>3() por causa da sua situação financeira</p> <p>4() por causa do seu sexo</p> <p>5() por causa do seu gênero</p> <p>6() por causa de sua orientação sexual</p> <p>7() por causa das suas roupas</p> <p>8() outro</p> <p>Quais?</p>
<p>39. Qual a sua reação quando sofreu a discriminação? 1() nada 2() bloqueou 3() excluiu 4() denunciou</p> <p>5() revidou 6() outra Quais?</p>
<p>40. Você já deixou de postar ou deletou algum conteúdo em suas redes sociais? 1() sim 2() não</p>

41. Por qual motivo você deixou de postar ou deletou algum conteúdo em suas redes sociais? 1() ficar com má fama entre os amigos 2() medo que os pais descubram algo 3() ter consequências profissionais 4() ter problemas com a justiça 5() outro Quais?	
42. Se você sofrer uma situação de violência em suas redes sociais a quem procura? 1() pais 2() amigos 3() página na internet 4() polícia 5() educadores/professores 6() outro Quais?	
43. A sua escola conversa sobre segurança nas redes sociais?	1() sim 2() não
44. A sua escola conversa sobre segurança na internet?	1() sim 2() não
45. Em sua casa você conversa sobre segurança na internet?	1() sim 2() não
46. Em sua casa você conversa sobre segurança nas redes sociais?	1() sim 2() não

INSTRUMENTO 3: ESCALA DE VITIMIZAÇÃO E AGRESSÃO ENTRE

BLOCO 3: ESCALA DE VITIMIZAÇÃO E AGRESSÃO ENTRE PARES (EVAP)

As respostas devem ser baseadas no que ocorreu durante nos últimos *06 meses* na escola, incluindo no caminho de ida ou volta para as aulas.

47. Você provocou colegas?	1. Nunca	2. Quase nunca	3. Às vezes	4. Quase sempre	5. Sempre
48. Você brigou quando algum colega te bateu primeiro ou fez algo que você não gostou?	1. Nunca	2. Quase nunca	3. Às vezes	4. Quase sempre	5. Sempre
49. Você deu um empurrão, socou e/ou chutou colegas?	1. Nunca	2. Quase nunca	3. Às vezes	4. Quase sempre	5. Sempre
50. Você ameaçou ferir, bater ou fez outro tipo de ameaça contra colegas?	1. Nunca	2. Quase nunca	3. Às vezes	4. Quase sempre	5. Sempre
51. Você roubou ou mexeu nas coisas de colegas?	1. Nunca	2. Quase nunca	3. Às vezes	4. Quase sempre	5. Sempre
52. Você xingou colegas?	1. Nunca	2. Quase nunca	3. Às vezes	4. Quase sempre	5. Sempre

53. Você excluiu colegas de grupos ou de brincadeiras?	1.Nunca	2.Quase nunca	3.Às vezes	4.Quase sempre	5.Sempre
54. Você colocou apelido em colegas que eles não gostaram?	1.Nunca	2.Quase nunca	3.Às vezes	4.Quase sempre	5.Sempre
55. Você incentivou colegas a brigarem?	1.Nunca	2.Quase nunca	3.Às vezes	4.Quase sempre	5.Sempre
56. Você disse coisas sobre colegas para fazer os outros rirem?	1.Nunca	2.Quase nunca	3.Às vezes	4.Quase sempre	5.Sempre
57. Os colegas te provocam?	1.Nunca	2.Quase nunca	3.Às vezes	4.Quase sempre	5.Sempre
58. Você foi empurrado, socado e/ou chutado por colegas?	1.Nunca	2.Quase nunca	3.Às vezes	4.Quase sempre	5.Sempre
59. Colegas te ameaçaram ferir, bater ou fizeram outro tipo de ameaça?	1.Nunca	2.Quase nunca	3.Às vezes	4.Quase sempre	5.Sempre
60. Colegas roubaram, mexeram ou estragaram suas coisas?	1.Nunca	2.Quase nunca	3.Às vezes	4.Quase sempre	5.Sempre
61. Você foi xingado por colegas?	1.Nunca	2.Quase nunca	3.Às vezes	4.Quase sempre	5.Sempre
62. Colegas te excluíram de grupos ou brincadeiras?	1.Nunca	2.Quase nunca	3.Às vezes	4.Quase sempre	5.Sempre
63. Colegas colocaram apelido em você que você não gostou?	1.Nunca	2.Quase nunca	3.Às vezes	4.Quase sempre	5.Sempre
64. Colegas disseram coisas sobre você para fazerem os outros rirem?	1.Nunca	2.Quase nunca	3.Às vezes	4.Quase sempre	5.Sempre

INSTRUMENTO 4: ESCALA DE QUALIDADE DE INTERAÇÃO FAMILIAR(EQIF)**BLOCO 4: ESCALAS DE QUALIDADE NA INTERAÇÃO FAMILIAR****Weber, Salvador & Brandenburg (2009)**

Responda as seguintes questões sobre o seu pai e sobre a sua mãe (ou sobre as pessoas por quem foi educado, por exemplo: madrasta, padrasto, avô, avó, tio, tia, e outros).

	MÃE	PAI
65. Meus pais costumam dizer o quanto eu sou importante para eles?	1.Nunca	1.Nunca
	2.Quase nunca	2.Quase nunca
	3.Às vezes	3.Às vezes
	4.Quase sempre	4.Quase sempre
	5.Sempre	5.Sempre
66. Meus pais brigam comigo por qualquer coisa?	1.Nunca	1.Nunca
	2.Quase nunca	2.Quase nunca
	3.Às vezes	3.Às vezes
	4.Quase sempre	4.Quase sempre
	5.Sempre	5.Sempre
67. Meus pais costumam xingar um ao outro?	1.Nunca	1.Nunca
	2.Quase nunca	2.Quase nunca
	3.Às vezes	3.Às vezes
	4.Quase sempre	4.Quase sempre
	5.Sempre	5.Sempre
68. Você costuma contar as coisas boas que me acontecem para meu pai/minha mãe?	1.Nunca	1.Nunca
	2.Quase nunca	2.Quase nunca
	3.Às vezes	3.Às vezes
	4.Quase sempre	4.Quase sempre
	5.Sempre	5.Sempre
69. Seus pais costumam falar alto ou gritar comigo?	1.Nunca	1.Nunca
	2.Quase nunca	2.Quase nunca
	3.Às vezes	3.Às vezes

	4.Quase sempre	4.Quase sempre
	5.Sempre	5.Sempre
70. Seus pais fazem carinho um no outro?	1.Nunca	1.Nunca
	2.Quase nunca	2.Quase nunca
	3.Às vezes	3.Às vezes
	4.Quase sempre	4.Quase sempre
	5.Sempre	5.Sempre
71. O que seus pais te ensinam de bom eles também fazem?	1.Nunca	1.Nunca
	2.Quase nunca	2.Quase nunca
	3.Às vezes	3.Às vezes
	4.Quase sempre	4.Quase sempre
	5.Sempre	5.Sempre
72. Você pensa que seu pai ou sua minha mãe são os melhores pais que conheço?	1.Nunca	1.Nunca
	2.Quase nunca	2.Quase nunca
	3.Às vezes	3.Às vezes
	4.Quase sempre	4.Quase sempre
	5.Sempre	5.Sempre
73. Meus pais ficam felizes quando estão comigo?	1.Nunca	1.Nunca
	2.Quase nunca	2.Quase nunca
	3.Às vezes	3.Às vezes
	4.Quase sempre	4.Quase sempre
	5.Sempre	5.Sempre
74. Meus pais costumam descontar em mim quando estão com problemas?	1.Nunca	1.Nunca
	2.Quase nunca	2.Quase nunca
	3.Às vezes	3.Às vezes

	4.Quase sempre	4.Quase sempre
	5.Sempre	5.Sempre
75. Meus pais falam mal um do outro?	1.Nunca	1.Nunca
	2.Quase nunca	2.Quase nunca
	3.Às vezes	3.Às vezes
	4.Quase sempre	4.Quase sempre
	5.Sempre	5.Sempre
76. Eu costumo contar as coisas ruins que me acontecem para meu pai/minha mãe?	1.Nunca	1.Nunca
	2.Quase nunca	2.Quase nunca
	3.Às vezes	3.Às vezes
	4.Quase sempre	4.Quase sempre
	5.Sempre	5.Sempre
77.Meus pais costumam me xingar ou falar palavrões para mim?	1.Nunca	1.Nunca
	2.Quase nunca	2.Quase nunca
	3.Às vezes	3.Às vezes
	4.Quase sempre	4.Quase sempre
	5.Sempre	5.Sempre
78.Meus pais fazem elogios um para o outro?	1.Nunca	1.Nunca
	2.Quase nunca	2.Quase nunca
	3.Às vezes	3.Às vezes
	4.Quase sempre	4.Quase sempre
	5.Sempre	5.Sempre
79.Meus pais também fazem as obrigações que me ensinam?	1.Nunca	1.Nunca
	2.Quase nunca	2.Quase nunca
	3.Às vezes	3.Às vezes

	4.Quase sempre	4.Quase sempre
	5.Sempre	5.Sempre
80. Eu me sinto amado pelos meus pais?	1.Nunca	1.Nunca
	2.Quase nunca	2.Quase nunca
	3.Às vezes	3.Às vezes
	4.Quase sempre	4.Quase sempre
	5.Sempre	5.Sempre

INSTRUMENTO 5: ESCALA DE VIOLÊNCIA ESCOLAR - VERSÃO ESTUDANTE

BLOCO 5: ESCALA DE VIOLÊNCIA ESCOLAR - VERSÃO ESTUDANTE (STELKO-PEREIRA, 2012)

Nos últimos 6 meses, algum estudante da sua escola..

81. Destruíu seus materiais de propósito?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
82. O quanto isso te prejudicou ou te fez mal?	nada	um pouco	médio	muito	muitíssimo
83. Roubou ou furtou seu material?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
84. O quanto isso te prejudicou ou te fez mal?	nada	um pouco	médio	muito	muitíssimo
85. Espalhou fofocas sobre você?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
86. O quanto isso te prejudicou ou te fez mal?	nada	um pouco	médio	muito	muitíssimo
87. Não te convidou propositalmente para atividades acadêmicas, brincadeiras e festas para te magoar?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
88. O quanto isso te prejudicou ou te fez mal?	nada	um pouco	médio	muito	muitíssimo
89. Xingou e/ou apelidou você para te ofender, durante a semana?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
90. O quanto isso te prejudicou ou te fez mal?	nada	um pouco	médio	muito	muitíssimo
91. Ameaçou que iria te agredir fisicamente?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais

92. O quanto isso te prejudicou ou te fez mal?	nada	um pouco	médio	muito	multíssimo
93. Ameaçou que iria te ridicularizar/zoar?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
94. O quanto isso te prejudicou ou te fez mal?	nada	um pouco	médio	muito	multíssimo
95. Deu tapas em você?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
96. O quanto isso te prejudicou ou te fez mal?	nada	um pouco	médio	muito	multíssimo
97. Deu socos em você?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
98. O quanto isso te prejudicou ou te fez mal?	nada	um pouco	médio	muito	multíssimo
99. Deu chutes em você?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
100. O quanto isso te prejudicou ou te fez mal?	nada	um pouco	médio	muito	multíssimo
101. Fez você tropeçar propositalmente?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
102. O quanto isso te prejudicou ou te fez mal?	nada	um pouco	médio	muito	multíssimo
103. Enviou mensagens para te ofender ou xingar?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
104. O quanto isso te prejudicou ou te fez mal?	nada	um pouco	médio	muito	multíssimo
105. Foi por qual o meio?	telefone	internet	não ocorreu		
106. Te enviou mensagens para ameaçar que iria te agredir fisicamente?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
107. O quanto isso te prejudicou ou te fez mal?	nada	um pouco	médio	muito	Muitíssimo
108. Foi por qual o meio?	telefone	internet	não ocorreu		
109. Te enviou mensagens para ameaçar que iria te ridicularizar?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
110. O quanto isso te prejudicou ou te fez mal?	nada	um pouco	médio	muito	Muitíssimo
111. Foi por qual o meio?	telefone	internet	não ocorreu		
112. Publicou mensagens sobre você te xingando ou tirando sarro?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
113. O quanto isso te prejudicou ou te fez mal?	nada	um pouco	médio	muito	Muitíssimo
114. Foi por qual o meio?	telefone	internet	não ocorreu		
115. Publicou vídeo sobre você de modo a te ofender?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais

116. O quanto isso te prejudicou ou te fez mal?	nada	um pouco	médio	muito	Muitíssimo
117. Foi por qual o meio?	telefone	internet	não ocorreu		
118. Publicou vídeo no qual você aparece de maneira que possa ser tirado sarro ou ridicularizado?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
119. O quanto isso te prejudicou ou te fez mal?	nada	um pouco	médio	muito	Muitíssimo
120. Foi por qual o meio?	telefone	internet	não ocorreu		
121. Fingiu que é você e mandou mensagens e vídeos a outras pessoas para te prejudicar?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
122. O quanto isso te prejudicou ou te fez mal?	nada	um pouco	médio	muito	Muitíssimo
123. Foi por qual o meio?	telefone	internet	não ocorreu		

Nos últimos 6 meses, algum funcionário (professor, inspetor) da sua escola..

124. Destruí seus materiais de propósito?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
125. O quanto isso te prejudicou ou te fez mal?	nada	um pouco	médio	muito	Muitíssimo
126. Roubou ou furtou seu material?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
127. O quanto isso te prejudicou ou te fez mal?	nada	um pouco	médio	muito	Muitíssimo
128. Espalhou fofocas sobre você?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
129. O quanto isso te prejudicou ou te fez mal?	nada	um pouco	médio	muito	Muitíssimo
130. Ameaçou você?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
131. O quanto isso te prejudicou ou te fez mal?	nada	um pouco	médio	muito	Muitíssimo
132. Xingou e/ou apelidou você para te ofender, durante a semana?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
133. O quanto isso te prejudicou ou te fez mal?	nada	um pouco	médio	muito	Muitíssimo
134. Te agrediu fisicamente?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
135. O quanto isso te prejudicou ou te fez mal?	nada	um pouco	médio	muito	Muitíssimo
136. Diminuiu sua nota por não gostar de você?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais

137. O quanto isso te prejudicou ou te fez mal?	nada	um pouco	médio	muito	Muitíssimo
138. Disse que você não é capaz de aprender algo?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
139. O quanto isso te prejudicou ou te fez mal?	nada	um pouco	médio	muito	Muitíssimo
140. Não permitiu que você fosse ao banheiro por não gostar de você?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
141. O quanto isso te prejudicou ou te fez mal?	nada	um pouco	médio	muito	Muitíssimo
142. Mandou avisos aos seus pais falando que fez coisas ruins sem ser verdade?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
143. O quanto isso te prejudicou ou te fez mal?	nada	um pouco	médio	muito	Muitíssimo
144. Comunicou à diretora que você fez coisas ruins sem ser verdade?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
145. O quanto isso te prejudicou ou te fez mal?	nada	um pouco	médio	muito	Muitíssimo
146. Não te protegeu enquanto outros alunos te xingavam?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
147. O quanto isso te prejudicou ou te fez mal?	nada	um pouco	médio	muito	Muitíssimo
148. Não te protegeu enquanto outros alunos riam de você?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
149. O quanto isso te prejudicou ou te fez mal?	nada	um pouco	médio	muito	Muitíssimo
150. Não te protegeu enquanto outros alunos te agrediam?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais

Nos últimos 6 meses, você para algum aluno da sua escola..

151. Destruíu materiais de propósito?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
152. Roubou ou furtou material?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
153. Espalhou fofocas?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
154. Excluiu de atividades de propósito?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
155. Xingou e/ou apelidou para ofender, durante a semana?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
156. Fez ameaças de agredir fisicamente?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
157. Jogou objetos nele(a) para machucar?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
158. Deu tapas nele(a)?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais

159. Deu socos nele(a)?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
160. Deu chutes nele(a)?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
161. Fez ele (a) tropeçar propositalmente?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
162. Enviou mensagens para ofender ou xingar?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
163. Foi por qual o meio?	telefone	internet	não ocorreu		
164. Enviou mensagens para ameaçar que iria agredir fisicamente?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
165. Foi por qual o meio?	telefone	internet	não ocorreu		
166. Enviou mensagens para ameaçar que iria ridicularizar?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
167. Foi por qual o meio?	telefone	internet	não ocorreu		
168. Publicou mensagens xingando ou tirando sarro?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
169. Foi por qual o meio?	telefone	internet	não ocorreu		
170. Publicou vídeo da pessoa de modo a ofendê-la?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
171. Foi por qual o meio?	telefone	internet	não ocorreu		
172. Publicou vídeo da pessoa de modo a ofendê-la?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
173. Foi por qual o meio?	telefone	internet	não ocorreu		
174. Fingiu que é aluno e mandou mensagens e vídeos a outras pessoas para o prejudicar?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
175. Foi por qual o meio?	telefone	internet	não ocorreu		

Nos últimos 6 meses, você na escola..

176. Fumou?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
177. Bebeu álcool?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
178. Usou droga (como: maconha, cocaína, craque, cola) ?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
179. Carregou arma como revólver para se proteger ou ameaçar?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
200. Carregou arma como faca e estilete para se proteger ou ameaçar?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais

APÊNDICE B - TCLE destinado aos adolescentes de 18 anos ou mais



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE ENFERMAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM E SAÚDE
GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISA EM SAÚDE DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE (CRESCER)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DESTINADO AOS
ADOLESCENTES DE 18 ANOS OU MAIS
(a ser impresso em frente e verso)

Título da Pesquisa: IMPACTO DE UMA INTERVENÇÃO EDUCATIVA NO ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA ESCOLAR ATRAVÉS DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS

Coordenadora do projeto: Prof.^a Dr.^a Ridalva Dias Martins Felzemburgh da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (EEUFBA) e vice-líder do Grupo de estudos e pesquisa em saúde da criança e do adolescente.

Pesquisador Colaborador: Doutorando Tilson Nunes Mota, enfermeiro, mestre em enfermagem.

Objetivos: Analisar o impacto de uma intervenção educativa no desenvolvimento de estratégias de enfrentamento da violência escolar, por adolescente, utilizando as potencialidades oferecidas pelas tecnologias digitais.

Prezado(a) Jovem, você está sendo convidado a participar de uma pesquisa.

Mas, para que serve mesmo essa pesquisa? Essa pesquisa vai nos ajudar a descobrir se você, através de uma intervenção educativa, desenvolve estratégias de enfrentamento da violência escolar, utilizando as potencialidades oferecidas pelas tecnologias digitais. Os resultados também vão contribuir para que outros estudantes utilizem as tecnologias digitais como uma estratégia para o enfrentamento da violência escolar. Ah, **se ligue**, você só participará da pesquisa se quiser e, mesmo que comece a ser entrevistado(a) e quiser desistir, tranquilo, você pode dizer que não quer mais e vamos parar na hora. Mas, caso aceite (**show!!!**) e, então você terá que participar aqui em sua escola de uma oficina educativa. Imagino que ficou curioso sobre essa oficina, **não foi?** Então, ela irá acontecer aqui mesmo em sua escola, através de dinâmicas sobre o que é a violência escolar, como você pode utilizar as tecnologias digitais e suas redes sociais, a exemplo do instagram, para o seu enfrentamento. Depois disso, passaremos alguns dias observando à #violenciaescolaraccsufba no instagram, whatsapp e/ou facebook, para saber se você fez alguma postagem sobre as temáticas discutidas na oficina. E aí, retornaremos em sua sala para te entrevistar novamente. Mas, se em algum momento, durante essa pesquisa você ficar com vergonha ou constrangido/ a, relaxa, não precisa responder.

Sempre que quiser ou precisar, estaremos a sua disposição para tirar suas dúvidas, pessoalmente, na Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, no Grupo de Estudos e Pesquisa em Saúde da Criança e do Adolescente (Crescer), localizados no endereço: Rua. Basílio da Gama, 241 Canela, Salvador - BA, 40231-300 ou pelo telefone (0xx71)3283-7602. Outro lugar que você pode procurar é o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da EEUFBA, que está disponível para esclarecer dúvidas éticas, através do telefone (71)3283-7615 ou do e-mail: cepee.ufba@ufba.br.

Certo, e depois? O que iremos fazer com esses questionários e com todas essas informações? Veja bem, esses questionários vão ficar arquivados digitalmente no grupo Crescer, por um período de cinco anos, sendo destruídos depois, mas as informações serão guardadas em um banco de dados para pesquisas futuras e serão utilizados apenas se a coordenadora da pesquisa autorizar por escrito. Outra coisa, saiba que a pesquisa seguirá as normas contidas

na Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde ou seja: garante que suas informações pessoais terão **sigilo**, anonimato e privacidade.

Ninguém, além de nós, ficará sabendo de nada do que você falar. Ah! Os resultados da pesquisa vão ser divulgados para vocês, para comunidade geral e meio científico (internet). Mas quando formos divulgar garantiremos que ninguém saberá o que você respondeu e não divulgaremos seu nome.

Você deve estar se perguntando: - O que eu ganho com isso?

Veja bem, esta pesquisa traz benefícios e pode ajudar a diversos estudantes, famílias, escolas, sociedade, pois pretendemos ajudar, com sua participação no estudo para a defesa da saúde e do desenvolvimento saudável de nossos adolescentes. Nós, também, vamos aprender muito e o trabalho poderá ajudar na melhora de serviços na área da saúde e educação, principalmente. Esses resultados também ajudarão àquelas pessoas que quiserem discutir e estudar sobre a violência escolar e as potencialidades das tecnologias digitais na escola. Assim, você estará ajudando de várias formas!! **Obrigada.**

Só mais três coisinhas... -Primeiro, se você se sentir prejudicado por qualquer dano decorrente dessa pesquisa, você tem o direito de buscar indenização e ressarcimento das despesas diretamente decorrentes de sua participação de acordo com as normas da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP). - Outra coisa bem importante é que se nós percebermos que você está precisando de atendimento em virtude de alguma situação de violência escolar te orientaremos como acessar a Rede de Atenção à Saúde/SUS e Secretaria Municipal de Saúde para maiores cuidados com você. - Ah, para não esquecer o nosso grupo também, conta com o apoio de uma psicóloga que poderá te ajudar com uma escuta profissional, caso você precise.

Se você achar que foi bem informado/a e quiser participar voluntariamente desta pesquisa, permitindo que os resultados da mesma sejam publicados, deverá assinar este documento que consta de duas vias. Uma das vias ficará com você e a outra conosco. Desde já, agradecemos a sua colaboração e nos colocamos a disposição para quaisquer esclarecimentos que porventura possam surgir.

Salvador- BA, _____ de _____ de 2019.

Participante

Profa Dra Ridalva Dias Martins Felzemburgh
(Pesquisadora Responsável)

Prof. Tilson Nunes Mota
(Pesquisador Colaborador)

APÊNDICE C – TCLE destinado a\o responsável pelo adolescente participante



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE ENFERMAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM E SAÚDE
GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISA EM SAÚDE DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE (CRESCER)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DESTINADO A\O RESPONSÁVEL

(a ser impresso em frente e verso)

Título da Pesquisa: IMPACTO DE UMA INTERVENÇÃO EDUCATIVA NO ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA ESCOLAR ATRAVÉS DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS

Coordenadora do projeto: Prof.^a Dr.^a Ridalva Dias Martins Felzemburgh da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (EEUFBA) e vice-líder do Grupo de estudos e pesquisa em saúde da criança e do adolescente.

Pesquisador Colaborador: Doutorando Tilson Nunes Mota, enfermeiro, mestre em enfermagem.

Objetivos: Analisar o impacto de uma intervenção educativa no desenvolvimento de estratégias de enfrentamento da violência escolar, por adolescente, utilizando as potencialidades oferecidas pelas tecnologias digitais.

Você está sendo convidado (a) a autorizar a participação, nessa pesquisa, do/a menor de 18 anos de idade sob sua responsabilidade. Antes de decidir, é importante que entenda o motivo da realização do estudo e no que ele consiste. Estaremos à disposição de vocês, pessoalmente, na Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia - Programa de Pós Graduação em Enfermagem e Saúde - Grupo de Estudos e Pesquisa em Saúde da Criança e do Adolescente (Crescer), localizados no endereço: Rua. Basílio da Gama, 241 Canela, Salvador - BA, 40231-300 ou pelo telefone (0xx71)3283-7602.

Esta pesquisa tem a finalidade de contribuir com o enfrentamento da violência escolar, utilizando as potencialidades oferecidas pelas tecnologias digitais, bem como, analisar o impacto de uma intervenção educativa a ser realizada na escola. A participação do/a menor é voluntária e ele/ela poderá se afastar ou desistir a qualquer momento do estudo. Após a aceitação ele/ela será entrevistado e responderá um questionário: sobre informações sociodemográficas; o uso da internet e das redes sociais; relações familiares e vivência de violência escolar. Posteriormente, realizaremos uma intervenção educativa sobre o uso das tecnologias digitais e da internet para a conscientização, prevenção e enfrentamento da violência escolar e reaplicaremos o mesmo questionário. Caso alguma(s) dessas perguntas cause constrangimento, o/a menor não precisará responder.

Esses questionários ficarão arquivados digitalmente sob a guarda da pesquisadora responsável, na UFBA, por um período de cinco anos, sendo destruídos posteriormente, entretanto, os dados serão armazenados em um banco de dados para pesquisas futuras e serão utilizados apenas com autorização escrita da coordenadora. A pesquisa seguirá a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, assegurando a ele/ela sigilo, anonimato e privacidade quanto às informações envolvidas na investigação.

Os resultados da pesquisa serão divulgados aos participantes da pesquisa e a comunidade geral e científica. Esta divulgação, em qualquer meio de apresentação, se fará de forma a garantir a confidencialidade das informações e o anonimato do indivíduo.

Esta pesquisa traz benefícios e pode ajudar a diversos estudantes, famílias, escolas, sociedade, pois pretende fomentar a defesa da saúde e do desenvolvimento saudável de nossos adolescentes. Além disso, impulsionara na melhoria dos serviços na área da saúde e educação, principalmente.

Caso haja algum prejuízo por quaisquer danos decorrentes dessa pesquisa, você, juntamente com o/a menor tem o direito de buscar indenização e ressarcimento das despesas diretamente decorrentes da participação na pesquisa de acordo com as normas da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP). Além disso, caso seja identificado algum tipo de sofrimento mental e necessidade de atendimento, em virtude de alguma situação de violência escolar orientaremos para Rede de Atenção à Saúde/SUS da Secretaria Municipal de Saúde. Vale destacar, que nosso grupo, conta com o apoio de uma psicóloga colaboradora para realizar escuta profissional, caso seja necessário. Salientamos Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da EEUFBA, que está disponível para esclarecer dúvidas éticas, através do telefone (71)3283-7615 ou do e-mail: cepee.ufba@ufba.br.

Se você achar que foi bem informado (a) e quiser autorizar voluntariamente a participação do/a menor _____ nesta pesquisa, permitindo que os resultados da mesma sejam publicados, deverá assinar este documento que consta de duas vias. Uma das vias ficará com você e a outra conosco.

Desde já, agradecemos a sua colaboração e nos colocamos a disposição para quaisquer esclarecimentos que porventura possam surgir.

Salvador- BA, _____ de _____ de 2019.

Responsável

Profa Dra Ridalva Dias Martins Felzemburgh
(Pesquisadora Responsável)

Prof. Tilson Nunes Mota
(Pesquisador Colaborador)

APÊNDICE D - TALE destinado aos responsáveis dos(as) adolescentes menores de 18 anos.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE ENFERMAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM E SAÚDE
GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISA EM SAÚDE DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE (CRESCER)**

**TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DESTINADO AOS
ADOLESCENTES MENORES DE 18 ANOS**

(a ser impresso em frente e verso)

Título da Pesquisa: IMPACTO DE UMA INTERVENÇÃO EDUCATIVA NO ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA ESCOLAR ATRAVÉS DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS

Coordenadora do projeto: Prof.^a Dr.^a Ridalva Dias Martins Felzemburgh da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (EEUFBA) e vice-líder do Grupo de estudos e pesquisa em saúde da criança e do adolescente.

Pesquisador Colaborador: Doutorando Tilson Nunes Mota, enfermeiro, mestre em enfermagem.

Objetivos: Analisar o impacto de uma intervenção educativa no desenvolvimento de estratégias de enfrentamento da violência escolar, por adolescente, utilizando as potencialidades oferecidas pelas tecnologias digitais.

Prezado(a) Jovem, você está sendo convidado a participar de uma pesquisa.

Mas, para que serve mesmo essa pesquisa? Essa pesquisa vai nos ajudar a descobrir se você, através de uma intervenção educativa, desenvolve estratégias de enfrentamento da violência escolar, utilizando as potencialidades oferecidas pelas tecnologias digitais. Os resultados também vão contribuir para que outros estudantes utilizem as tecnologias digitais como uma estratégia para o enfrentamento da violência escolar. Ah, **se ligue**, você só participará da pesquisa se quiser e, mesmo que comece a ser entrevistado(a) e quiser desistir, tranquilo, você pode dizer que não quer mais e vamos parar na hora. Mas, caso aceite (**show!!!**) e, então você terá que participar aqui em sua escola de uma oficina educativa. Imagino que ficou curioso sobre essa oficina, **não foi?** Então, ela irá acontecer aqui mesmo em sua escola, através de dinâmicas sobre habilidades de vida, o que é a violência escolar, como você pode utilizar as tecnologias digitais e suas redes sociais, a exemplo do instagram, para o seu enfrentamento. o que é a violência escolar, como você pode utilizar as tecnologias digitais e suas redes sociais, a exemplo do instagram, WhatsApp e/ou facebook, para o seu enfrentamento. Depois disso, passaremos alguns dias observando à #violenciaescolaraccsufba no instagram e/ou facebook, para saber se você fez alguma postagem sobre as temáticas discutidas na oficina. E aí, retornaremos em sua sala para te entrevistar novamente. Mas, se em algum momento, durante essa pesquisa você ficar com vergonha ou constrangido/ a, relaxa, não precisa responder.

Algumas coisas que você precisa saber antes de dizer sim ou não: O/A seu/sua responsável também terá que autorizar a sua participação nesse estudo, e se você quiser pode pedir a uma pessoa de sua confiança para ler, com você, este documento.

Sempre que quiser ou precisar, estaremos a sua disposição para tirar suas dúvidas, pessoalmente, na Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, no Grupo de Estudos e Pesquisa em Saúde da Criança e do Adolescente (Crescer), localizados no endereço: Rua. Basílio da Gama, 241 Canela, Salvador - BA, 40231-300 ou

pelo telefone (0xx71)3283-7602. Outro lugar que você pode procurar é o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da EEUFBA, que está disponível para esclarecer dúvidas éticas, através do telefone (71)3283-7615 ou do e-mail: cepee.ufba@ufba.br.

Certo, e depois? O que iremos fazer com esses questionários e com todas essas informações? Veja bem, esses questionários vão ficar arquivados digitalmente no grupo Crescer, por um período de cinco anos, sendo destruídos depois, mas as informações serão guardadas em um banco de dados para pesquisas futuras e serão utilizados apenas se a coordenadora da pesquisa autorizar por escrito. Outra coisa, saiba que a pesquisa seguirá as normas contidas na Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde ou seja: garante que suas informações pessoais terão **sigilo**, anonimato e privacidade.

Ninguém, além de nós, ficará sabendo de nada do que você falar. Ah! Os resultados da pesquisa vão ser divulgados para vocês, para comunidade geral e meio científico (internet). Mas quando formos divulgar garantiremos que ninguém saberá o que você respondeu e não divulgaremos seu nome.

Você deve estar se perguntando: - O que eu ganho com isso?

Veja bem, esta pesquisa traz benefícios e pode ajudar a diversos estudantes, famílias, escolas, sociedade, pois pretendemos ajudar, com sua participação no estudo para a defesa da saúde e do desenvolvimento saudável de nossos adolescentes. Nós, também, vamos aprender muito e o trabalho poderá ajudar na melhora de serviços na área da saúde e educação, principalmente. Esses resultados também ajudarão àquelas pessoas que quiserem discutir e estudar sobre a violência escolar e as potencialidades das tecnologias digitais na escola. Assim, você estará ajudando de várias formas!! **Obrigada.**

Só mais três coisinhas... -Primeiro, se você se sentir prejudicado por qualquer dano decorrente dessa pesquisa, você tem o direito de buscar indenização e ressarcimento das despesas diretamente decorrentes de sua participação de acordo com as normas da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP). - Outra coisa bem importante é que se acharmos que você está precisando de atendimento em virtude de alguma situação de violência escolar te orientaremos como acessar a Rede de Atenção à Saúde/SUS e Secretaria Municipal de Saúde para maiores cuidados com você. - Ah, para não esquecer o nosso grupo também, conta com o apoio de uma psicóloga que poderá te ajudar com uma escuta profissional, caso você precise.

Se você achar que foi bem informado/a e quiser participar voluntariamente desta pesquisa, permitindo que os resultados da mesma sejam publicados, deverá assinar este documento que consta de duas vias. Uma das vias ficará com você e a outra conosco. Desde já, agradecemos a sua colaboração e nos colocamos a disposição para quaisquer esclarecimentos que porventura possam surgir.

Salvador- BA, _____ de _____ de 2019.

Participante

Profa Dra Ridalva Dias Martins Felzemburgh
(Pesquisadora Responsável)

Prof. Tilson Nunes Mota
(Pesquisador Colaborador)

ANEXO A - Parecer de aprovação do comitê de ética em pesquisa

UFBA - ESCOLA DE
ENFERMAGEM DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: IMPACTO DE UMA INTERVENÇÃO EDUCATIVA NO ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA ESCOLAR ATRAVÉS DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS

Pesquisador: Ridalva Dias Martins Felzemburgh

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 08109019.0.0000.5531

Instituição Proponente: Universidade Federal da Bahia - UFBA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.168.239

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um projeto matriz que envolve ações de pesquisa e extensão de caráter intervencionista que buscará investigar o impacto de uma intervenção no enfrentamento da violência escolar através das tecnologias digitais, por meio de um estudo randomizado.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar o impacto de uma intervenção educativa no desenvolvimento de estratégias de enfrentamento da violência escolar, por adolescente, utilizando as potencialidades oferecidas pelas tecnologias digitais.

Objetivos Secundários:

- Caracterizar adolescentes escolares de uma instituição pública da cidade de Salvador, Bahia, Brasil;
- Estimar a frequência de violência vivenciada por esses adolescentes em ambiente escolar;
- Verificar os fatores associados à ocorrência de violência escolar entre esses adolescentes;
- Estimar a frequência de estratégias já desenvolvidas por esses adolescentes como enfrentamento

Endereço: Rua Augusto Viana S/N 3º Andar
Bairro: Camela **CEP:** 41.110-000
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3283-7615 **Fax:** (71)3283-7615 **E-mail:** cepes.ufba@ufba.br

Continuação do Protocolo: 3.168.239

à ocorrência de violência, através das tecnologias digitais;

-Aplicar uma intervenção educativa voltada para a compreensão de conceitos, a exemplo de violência, seu enfrentamento e tecnologias digitais;

-Acompanhar, junto aos adolescentes, o desenvolvimento e a implantação de estratégias de enfrentamento da violência escolar através das ambiências virtuais;

-Verificar os fatores associados à ocorrência de violência escolar entre esses adolescentes após as intervenções educativas realizadas;

-Proceder uma avaliação final com vistas a investigar o impacto da intervenção educativa no desenvolvimento das estratégias de enfrentamento à violência escolar através das tecnologias digitais;

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Em obediência a Resolução do Conselho Nacional de Saúde n.º 466, de 12 de dezembro de 2012, por se tratar de pesquisa que envolve seres humanos (BRASIL, 2012), o estudo será submetido à análise do Comitê de Ética em Pesquisa da EEUFBA por meio da Plataforma Brasil. Serão

respeitados os princípios da bioética, tais como, autonomia, não maleficência, beneficência, justiça e equidade, para assegurar os direitos e deveres que dizem respeito aos participantes da pesquisa, à comunidade científica e ao Estado. Aos participantes da pesquisa que compuserem a amostra no GI, será solicitada a autorização aos maiores de 18 anos, por meio do TCLE (ANEXO B), bem como, a autorização dos pais ou responsáveis pelos menores de 18 anos por meio de assinatura do TCLE (ANEXO C) e o TALE (ANEXO D). Quanto aos participantes da pesquisa que compuserem a amostra no GC, será solicitada a autorização aos maiores de 18 anos, por meio do TCLE (ANEXO E), bem como, a autorização dos pais ou responsáveis pelos menores de 18 anos por meio de assinatura do TCLE (ANEXO F) e o consentimento do próprio adolescente através do TALE (ANEXO G). Nestes documentos constam as informações referentes ao objetivo da pesquisa proposta e à intervenção educativa realizada, destacando-se a livre participação na pesquisa, bem como o direito de interromper a colaboração no momento que julgar necessário, sem prejuízo ou ônus.

Portanto, as ações previstas nesse projeto de pesquisa apresentam riscos individuais na medida em que serão desenvolvidas ações de caráter individual, a exemplo das entrevistas, e riscos coletivos, ao passo que serão realizadas ações em grupo, a exemplo das oficinas educativas. Desse modo, os riscos individuais diretos, que o desenvolvimento desse estudo pode gerar, são a

Endereço: Rua Augusto Viana S/N 3º Andar
Bairro: Canela CEP: 41.110-000
UF: BA Município: SALVADOR
Telefone: (71)3283-7615 Fax: (71)3283-7615 E-mail: capes.ufba@ufba.br

UFBA - ESCOLA DE
ENFERMAGEM DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA



Continuação do Parecer: 3.168.228

exposição e constrangimento dos participantes em relação às informações que envolvem memórias particulares relacionadas às vivências de violência escolar com potencial de rememorar emoções, frustrações e angústias. Além disso, o estudo pode desencadear a sensação de insegurança, em virtude das variáveis de interesse que serão discutidas nas oficinas, bem como, o uso das tecnologias digitais para o enfrentamento da violência escolar. A fim de garantir a minimização desses riscos, serão utilizadas as seguintes estratégias: manter o anonimato dos participantes; promover o controle dos usos das imagens; realizar o encaminhamento dos participantes que necessitarem da coordenação psicopedagógica da escola; acompanhamento pelo serviço de psicologia disponível no grupo CRESCER.

Benefícios:

Este projeto de pesquisa apresentará como benefícios, contribuir para o desenvolvimento saudável de adolescentes, em ambiente escolar, desenvolver estratégias de enfrentamento à violência escolar, auxiliar no processo de ensino aprendizagem não violento, estimular a cultura de paz, despertar nos adolescentes a potencialidade que as tecnologias digitais podem oferecer como meio no enfrentamento da violência.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto de pesquisa apresenta pertinência, utilidade para o campo científico e sobretudo para a sociedade que vivencia o fenômeno da violência. Se destacam no projeto a população alvo a ser investigada (apresenta elevada vulnerabilidade) e ao espaço que se propõe investigar (escola pública). Para tal, é descrita relevante argumentação teórica acerca do panorama da violência que afeta a população adolescente, os impactos gerados, a relação com o espaço escolar e as tecnologias digitais, as interfaces com a saúde e as ações que tem sido tomadas para o enfrentamento dessa problemática.

Com positividade observa-se a atenção dos(as) pesquisadores(as) no desenvolvimento de ações extensionistas (criação de uma ACCS) como forma de promover contribuições antecipadas à população alvo, o que denota o compromisso social esperado na formação acadêmico-científica.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos apresentados encontram-se em consonância com as recomendações presentes nas legislações para desenvolvimento de estudos envolvendo seres humanos. Estas, encontram-se claras, com linguagem pertinente para cada público apresentado e consistente no tocante ao teor das informações descritas.

Endereço: Rua Augusto Viana S/N 3º Andar
Bairro: Castelo CEP: 41.110-080
UF: BA Município: SALVADOR
Telefone: (71)3283-7615 Fax: (71)3283-7615 E-mail: capes.ufba@ufba.br

UFBA - ESCOLA DE
ENFERMAGEM DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA



Continuação do Parecer: 3.168.239

Recomendações:

Recomenda-se que seja realizado aprofundamento teórico no que concerne a relação do uso das tecnologias digitais como instrumento de interação entre o público adolescentes, sua relação com o espaço escolar (barreiras encontradas pelos profissionais da educação e a instituição escolar em lidar com essa questão), a relação das evidências científicas que apontam sobre o uso das tecnologias digitais como geradoras/potencializadoras de expressões de violências (uso indiscriminado de imagens, aliciamentos, homofobia, racismo, dentre outras), assim também com a descrição de evidências científicas que apontem o uso das tecnologias digitais como possibilidade de enfrentamento (fortalecimentos de grupos de apoio em redes sociais, coletivos, dentre outras possibilidades).

- Apresentar relatórios da pesquisa e publicar resultados.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto apresenta adequado delineamento metodológico, encontra-se claro e detalhado. Propõe-se realizar intervenção leve, assegura o rigor na realização das ações, apresenta as medidas adequadas a serem tomadas nos casos do surgimento de risco e se compromete na manutenção dos requisitos éticos e bioéticos em todas as etapas, tornando assim o projeto apto à sua aprovação.

Considerações Finais a critério do CEP:

Colegiado homologa parecer de aprovação emitido pelo relator.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMACOES_BASICAS_DO_P OBJETO_1286790.pdf	23/01/2019 15:43:33		Aceito
Outros	SOLICITACAO_CAMPO.docx	23/01/2019 15:42:22	Ridalva Dias Martins Felzemburgh	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO.pdf	21/01/2019 13:18:10	Ridalva Dias Martins Felzemburgh	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE_menores_controle.docx	21/01/2019 13:15:29	Ridalva Dias Martins Felzemburgh	Aceito

Endereço: Rua Augusto Viana S/N 3º Andar
Bairro: Canela CEP: 41.110-060
UF: BA Município: SALVADOR
Telefone: (71)3283-7615 Fax: (71)3283-7615 E-mail: cepes.ufba@ufba.br

UFBA - ESCOLA DE
ENFERMAGEM DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA



Continuação do Parecer: 3.168.239

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE_menores_18_anos_intervencao.docx	19/01/2019 18:26:06	Ridalva Dias Martins Felzemburgh	Aceito
Cronograma	Cronograma.docx	19/01/2019 18:17:52	Ridalva Dias Martins Felzemburgh	Aceito
Orçamento	orcamento.docx	19/01/2019 18:16:35	Ridalva Dias Martins Felzemburgh	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_responsavel_2.docx	19/01/2019 18:14:55	Ridalva Dias Martins Felzemburgh	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_responsavel.docx	19/01/2019 18:07:49	Ridalva Dias Martins Felzemburgh	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_18anos_mais.docx	19/01/2019 18:07:20	Ridalva Dias Martins Felzemburgh	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_18_anos_mais.docx	19/01/2019 18:06:38	Ridalva Dias Martins Felzemburgh	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	PROPONENTE.docx	19/01/2019 18:05:13	Ridalva Dias Martins Felzemburgh	Aceito
Declaração de Pesquisadores	COMPROMISSO.docx	19/01/2019 18:04:09	Ridalva Dias Martins Felzemburgh	Aceito
Declaração de Pesquisadores	CONFIDENCIALIDADE.docx	19/01/2019 18:03:38	Ridalva Dias Martins Felzemburgh	Aceito
Declaração de Pesquisadores	RESPONSABILIDADE.docx	19/01/2019 18:03:01	Ridalva Dias Martins Felzemburgh	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto.docx	19/01/2019 18:01:05	Ridalva Dias Martins Felzemburgh	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	campo.docx	19/01/2019 18:00:32	Ridalva Dias Martins Felzemburgh	Aceito

Situação do Parecer:

Endereço: Rua Augusto Viana S/N 3º Andar
Bairro: Canela CEP: 41.110-000
UF: BA Município: SALVADOR
Telefone: (71)3283-7615 Fax: (71)3283-7615 E-mail: capes.ufba@ufba.br

UFBA - ESCOLA DE
ENFERMAGEM DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA



Continuação do Processo: 3.168.239

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SALVADOR, 25 de Fevereiro de 2019

Assinado por:

**Daniela Gomes dos Santos Biscardo
(Coordenador(a))**

Endereço: Rua Augusto Viana S/N 3º Andar

Bairro: Canela

CEP: 41.110-000

UF: BA **Município:** SALVADOR

Telefone: (71)3283-7615

Fax: (71)3283-7615

E-mail: conep.ufba@ufba.br